



LUIZ RICARDO PRADO

**UMA PERSONAGEM, UM OBSERVADOR, UM ARTICULISTA:
A ESCRITA EPISTOLAR DE HÉLDER CÂMARA SOBRE O CONCÍLIO VATICANO II.**

**Universidade Federal da Grande Dourados
Dourados, 2012.**

LUIZ RICARDO PRADO

**UMA PERSONAGEM, UM OBSERVADOR, UM ARTICULISTA:
A ESCRITA EPISTOLAR DE HÉLDER CÂMARA SOBRE O CONCÍLIO VATICANO II.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em História.
Área de concentração: *História, Região e Identidades*.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Martins Júnior.

DOURADOS, 2012.

Ficha elaborada pela Biblioteca Central da Universidade Federal da Grande Dourados

262.52 Prado, Luiz Ricardo.
M 379p Uma personagem, um observador, um articulista : a escrita epistolar de Hélder Câmara sobre o Concílio Vaticano II. / Luiz Ricardo Prado. Dourados, MS : UFGD, 2012.
134 f.

Orientador: Prof.Dr. Carlos Martins Júnior.
Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Grande Dourados.

1. Concílio Vaticano II – Igreja Católica – 1962-1965. 2. Câmara, Hélder Pessoa. (Dom Hélder Câmara). 3. Escrita epistolar. I. Título.

LUIZ RICARDO PRADO

**UMA PERSONAGEM, UM OBSERVADOR, UM ARTICULISTA:
A ESCRITA EPISTOLAR DE HÉLDER CÂMARA SOBRE O CONCÍLIO VATICANO II.**

DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH/UFGD

Aprovado em _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Presidente e orientador:

Carlos Martins Junior (Dr. UFMS/UFGD)_____

2º Examinador:

Marcos Antonio de Menezes (Dr. UFG)_____

3º Examinador:

João Carlos de Souza (Dr. UFGD)_____

Quero dedicar este trabalho a três pessoas que são as principais responsáveis por sua existência – e para as quais me faltam palavras para agradecer o carinho, o afeto e os grandes momentos que vivemos juntos –, que são para mim mais que irmãos, Thais Leão Vieira, Aguinaldo Rodrigues Gomes e Miguel Rodrigues de Sousa Neto.

AGRADECIMENTOS

Com certeza, este é um momento bastante delicado. Fazer um agradecimento público a todos aqueles que me acompanharam durante este período de construção deste trabalho não é tarefa fácil, haja vista que muitas foram as pessoas que colaboraram para os resultados aqui alcançados. Em primeiro lugar, gostaria de agradecer a Deus por ter me dado esta oportunidade ímpar na minha vida. Agradeço a todas as forças positivas da casa do Preto Velho Pai João da Bahia, lugar onde durante todo este período, procurei refúgio nos momentos mais difíceis.

Gostaria de agradecer ao meu orientador, Professor Doutor Carlos Martins Júnior, que me recebeu neste Programa e, durante estes dois anos, não poupou esforços para se fazer presente e auxiliar em minhas necessidades, dividindo momentos de tensão e cansaço, mas também de alegria.

Agradeço aos Professores do Programa de Pós Graduação em História e Geografia da Universidade Federal da Grande Dourados, Mariza Lomba, Claudio Vasconcelos, João Carlos, Maria Celma, Paulo Cimo e Graciela Chamorro, os quais fizeram parte de minha formação, e também ao Cleber, nas pessoas de quem agradeço a todo o corpo docente do Programa. Agradeço ao Prof. Dr. Jérri Roberto Marin e ao Prof. Dr. Miguel Rodrigues de Sousa Neto por suas contribuições quando do Exame de Qualificação.

Agradeço também ao Professor Dr. João Carlos pelas contribuições que foram dadas durante este período de formação e ao Professor Dr. Marcos Antonio de Menezes. Aos vocês dois, muito obrigado pela disponibilidade e pelas contribuições neste trabalho.

Minha família, esteio da minha vida, meu pai, minha mãe, minha irmã e ao Roberto que, durante estes dois anos, estiveram presentes nos momentos felizes e tristes. Vocês são os maiores responsáveis por este momento; agradeço imensamente a presença de vocês em minha vida.

Agradeço especialmente ao meu tio Rogério Antonio Alves, o maior responsável por esta conquista, por acreditar em mim desde a graduação, me recebendo em sua casa, e

compartilhando comigo todos os momentos de insegurança, incerteza, me aconselhando com grande sabedoria, fazendo assim papel de pai, mãe e amigo durante essa caminhada.

Aos meus avós, Auxiliadora, Alcides e Ângela, pessoas que amo e admiro muito, e que durante esse meu Tempo de Saber”, ofereceram palavras de incentivo, servindo como um exemplo de vida.

A minha tia Nilza, por se fazer presente durante todo este período em que estive fora, se preocupando e me aconselhando da forma mais sensata possível, demonstrando-se muito amorosa. Agradeço a todos os meus tios Nilton, Sirley, João Batista, Eloisa, Adalgisa, João, José Maria, Paulinho, Solange, Ernando, Eliene, Fábio, Marcos, Maria Inês, João, Carlos, Sônia, e a todos os meus primos, pessoas simples que sempre demonstraram muito amor e carinho e também viveram comigo não só as alegrias, mas também, os habituais tropeços durante o árduo caminho da construção de conhecimento.

Agradeço à madrinha Aparecida, pessoa que amo muito e que sempre, com muito carinho, se dispôs a me ouvir em todos os momentos de angústia e também pela orações, que só você, madrinha, sabe fazer.

Agradeço à Raquel e ao João Antonio, que sempre se fizeram presentes na minha vida e também são responsáveis por este momento. Aos amigos irmãos, Lucas, Lara, Lidiane, Marcelo, Luciana, Helen, Juninho e Josiele, com os quais pude vivenciar momentos de muita alegria e descontração durante todo este tempo. Agradeço pelos conselhos e pela ajuda de todos vocês.

Quando cheguei a Uberlândia, em 2008, fiz amizades que foram de grande importância para o meu amadurecimento e que são também pessoas que fazem parte deste momento. Assim, não poderia deixar de agradecer a vocês, Geraldo, Wladimir, Maria Franco e Elba. Agradeço também a todos os meus amigos da Paróquia São Pedro, em Uberlândia: obrigado pela atenção e carinho de vocês.

Em agosto de 2011, tive a felicidade de poder contar com o apoio de pessoas que se tornaram grandes amigos; dentre elas, gostaria de ressaltar o apoio das Professoras Iara Quelho Castro e Vera Lucia Ferreira Vargas que, durante este um ano, foram solícitas e companheiras. Gostaria de agradecer também ao meu amigo, Professor Edvaldo, que foi, durante este ano, mais que amigo, um irmão, companheiro para todos os momentos. Agradeço às companheiras Ana Paula Salvador Werri e Maria Helena Andrade, duas grandes amigas que também fizeram parte deste final de dissertação, me apoiando e proporcionando momentos de descontração. Agradeço também a amizade dos Professores

Antonio Firmino, Helen Paola, Edelberto, Lena, Alonso e Ana Paula Tiete. Quero agradecer aos meus amigos Alfredo e Lilia, com os quais pude compartilhar vários momentos de descontração, durante os almoços na cantina. Enfim agradeço a todos os colegas, professores, técnicos e alunos da UFMS/CPAQ.

Durante esse período em que estive em Aquidauana, pude contar com pessoas cuja amizade fui conquistando aos poucos: agradeço a vocês, Débora Mosqueira, Sidney, Monique, Jamison, Daniel, Heloísa, Gustavo, Rogério e Bruna: com vocês pude ter vários momentos que me trouxeram a certeza de que não estava sozinho. Agradeço também a minha mais nova família, Clovis, Inês, Ana Flávia e Alexandre, a família Vivenda, que sempre me recebe como se já nos conhecêssemos há anos, obrigado pelo carinho e pela amizade.

Agradeço, na pessoa da minha querida Mãe Irene de Nanã, todo afeto recebido do pessoal da Tenda Coração de Jesus, em Uberlândia: muito obrigado a todos pelo carinho e pelas orações.

Minha amiga Ana Paula Squinelo, uma das pessoas que primeiro me recebeu quando cheguei a Mato Grosso do Sul e com que pude contar durante todo este período: gostaria de lhe agradecer pela amizade e pelo carinho.

Quando entrei no mestrado, pude contar com companhias maravilhosas, a seguir relacionadas, à quais também quero deixar registrado meu agradecimento, pela amizade e força nesta caminhada: Natália, Alexandra, Márcia e Cíntia. Obrigado a vocês pela força e pela companhia. Agradeço também ao Fernanda Martins e ao Renato Duarte, pessoas que estiveram comigo desde a seleção do mestrado, me acompanhando e dando força, e estão até hoje me auxiliando nos momentos de necessidade.

Agradeço à Professora Sylvia Cesco que, com muito carinho e dedicação, fez a revisão deste trabalho.

Enfim, agradeço a todas as pessoas que, de uma forma ou de outra, me auxiliaram e estiveram presentes durante estes dois anos de extrema importância em minha vida pessoal e profissional, em que pude fazer dos conhecimentos colhidos, Saber sistematizado, e do Saber uma proposta para a reflexão de um mundo mais justo e melhor.

Bendito sejas, Pai. Pela sede que despertas em nós, pelos planos arrojados que nos inspiras, pela chama que és Tu mesmo crepitando em nós.... Que importa que a sede fique em grande parte insatisfeita? Que importa que os planos fiquem mais no desejo do na realidade? Quem sabe mais do que Tu que o êxito independe de nós e só nos pede o máximo de entrega e de boa vontade?..

Dom Hélder Câmara.

RESUMO

Este trabalho objetiva sistematizar e compreender a percepção do arcebispo brasileiro Dom Hélder Pessoa Câmara sobre o Concílio Vaticano II, realizado entre os anos 1962 e 1965, bem como sua atuação em suas quatro sessões, especialmente a partir de temas específicos referentes à Igreja Católica Apostólica Romana como um todo, que, entretanto, mostravam-se candentes no que era, à época, o Terceiro Mundo e, nele, a América Latina, a exemplo do ecumenismo e da pobreza. Para tanto, utiliza-se da escrita epistolar de Dom Hélder Câmara endereçada aos seus amigos do Rio de Janeiro, por ele denominados “Família São Joaquim” e, posteriormente, aos amigos de Recife e Olinda, chamados de “Família Mecejanas”, “Família Joânica”, “Família Giovanica” e, finalmente, voltando a chamá-los como no início. Este trabalho, assim, não apenas visa a compreensão do Concílio Vaticano II, o último realizado pela Igreja Católica, mas, compreendê-lo por meio do olhar crítico e atuante de um dos expoentes do pensamento social católico brasileiro do século XX, Hélder Câmara.

Palavras Chaves: Igreja Católica, Dom Hélder Pessoa Câmara, Concílio Vaticano II.

ABSTRACT

This work aims to systematize and understand the perception of the Brazilian archbishop Dom Hélder Pessoa Câmara about the Second Vatican Council, conducted between 1962 and 1965, as well as his performance in the four sessions of this event, especially from specific issues concerning the Roman Catholic Church as a whole, which, however, they were burning in what was, at that time, the Third World and in it, Latin America, such as example of ecumenism and poverty. For this purpose, we use the written epistolary of Dom Hélder Câmara addressed to his friends in Rio de Janeiro, which he called "São Joaquim Family" and then to friends of Recife and Olinda, called "Family Mecejanas", "Family Joânica ", " Family Giovanica " and finally, to call them back as in the beginning. Thus, this work doesn't only aims to understand the Second Vatican Council, the last held by the Catholic Church, but to understand it through the eyes of the most critical and active's Brazilian exponent of Catholic social thought of the 20th century, Hélder Câmara.

Key-words: Catholic Church, Dom Hélder Pessoa Câmara, Vatican Council.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AC - Ação Católica

ACB - Ação Católica Brasileira

ACO - Ação Católica Operária

AIB - Ação Integralista Brasileira

CELAF - Conselho Episcopal da África

CELAM - Conselho Episcopal Latino Americano

CELAS - Conselho Episcopal da Ásia

CNBB - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

JOC - Juventude Operária Católica

JUC - Juventude Operária Católica.

JUC - Juventude Universitária Católica

LEC - Liga Eleitoral Católica

ONU - Organização das Nações Unidas

TDL – Teologia da Libertação

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	12
CAPÍTULO I	
DE INTEGRALISTA E COMUNISTA TODO MUNDO TEM UM POUCO?	
A TRAJETÓRIA DE HÉLDER PESSOA CÂMARA.....	21
1.1. Da formação familiar ao seminário.....	23
1.2. O PADRE HÉLDER CÂMARA.....	26
1.3. A CRIAÇÃO DA CNBB.....	32
1.4. Dom Hélder Pessoa Câmara: um bispo para os pobres brasileiros.....	33
1.5. Dom Hélder e o Concílio Vaticano II.....	36
1.6. A transferência de Dom Hélder.....	40
CAPÍTULO II	
UMA ABERTURA NÃO TÃO GRADUAL:	
O CONCÍLIO VATICANO II (1962-1965).....	45
2.1. UMA IGREJA VOLTADA PARA SI: OS CONCÍLIOS DE TRENTO E O VATICANO I.....	47
2.2. AS PRIMEIRAS IMPRESSÕES SOBRE O CONCÍLIO.....	52
2.2.1. O PONTIFICADO DE JOÃO XXIII.....	53
2.2.2. O pontificado de Paulo VI.....	61
CAPÍTULO III	
HÉLDER CÂMARA, UM BISPO ARTICULADOR:	
POBREZA, ECUMENISMO, LITURGIA E DIVISÃO NO VATICANO II..	68
3.1. A LITURGIA.....	70
3.2. A POBREZA.....	77
3.3. O ECUMENISMO.....	83
3.4. A divisão do episcopado.....	90
CAPÍTULO IV	
AS ÚLTIMAS SESSÕES DO CONCÍLIO VATICANO II:	
ENCERRAMENTO OU PAUSA PARA UMA IGREJA ABERTA?.....	96
4.1. A TERCEIRA SESSÃO.....	98
4.2. O GRUPO ECUMÊNICO E DA POBREZA.....	99
4.3. A COLEGIALIDADE NO EPISCOPADO.....	104
4.4. MODIFICAÇÕES LITÚRGICAS.....	106
4.5. TEMÁTICAS RECORRENTES NAS TERCEIRA E QUARTA SESSÕES.....	108
4.6. QUARTA SESSÃO.....	113
4.7. A POSSIBILIDADE DO CONCÍLIO VATICANO III.....	120
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	124
BIBLIOGRAFIA.....	130

APRESENTAÇÃO

Da galheta cheia uma só gota foi chamada a participar da oferenda Divina. Por que aquela e não outra? Não vemos nada. Não sabemos nada. Comoveu-me a placidez da água refrescante que logo a seguir lavou humilde e feliz as minhas mãos de pecador.

Dom Hélder Câmara

Procurando traçar um panorama do que denominou de “breve século XX”, Eric J. Hobsbawm destacou que a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) assinalou o “colapso da civilização ocidental do século XIX”, afirmando ainda que, para essa “civilização”, as décadas que vão da eclosão da Primeira Guerra Mundial aos resultados da Segunda (1939-1945) foram uma “Era de Catástrofe”. Na expressão do autor, a civilização ocidental que se esvaiu a partir de 1914 era:

Capitalista na economia, liberal na estrutura legal e constitucional, burguesa na imagem de sua classe hegemônica característica; exultante com o avanço da ciência, do conhecimento e da educação e também com o progresso material e moral; e profundamente convencida da centralidade da Europa, berço das revoluções da ciência, das artes, da política e da indústria e cuja economia prevalecera na maior parte do mundo, que seus soldados haviam conquistado e subjugado; uma Europa cujas populações (incluído o vasto e crescente fluxo de migrantes e seus descendentes) haviam crescido até somar um terço da raça humana; e cujos maiores Estados constituíam o sistema da política mundial.¹

Acompanhando o raciocínio de Hobsbawm, é possível afirmar que o término da Primeira Guerra Mundial representou o momento em que a Santa Sé foi posta frente a frente com o problema crucial de que a Igreja Católica perdia, cada vez mais, a capacidade

¹ HOBBSAWM, Eric J. *Era dos Extremos. O Breve Século XX*. SP: Cia das Letras, 1995, p. 16.

de chamamento à conversão de um mundo (particularmente do mundo ocidental) marcado por intensas transformações.

No início do século XX a Igreja de Roma ainda considerava o liberalismo seu principal adversário, atribuindo a ele não só a responsabilidade pela descristianização, como por todos os males e erros modernos que afligiam a sociedade. A crítica das autoridades católicas a essa corrente filosófica recaía essencialmente sobre o racionalismo, que opunha o procedimento do espírito crítico ao ensino dogmático, e o individualismo, que conferia à vontade individual um estatuto de regra social. De acordo com René Rémond:

Essa denúncia ao liberalismo continuará por muito tempo ainda a referência para a apreciação de outros sistemas. Ela explica certas simpatias por ideólogos que exaltavam a autoridade ou sujeitavam o indivíduo às exigências coletivas, do mesmo modo que foi responsável por complacências prolongadas em relação a regimes que se definiam por oposição ao liberalismo.²

Contudo, isso não significa afirmar que, concebendo a propriedade privada como um prolongamento da pessoa, cuja independência deveria ser terminantemente preservada, a Igreja de Roma demonstrasse maior simpatia ao marxismo, corrente filosófica pautada por postulados materialistas e na profissão ao ateísmo, materializado na política anti-religiosa praticada pelos regimes comunistas, o que em última análise reafirmava as prevenções das autoridades católicas. Isso explica a condenação, em 1938, pelo papa Pio XI, do comunismo como “intrinsecamente perverso”, e o fato da Santa Sé desaprovar qualquer tentativa de aproximação entre cristianismo e comunismo, mesmo quando uma pequena parcela de clérigos e militantes leigos entendeu ser possível distinguir no programa comunista alguns elementos da “utopia cristã”, como a solidariedade aos pobres, a exigência de justiça e a aspiração à vida fraterna, ao mesmo tempo em que se empenhava em “dissociar o projeto que o animava de uma filosofia anticristã”.³

Mais difícil e demorado foi, para Igreja Católica, reconhecer a incompatibilidade das ideologias inspiradoras dos regimes totalitários nazi-fascistas com a fé cristã, o que só

² RÉMOND, René. “O cristianismo e as ideologias do século XX”. In: CORBIN, Alain (org.). *História do Cristianismo*. SP: Martins Fontes, 2009, p. 414.

³ RÉMOND, René. “O cristianismo e as ideologias do século XX”, p. 415. Antes da Encíclica *Divini Redemptoris*, publicada em de 1938 por Pio XI, os papas já haviam condenado seguidamente o comunismo em documentos como a Encíclica *Quanta Cura* (Pio IX, 1864), as Encíclicas *Quod Apostolici Muneris* (1878), *Diuturnum Illud* (1881), *Rerum Novarum* (1891) e *Humanum Genus* (1894), todas publicadas durante o pontificado de Leão XIII. Por fim, em 1949 Pio XII fez lançar uma condenação do Santo Ofício sobre todos os que cooperassem de qualquer modo com o comunismo.

ocorreu, efetivamente, quando a experiência com o fascismo italiano levou o papado a se conscientizar do perigo da estatolatria. Assim, ao mesmo tempo em que condenava veementemente o comunismo, em 1937 Pio XI publicou a Encíclica *Mit Brenneder Sorge* (“Com Ardente Inquietação”), na qual protestava contra a situação da Igreja Católica na Alemanha e adotava uma postura rigorosa contra o racismo e o culto à força inerentes ao social-nacionalismo. É que, menos fortemente constituídas, as ideologias ditas fascistas não tinham, segundo René Rémond,

uma coerência comparável com as ideologias mais antigas e não decorriam de um mesmo juízo doutrinal. As autoridades religiosas também pagavam tributo às suas tradições teológicas, que preconizavam o respeito ao poder estabelecido, elas procuravam instaurar com esses governos relações de direito, até se convencerem de que seus interlocutores não respeitavam a palavra dada.⁴

Era esse, em linhas gerais, o mundo em acelerada transformação que a Igreja Católica vinha sendo convocada a pensar. Mais que isso, com base nas experiências vividas no período denominado por Hobsbawm de “Era de Catástrofe”, bem como nas reflexões que tais experiências viriam a suscitar, a Igreja Católica seria forçada a se repensar, de modo a dar respostas a um mundo que parecia pedir ao catolicismo que finalmente se adaptasse a ele. No centro das discussões deveria estar a superação da fratura histórica entre o cristianismo e a liberdade.

Para tanto, projetos de concílio haviam sido examinados por Pio XI, em 1922, e Pio XII, em 1948. Mas o peso da empreitada parece tê-los dissuadido, cabendo a João XXIII, eleito sucessor de Pio XII, em 28 de outubro de 1958, a iniciativa de convocar, em 25 de dezembro de 1961, o segundo Concílio do Vaticano, vigésimo primeiro concílio ecumênico, que se desenrolou na Basílica de São Pedro, em Roma, de 11 de outubro de 1962 a 8 de dezembro de 1965. Na expressão de Philippe Levillain:

A iniciativa de João XXIII, [...], não teve relação com as tentativas de seus antecessores. Chegou-se até a salientar a que ponto ela era pessoal, para melhor apresentá-la como efeito da Divina Providência. João XXIII nunca havia pensado que o concílio desejado seria tão longo e difícil. Ele havia imaginado uma reunião de alguns meses distribuídos em menos de um ano, destinada a proceder a um *aggiornamento* da Igreja, isto é, uma atualização do seu discurso e da sua prática ante o mundo moderno. O

⁴ RÉMOND, René. “O cristianismo e as ideologias do século XX”, p. 416.

termo “reforma” foi afastado para evitar qualquer confusão com as Igrejas reformadas no século XVI.⁵

Representando uma continuação tardia do Concílio Vaticano I, reunido no mesmo local de 8 de dezembro de 1869 a 20 de outubro de 1870, e suspenso sem data de retorno em 20 de outubro de 1870, devido a tomada de Roma, capital dos Estados pontificais, pela monarquia italiana, o Concílio Vaticano II, a exemplo de seu precedente, é chamado de ecumênico por ter reunido, por expressa convocação papal, todos os arcebispos, bispos e superiores das ordens religiosas do mundo inteiro, como sucessores dos Apóstolos dotados da capacidade de discutir as matérias da Igreja correspondentes à fé e aos costumes, constituindo uma assembléia deliberativa de quase duas mil e quinhentas pessoas:

A abertura solene do Concílio Vaticano II, [...], foi transmitida pela Eurovision. O evento foi ainda mais notável porque o mundo atravessava um grande período de tensões devido ao enfrentamento entre os EUA e a URSS a propósito de Cuba. Logo ficou claro que o concílio deveria enfrentar duas dificuldades: a posição ocupada pela cúria romana no desenrolar do concílio, demasiadamente importante desde a preparação deste; e o peso da opinião pública alimentada pela mídia do mundo inteiro, cada vez mais atenta e crítica. João XXIII teve de tomar a decisão de organizar sessões anuais de trabalho de um concílio que se abriu sob o signo de um conflito com os secretariados romanos, [...], acerca das modalidades de eleição das comissões conciliares. Logo no início, definiu-se uma maioria conciliar dita progressista, isto é, que desejava fazer de Vaticano II uma verdadeira assembléia deliberativa, em conformidade com o soberano pontífice, e uma minoria conservadora e reacionária, essencialmente curialista, que considerava o concílio um obstáculo à autoridade do papa e de Roma. A enorme habilidade de João XXIII e o imenso respeito que ele inspirava salvaram o concílio [...].⁶

Dentre os padres conciliares encontrava-se o então arcebispo auxiliar do Rio de Janeiro, dom Hélder Pessoa Câmara. Envolvido, desde a década de 1940, no esforço de abertura da Igreja aos mais pobres; propositor, entre outros, dos projetos de criação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e da Conselho Episcopal Latino – Americano (CELAM); considerado por muitos analistas um intelectual da Igreja Católica do século XX, Dom Hélder, integrando a corrente dos chamados clérigos progressistas, participou intensamente do Concílio Vaticano II, onde se tornou responsável não só pela criação do Grupo Ecumênico e do Grupo da Pobreza, mas também por articulações, junto a clérigos do mundo inteiro, sobretudo os latino-americanos, de idéias e proposições que, em geral, acabavam pautando as discussões nas reuniões conciliares.

⁵ LEVILLAIN, Philippe. “O Concílio Vaticano II (1962-1965)”. In: CORBIN, Alain (org.). *História do Cristianismo*. SP: Martins Fontes, 2009, p. 418.

⁶ LEVILLAIN, Philippe. “O Concílio Vaticano II (1962-1965)”, p. 417.

Não bastasse a importância do homem público e do clérigo atuante num mundo e nos quadros de uma Igreja em intensa ebulição para justificar o papel central ocupado por dom Hélder Câmara neste trabalho, outro dado de extrema relevância deve ser destacado.

Seguindo um hábito desenvolvido desde que foi ordenado padre, quando passou a reservar as madrugadas para meditar e preparar sua correspondência (hábito que preservou até o fim da vida), durante todo o período em que esteve presente no Concílio Vaticano II dom Hélder Câmara escreveu 297 cartas (ou circulares, como ele as denominou em algumas ocasiões), nas quais procurou realizar um balanço diário das reuniões, narrando detalhadamente os principais acontecimentos e ocorrências, o teor das discussões travadas dentro e fora de cada uma das quatro sessões conciliares das quais participou, além de oferecer um retrato do clima, ou estado de ânimo, que envolvia os participantes de tais discussões.

Produzidas em papel aéreo e caneta tinteiro, ao chegarem ao Brasil essas cartas eram datilografadas em cinco vias intercaladas com papel carbono e as cópias distribuídas entre seus amigos (clérigos e leigos) do Rio de Janeiro, a quem cognominava “família São Joaquim”, e de Olinda e Recife, por ele chamados de “família Mesejanas”, ambas nomeadas, ao final do concílio, de “família Joânica” e, posteriormente, “família Giovanica”, numa alusão aos papas João XXIII e Paulo VI (Giovani Montinni), respectivamente.⁷

Escrevendo diariamente e sempre às pressas, parecendo com isso querer acompanhar seus pensamentos, a intenção de dom Hélder com essas cartas era informar seus pares no Brasil, o mais rapidamente possível, sobre o andamento do concílio, permitindo-lhes não só a tomada de consciência a respeito das tensões, avanços e entraves de cada discussão conciliar, como a possibilidade de apresentarem sugestões a serem debatidas.

Em razão do exposto, essa produção epistolar constituiu-se na fonte privilegiada para o desenvolvimento do objetivo central deste trabalho, de estudar o Concílio Vaticano II em toda a sua complexidade, sobretudo no tocante à definição das orientações, políticas e espirituais, adotadas pela Igreja Católica no contexto histórico da segunda metade do século XX, as quais se fazem presentes ainda hoje.

⁷ BEOZZO, Pe. José Oscar. In: CÂMARA, Hélder, Circulares conciliares: 13/14 de outubro de 1962 a março de 1964/ Dom Hélder Câmara. Org. MARQUES, Luiz Carlos Luz. FARIA, Roberto de Araújo. Recife – PE: CEPE, 2009.p. XVII. Preservadas por alguns dos amigos que compunham aquelas “famílias”, atualmente essas cartas, juntamente com outras escritas por Dom Hélder no decorrer de sua vida, integram o acervo do Instituto Dom Helder Câmara (IDHeC), sediado em Recife, Pernambuco.

Difundido entre homens e mulheres de diferentes classes sociais da Europa e da América a partir do século XVIII, entre o século XIX e meados do século XX, quando outros meios de comunicação como o telefone e o e-mail ainda não estavam disponíveis, o uso da correspondência escrita como forma de expressão de sentimentos, emoções, experiências e idéias constituiu-se numa prática que integraria a produção textual de muitos intelectuais, ocasionando inclusive o surgimento dos colecionadores de cartas.⁸

Embora possam se aproximar de gêneros literários como o folhetim e a crônica, cujos textos caracterizam-se por uma “escrita publica, sempre impressa, que esteve e em princípio continua sempre a estar disponível para a leitura de muitos”, as cartas pessoais deles se diferenciam pela escrita privada e subjetiva, de compreensão e acesso mais fácil por parte de um público específico e seletivo, sem que isso signifique, porém, que uma série de crônicas ou um folhetim sejam de fácil recuperação.⁹

Com o surgimento de uma nova perspectiva historiográfica valorizadora da experiência individual, da vida privada e dos estudos sobre a cultura, em detrimento da ênfase na história quantitativa e serial e nos grandes modelos explicativos do evento singular, ganhou corpo o interesse e o trabalho dos historiadores tendo as correspondências como fonte ou objeto de investigação. As múltiplas possibilidades de sua abordagem e utilização, os conduziria à inevitável percepção das especificidades do gênero epistolar.¹⁰

Exemplos nesse sentido, no tocante às cartas de Dom Hélder Câmara, são as pesquisas realizadas por Luiz Carlos Luz Marques e Jordana Gonçalves Leão, respectivamente intituladas *Il Carteggio Conciliare di Mons. Helder Pessoa Camara (1962-1965)* e *Fragmentos de Um Diário: a correspondência pessoal de Hélder Pessoa Câmara (1944 – 1952)*.¹¹

Portanto, no concernente à metodologia adotada no presente estudo, antes de serem consideradas apenas fontes de informação sobre os acontecimentos mais imediatos do Concílio Vaticano II, portanto, como registro testemunhal e praticamente estanque de

⁸ GOMES, Ângela de Castro. Em família: a correspondência de Oliveira Lima e Gilberto Freyre. Campinas – SP: Mercado de Letras, 2005. p. 13.

⁹ GOMES, Ângela de Castro. Em família: a correspondência de Oliveira Lima e Gilberto Freyre. Campinas – SP: Mercado de Letras, 2005. p. 8.

¹⁰ MALATIAN, Teresa. Cartas: Narrador, registro e arquivo. IN: PINSKY, Carla Bassanezi. LUCA, Tânia Regina. O historiador e suas fontes. São Paulo – SP: Contexto, 2009. p. 203.

¹¹ MARQUES, Luiz Carlos Luz. *Il Carteggio Conciliare di Mons. Helder Pessoa Camara (1962-1965)*. Tese de Doutorado em História Religiosa defendida na Universidade de Bolonha – Itália, 1998. LEÃO, Jordana Gonçalves. *Fragmentos de um diário: a correspondência pessoal de Hélder Pessoa Câmara (1944 – 1952)*. Mestrado em História social da cultura regional. Universidade Federal Rural de Pernambuco UFRP: Recife, 2010.

um evento singular a ser abarcado por grandes modelos explicativos, as cartas conciliares produzidas por Dom Hélder Câmara são abordadas aqui como documentos capazes de contextualizar sua obra como clérigo e intelectual engajado em projetos capazes de abalar os alicerces da doutrina de uma Igreja tradicionalista, hierarquizada e distanciada das populações mais carentes. Paralelamente, essa produção epistolar fornece subsídio para a compreensão do processo de criação, circulação e recepção dessa obra, apontando inclusive os limites de sua completa execução.

Mais que isso, a correspondência de Dom Hélder Câmara emerge como um lugar de sociabilidade fundamental e revelador da dinâmica do campo cultural de um dado período¹², bem como a expressão das dimensões culturais do sujeito que, de acordo com Teresa Malatian, poderiam ser chamadas de “momento biográfico”. Conforme a autora, “cada indivíduo participa de diferentes esquemas de ação e pensamentos que possuem seus modos de tradução simbólica e constituem sistemas referenciais valorizados”.¹³

Ratificando o que afirma Teresa Malatian, em alguns momentos dom Hélder deixava escapar seus desejos na forma de comentários ou falas feitas por seus amigos conciliares, desejos esses que, embora o bispo demonstrasse não possuir, deixava-os transparecer claramente na escrita de suas cartas, como é o caso de sua eleição para o Cardinalato¹⁴. Em outros momentos, particularmente nas grandes turbulências do Concílio, ele se resignava mantendo-se em silêncio, posteriormente traduzido, em suas correspondências, como uma insatisfação em relação aos acontecimentos e às decisões tomadas nas reuniões, com as quais não concordava.

Embora, não seja possível afirmar, com absoluta certeza, que dom Hélder quisesse passar, propositadamente, nessas mensagens, os seus sentimentos de insatisfação com o que estaria ocorrendo no Concílio de que participava, à luz de um olhar retrospectivo e por meio de uma leitura mais acurada, ousamos afirmar que aquelas eram, de fato, suas intenções. Ou seja, que nas entrelinhas de suas cartas, o seu grupo de amigos da época, a quem eram direcionadas, e posteriormente, leitores leigos ou não, para quem estas cartas estão atualmente disponibilizadas, pudesse- e possam- depreender na leitura das mesmas, certos sentimentos de indignação, um espírito altamente “revolucionário”, com o

¹² GOMES, Ângela de Castro. Em família: a correspondência de Oliveira Lima e Gilberto Freyre. Campinas – SP: Mercado de Letras, 2005. p. 13.

¹³ MALATIAN, Teresa. Cartas: Narrador, registro e arquivo. IN: PINSKY, Carla Bassanezi. LUCA, Tânia Regina. O historiador e suas fontes. São Paulo – SP: Contexto, 2009. p. 200.

¹⁴ O cargo de Cardeal é um dos mais altos cargos na Igreja Católica; este assiste o Papa em diversas competências e em uma possível eleição papal pode ser candidato.

tradicional *status quo* de uma Igreja Católica hierarquizada, cheia de pompas e distanciada dos pobres.

Isso posto o trabalho foi dividido em quatro capítulos. O primeiro capítulo, intitulado “De integralista e comunista todo mundo tem um pouco? A trajetória de Hélder Pessoa Câmara”, procura traçar um pequeno percurso da vida de Dom Hélder, mostrando sua formação como seminarista e suas influências políticas, o momento de sua muda para o Rio de Janeiro, onde se tornou bispo e ingressou na vida pública, até sua chegada ao Concílio Vaticano II, em meio ao qual foi nomeado bispo da Arquidiocese de Olinda e Recife. O capítulo pretende cumprir a função de apresentar este homem que, em sua complexidade, foi um dos maiores intelectuais da Igreja Católica e um ideólogo do Concílio Vaticano II. Para tanto, lançamos mão dos seguintes trabalhos biográficos disponíveis: *Os caminhos de Dom Hélder: Perseguições e Censura (1964 a 1980)*, que a partir de depoimentos do biografado trata do período em que ele foi silenciado e perseguido pelo regime ditatorial brasileiro implantado em 1964¹⁵; *Dom Hélder*, livro que, também utilizando como fonte depoimentos do bispo cearense, trata de sua atuação à frente da Arquidiocese de Recife¹⁶; *O Monstro Sagrado e o Amarelinho Comunista: Gilberto Freyre, Dom Hélder e a Revolução de 64*, obra que trata das tensões entre Gilberto Freyre e Dom Hélder, iniciadas a partir do retorno deste último ao nordeste¹⁷; *As Noites de um Profeta: Dom Hélder Câmara no Vaticano II*, trabalho que faz um balanço da atuação de Hélder no Concílio Vaticano II, à luz de suas cartas¹⁸; *Dom Hélder Câmara: o Profeta da Paz*, um trabalho biográfico de autoria de Nelson Piletti e Walter Praxedes, no qual, por meio de uma estrutura textual linear, cada período da vida do bispo é contemplada¹⁹. Por fim, *Dom Hélder Câmara: Profeta-Peregrino da Justiça e da Paz*, obra lançada em 2012, na qual se estabelece quase o mesmo percurso realizado por Piletti e Praxedes, conseguindo, contudo, maior aprofundamento em relação à atuação de Dom Hélder a partir da década de 1960.²⁰

¹⁵ CIRANO, Marcos. *Os Caminhos de Dom Hélder: Perseguições*. Recife – PE: Guararapes, 1983.

¹⁶ CASTRO, Marcos. *Dom Hélder*. Rio de Janeiro – RJ: Graal, 1978.

¹⁷ CLAUDINO, Assis. *O Monstro Sagrado e o Amarelinho Comunista: Gilberto Freyre, Dom Hélder e a Revolução de 64*. Recife – PE: Opção, 1985.

¹⁸ BROUCKER, José. *As noites de um profeta: Dom Hélder Câmara no Vaticano II*. São Paulo – SP: Paulus, 2008.

¹⁹ PILETTI, Nelson. PRAXEDES, Walter. *Dom Hélder Câmara: o profeta da paz*. São Paulo – SP: Contexto, 2008.

²⁰ ARAÚJO, Edvaldo M. *Dom Hélder Câmara. Profeta-Peregrino da justiça e da paz. Pensamento teológico e antropológico*. Aparecida -SP: Idéias e Letras, 2012.

Em “Uma abertura não tão gradual: O Concílio Vaticano II (1962 – 1965)”, segundo capítulo desta dissertação, objetivo-se apresentar o Concílio Vaticano II. Para isso, realizamos um breve retorno aos dois concílios que o antecederam, o Concílio de Trento e o Concílio Vaticano I, a fim de inteirar o leitor dos os motivos que levaram a convocação do Vaticano II, em 1962.

O terceiro capítulo, intitulado “Hélder Câmara um articulador: Pobreza, Ecumenismo e Divisão no Vaticano II.”, adentra as questões postas por Dom Hélder nas cartas escritas durante a primeira e a segunda sessão do Concílio, realizadas, respectivamente, de 11 de outubro a 8 de dezembro de 1962, e de 29 de setembro a 4 de dezembro de 1965, as quais estiveram relacionadas aos temas da pobreza, do ecumenismo e das modificações propostas para a liturgia da Igreja Católica, que naquele passava por um processo de reformulação. Além disso, o capítulo propõe uma abordagem d problemática da divisão no episcopado, questão recorrente nos escritos do bispo.

Por fim, o quarto e último capítulo, denominado “As últimas sessões do Concílio Vaticano II: Encerramento ou pausa para uma Igreja aberta?”, propõe tratar das duas últimas sessões do Concílio (terceira e a quarta sessões), ocorridas de 14 de setembro a 21 de novembro de 1964, e de 14 de setembro a 8 de dezembro de 1965, respectivamente, com o objetivo de discutir a consolidação de propostas e questões como colegialidade do episcopado, o celibato para os clérigos e também as questões do ecumenismo a partir de então tentando estabelecer um diálogo com os Ateus e a pobreza temática recorrente no Vaticano II.

Sem ter a intenção de esgotar um assunto marcado por enorme complexidade, este trabalho pretende lançar luzes sobre uma temática de inegável importância, sobretudo, para o Brasil, considerado o país de maior população católica no mundo. Entendemos que ao adentrarmos os intensos debates travados durante o Concílio Vaticano II, conduzidos pela produção epistolar de Dom Hélder Câmara, colocamo-nos diante de questões delicadas, mas de fundamental importância para a Igreja de Roma, cuja renovação no pensamento e nas práticas tornara-se essencial para que ela mantivesse a posição de líder espiritual de um mundo cristão sob permanente ameaça de degradação moral e social, advinda de diferentes ideologias que lhes eram contrárias. Para o restante do mundo, que naquele momento se transformava rapidamente ainda sob os efeitos da Segunda Guerra Mundial, o II Concílio do Vaticano parecia acenar o que seria o dever: a intransigente luta em favor da democracia, da justiça e da liberdade. Com a palavra, Dom Hélder.

A complexidade do mundo é tão grande que seria simplesmente ridículo alguém aparecer como dono de uma formula aplicável a todas as situações, de todas as raças, de todas as regiões, de todos os países, de todos os continentes.

D. Hélder Câmara, *O deserto Fértil*.

CAPÍTULO I

DE INTEGRALISTA E COMUNISTA TODO MUNDO TEM UM POUCO?

A TRAJETÓRIA DE HÉLDER PESSOA CÂMARA.

O principal objetivo deste trabalho é compreender o Concílio Vaticano II por meio da intensa produção epistolar de D. Hélder Câmara, um dos expoentes do pensamento social da Igreja Católica Apostólica Romana no Brasil do século XX.

Um dos propositores da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil –CNBB – e do Conselho Episcopal Latino-Americano –CELAM –, propositor, no mínimo desde a década de 1940, de um diálogo entre a Igreja e os pobres, postura que o levaria a ser acusado de comunista e, conseqüentemente, a sofrer perseguições por parte da ditadura militar instalada no Brasil entre 1964 e 1985, Dom Hélder Pessoa Câmara foi um dos bispos brasileiros presentes em todas as sessões do Concílio Vaticano II, articulando, ao lado de outros bispos latino-americanos, idéias e propostas que, em geral, acabavam pautando as discussões nas reuniões conciliares. Durante esse período, como era de costume, Dom Hélder aproveitava as madrugadas para escrever suas cartas, que funcionavam praticamente como boletins ou balanços do dia-a-dia do Concílio.

Dada a importância de Dom Hélder Câmara como homem público e clérigo atuante, num mundo e nos quadros de uma Igreja em intensa ebulição, cumpre retomar aqui a trajetória dessa importante personagem, colocando em evidência sua formação, as transformações e as contradições de seu pensamento e de sua atuação religiosa e política como padre da Igreja Católica, como bispo no Rio de Janeiro e em Recife, passando por sua participação no Concílio Vaticano II. Para alcançar tal objetivo proposto, utilizamo-nos, para tanto, das biografias disponíveis bem como de suas cartas conciliares.

1.1. Da formação familiar ao seminário.

João Eduardo Torres Câmara Filho, jornalista, crítico teatral e funcionário de uma firma comercial, e Adelaide Pessoa Câmara, professora primária, pais de Hélder Pessoa Câmara, casaram-se no dia 20 de junho de 1889, em Fortaleza, no estado do Ceará, região pobre, surrada pela seca. Membros de duas famílias abastadas de Fortaleza, a cerimônia foi presidida pelo auxiliar do bispo daquela capital nordestina, Pe. Antonio Carlos Barreto, e teve como uma das testemunhas oficiais o Tenente Coronel Dr. José Freire Bezerril Fontenelle, então presidente do estado do Ceará¹.

O casal Câmara teve 13 filhos, sendo que quatro deles morreram antes do nascimento de Hélder, em 1905, com a epidemia da crupe,² e um deles morreu em 1909, por complicação de um acidente que lhe comprometeu as pernas.

Hélder é o décimo primeiro filho do casal Câmara, nascido na casa da Praça dos Mártires, no dia 7 de fevereiro de 1909. Seu nome foi escolhido por João Câmara, que, ao pegar um dos mapas mundi da estante de livros de sua esposa Adelaide, correu o dedo até que parou sobre a região de Hélder, na Holanda. E foi assim que decidiram colocar o nome de Helder no seu 11º filho.³

João Câmara, apesar de guardar os costumes maçônicos de seu pai, ainda tinha uma forte ligação com o catolicismo. Segundo Nelson Piletti e Walter Praxedes:

Na realidade as convicções maçônicas de João combinavam com um catolicismo nem sempre tão disfarçado: em sua casa o mês de maio era consagrado à Virgem Maria. No sobrado em que a família morava havia uma pequena capela de madeira com as imagens do Cristo, da Virgem e dos Santos de devoção de Adelaide; durante o mês de maio, todos os dias, João comandava uma pequena celebração na qual ele rezava todo o rosário em latim. Adelaide fazia as leituras, e o primeiro a cantar a “ladainha e o bendito” era o maçom João Câmara. Em junho era Adelaide quem comandava as orações do mês dedicado ao Coração de Jesus. Todas as noites, sentada no corredor que dava para o céu estrelado, rezava o terço.⁴

¹ CF. : PILETTI, Nelson. PRAXEDES, Walter. Dom Hélder Câmara: o profeta da paz. São Paulo: Contexto, 2008. p. 24.

² Crupe ou difteria, como depois ficou conhecida, é uma doença infectocontagiosa causada pela toxina do bacilo Klebs-Löffler, que provoca a inflamação da mucosa da garganta do nariz e, às vezes, da traquéia e dos brônquios.

³ CF. : PILETTI, Nelson. PRAXEDES, Walter. Dom Hélder Câmara: o profeta da paz. São Paulo: Contexto, 2008. p. 28.

⁴ PILETTI, Nelson. PRAXEDES, Walter. Dom Hélder Câmara: o profeta da paz. São Paulo: Contexto, 2008. p.29 e 30.

Além das rezas que eram promovidas na própria casa da família Câmara foram realizados também o batizado e a crisma de todos os filhos. Mesmo que João guardasse os costumes maçons, sua família foi educada na fé católica. Podemos dizer que é à luz desses momentos de oração familiar que Hélder começa a ter os primeiros contatos com a fé católica e que levaria o mesmo a ingressar no seminário. Ainda pequeno, o menino Hélder já manifestava o desejo de ser padre, acompanhava as missas com muita atenção e, quando saía das mesmas, ficava repetindo o que o padre havia dito.

Por volta dos quatro anos começou a prestar atenção na forma como se comportavam os padres durante as cerimônias de batizado, casamento e missa que freqüentava junto dos pais, e vivia repetindo em casa: Quero ser padre! Quero ser padre! Outras vezes, dizia que queria ser lazarista (na época, grande número de padres lazaristas holandeses e franceses atuavam em Fortaleza). Hélder também demonstrava esse desejo celebrando missa de brincadeira, nas quais ficava ajoelhado de frente a um pequeno altar improvisado com algumas caixas de sabonete vazias, e de costa para os fiéis imaginários, como ainda era costume dos padres naquela época, fazia sinal da cruz, abria os braços e ia juntando bem devagar, ao mesmo tempo que baixava a cabeça em reverência.⁵

Como podemos observar, é ainda na infância que vai surgir a vocação de Hélder para o sacerdócio. Quando João Câmara observa que o filho de fato quer ser padre, chama-o para uma conversa e lhe explica o que isso significava, perguntando-lhe se aquele era de fato o desejo do filho; obtendo uma resposta positiva, João diz a Hélder: “Então, filho, que Deus te abençoe! Que Deus o abençoe! Você sabe que não temos muito dinheiro mas mesmo assim vou pensar em como ajudá-lo a entrar para o seminário”⁶

Durante esse período em que Hélder manifesta o seu desejo de ingressar no seminário, a Igreja brasileira ainda sofria com a questão da laicização, separação entre a Igreja e o Estado. E como nos aponta Jordana Leão, eram estas as vocações procuradas pela Igreja:

Os anseios de Hélder pelo sacerdócio estavam em plena concordância com a sociedade do seu tempo. Afinal, desde a proclamação da República e da conseqüente separação entre Igreja e Estado, era na classe média que a Igreja Católica brasileira esperava encontrar os recursos e os quadros de que necessitava para o reerguimento organizacional e o crescimento de sua influência religiosa e política no país.⁷

⁵ Idem. p.40.

⁶ Ibidem. p.41.

⁷ LEÃO, Jordana Gonçalves. Fragmentos de um diário: a correspondência pessoal de Hélder Pessoa Câmara (1944 – 1952). Dissertação: Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2010. p.39.

A Igreja, que até então contava com vocações advindas das classes mais abastadas da sociedade, agora passa por um momento de crise com as vocações dessas mesmas classes, precisando buscar refúgio nas camadas menos abastadas; não é o caso de Hélder, mas, de certa forma, os rapazes, na maioria das vezes, ingressavam nos seminários em busca de uma educação de maior qualidade, tendo em vista que a educação no Brasil desse período ainda não atingia todas as classes sociais.

Hélder passou toda sua infância junto da sua família no sobrado da Rua Sena Madureira, um imóvel amplo, com um grande quintal e que contava até com a passagem de um rio onde o menino Hélder brincava com seus irmãos. O sobrado da família Câmara ficava bem situado, próximo também da Igreja onde Hélder freqüentava as missas junto de sua mãe.⁸

Hélder tinha uma forte ligação com a mãe, à qual tomava como um modelo, e por ela nutria um grande respeito e afeição, como nos aponta Edvaldo M. Araujo: “Para Hélder, sua mãe não foi somente sua primeira professora, que lhe ensinou a ler e escrever. Foi sua mestra nas ‘lições de vida,’ sua confidente em seus momentos de dificuldades, sua incentivadora na realização de seus sonhos.”⁹

Quando Hélder terminou a quarta série na escola de Dona Salomé, ele ingressou no Seminário da Prainha, dos padres lazaristas¹⁰, em Fortaleza, no ano de 1923. No final do curso de Teologia, ao término de seu período de seminarista, Helder passa por algumas crises no que diz respeito a sua vocação; após ser aconselhado por sua mãe e por seu reitor, ele toma a decisão de seguir no sacerdócio.

Durante seu período de seminarista, já no seminário maior,¹¹ soube por seus amigos seminaristas que uma das professoras, Edite Braga, de Psicologia, estava ensinando materialismo, mais especificamente o behaviorismo. Conseguindo a aprovação do reitor e

⁸ CF. : PILETTI, Nelson. PRAXEDES,, Walter. Dom Hélder Câmara: o profeta da paz. São Paulo: Contexto, 2008. p. 34 e 35.

⁹ ARAÚJO, Edvaldo M. Dom Hélder Câmara. Profeta-Peregrino da justiça e da paz. Pensamento teológico e antropológico. Aparecida -SP: Idéias e Letras, 2012..p. 35.

¹⁰ Lazaristas ou ainda Padres e Irmãos Vicentinos é uma sociedade de vida masculina que, fundada em Paris, em 1625, por São Vicente de Paula, é composta por padres seculares ou leigos consagrados que vivem e trabalham em comunidade e fazem os votos de pobreza, castidade e obediência; estão espalhados em diversos países e estão presentes em missões, seminários, paróquias, colégios e obras de caridade e de serviço aos pobres.

¹¹ A formação de um padre conta com dois modelos de seminários que são modelos de escola onde os seminaristas, candidatos ao sacerdócio, ficam morando. O seminário menor é o seminário que vai receber os jovens que ainda não chegaram ao nível superior da faculdade. O seminário maior é o que vai acolher os seminaristas que já estão cursando a faculdade de Filosofia e Teologia, obrigatórias para a formação sacerdotal.

dos colegas, Hélder escreve um artigo com o pseudônimo de Alceu Silveira, contra a atitude da professora. O artigo foi publicado no jornal cidade. Ambos passaram a escrever e a responder, publicamente, no mesmo jornal, um ao outro, até o dia 29 de junho de 1929, quando o reitor do seminário, Monsenhor Tabosa Braga, descobrindo a identidade do “articulista” Alceu Silveira, proibiu Hélder de continuar com os “embates ideológicos”.¹² Segundo Piletti e Praxedes, o reitor tomou esta decisão numa atitude de proteção à professora, que era sua cunhada.¹³

Para Hélder, o período em que esteve no seminário foi de grande importância para as decisões que tomou em sua vida, mesmo que ainda tenham existido algumas ressalvas no que diz respeito à visão social adquirida por ele no seu tempo de seminarista, como nos aponta Marcos de Castro:

O tempo do seminário é um tempo muito grato a dom Hélder, que faz questão de dizer sempre que o seminário lhe fez um bem imenso e que ao seminário e àqueles lazaristas deve algumas das marcas mais profundas de seu sacerdócio. Apesar disto reconhece que o seminário não lhe pode dar uma visão social ajustada aos tempos.¹⁴

Segundo Piletti e Praxedes: “(...) a ordenação dos nove seminaristas ocorre na Igreja da Prainha num sábado, 15 de agosto de 1931. Como Hélder tinha apenas 22 anos e meio e não 24, idade exigida pelo Direito Canônico para ordenação, foi pedida uma autorização especial do Vaticano”¹⁵. Hélder celebrou sua primeira missa na Igreja da Sé de Fortaleza, no dia 16 de agosto de 1931.

1.2. O PADRE HÉLDER CÂMARA

Ordenado padre, Hélder Câmara participou ativamente do movimento político de sua cidade, mais especificamente na área da educação. Hélder já estava despontando no cenário local como uma liderança, como nos pontuam Piletti e Praxedes:

¹² ARAÚJO, Edvaldo M. Dom Hélder Câmara. Profeta-Peregrino da justiça e da paz. Pensamento teológico e antropológico. Aparecida -SP: Idéias e Letras, 2012. p. 39.

¹³ CF.: PILETTI, Nelson. PRAXEDES, Walter. Dom Hélder Câmara: o profeta da paz. Op. cit., p. 89.

¹⁴ CASTRO, Marcos de. Dom Hélder, o bispo da esperança. Rio de Janeiro: Edição Graal, 1978. p 27.

¹⁵ PILETTI, Nelson. PRAXEDES, Walter. Dom Hélder Câmara: o profeta da paz. Op. cit., p. 70.

O prestígio de Hélder fazia-o requisitado nas mais diversas situações. Quando o interventor federal, por pura animosidade política, ameaçou impedir de desembarcar no aeroporto o seu antecessor no cargo, capitão Carneiro de Mendonça, em uma escala de viagem que realizava para presidir as eleições no Pará, marcadas para abril de 1935, o coronel Colares, comandante da unidade local do exército para garantir o desembarque seguro do ex-interventor, convocou ao quartel um amigo pessoal de Carneiro de Mendonça, o importante clérigo, monsenhor Quinderé, o ex-prefeito Raimundo Girão, e Hélder, considerado chefe popular do operariado cearense.¹⁶

Podemos perceber que Hélder já despontava em Fortaleza como um chefe popular e ainda bem articulado, pois ainda conforme os autores Piletti e Praxedes, no evento, relatado na citação acima, ao sofrer um insulto do capitão, o qual afirmou que lugar de padre era na sacristia, ele prontamente responde: “Recolham-se todos os militares aos quartéis e depois venham dar lição ao clero”.¹⁷

A partir do momento em que Hélder se torna padre, ele começa a ter uma ampla participação na vida política de Fortaleza:

De 1931 a 1935, Hélder organizou o movimento da Juventude Operária Católica (JOC), foi assistente eclesiástico da Liga dos Professores Católicos, professor de religião, filosofia e psicologia. Juntamente com Severino Sombra, funda a Legião Cearense do Trabalho. Torna-se membro da Ação Integralista Brasileira, (AIB), e responsável pela Liga Eleitoral Católica (LEC) no Ceará.¹⁸

Para além de seus compromissos, religiosos e políticos, junto da AIB,¹⁹ padre Hélder Câmara, desde a sua ordenação em 15 de agosto de 1931, tem como hábito todos os dias dedicar momentos de vigília durante as madrugadas. Era nesses momentos em que se

¹⁶ Idem. p. 89.

¹⁷ CF.: PILETTI, Nelson. PRAXEDES, Walter. Dom Hélder Câmara: o profeta da paz. São Paulo: Contexto, 2008. p.89.

¹⁸ ARAÚJO, Edvaldo M. Dom Hélder Câmara. Profeta-Peregrino da justiça e da paz. Pensamento teológico e antropológico. Aparecida -SP: Idéias e Letras, 2012..p. 47.

¹⁹ O lançamento do Manifesto Integralista, em outubro de 1932, marcou o surgimento oficial da Ação Integralista Brasileira – AIB, liderada por Plínio Salgado. A formação da AIB resultou das reflexões e convergências ideológicas entre intelectuais, reunidos em torno da Sociedade de Estudos Políticos – SEP. O Integralismo, segundo seus ideólogos, era um movimento de caráter cultural e objetivava revolucionar a mentalidade dos brasileiros. O Integralismo surgiu num momento denso da história contemporânea brasileira em que profundas e rápidas transformações se manifestavam nos campos político, econômico, social e cultural, cujos efeitos acabaram influenciando a formação da ideologia integralista. Ver: FERREIRA, Laís Mônica Reis. Educação e Assistência Social: As estratégias de inserção da Ação Integralista Brasileira nas camadas populares da Bahia em O imparcial. Salvador BA: Dissertação Mestrado, 2006. p 20. Sobre o Integralismo, ver também: DEL PRIORI, Mary. O livro de ouro da história do Brasil: do descobrimento à globalização. Rio de Janeiro: Ediouro, p. 322.

dedicava a escrever suas cartas²⁰ fielmente em todas as madrugadas. Nessas cartas ou circulares, como ele as chamava, fazia um balanço do dia anterior e do que viria no próximo dia. Essas cartas eram endereçadas para seus amigos.

Ainda em 1934, no Rio de Janeiro, o Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro, dom Sebastião Leme da Silveira, fundou a Liga Eleitoral Católica, que arrebanhava os eleitores católicos para que os mesmos fossem orientados a votar em candidatos de qualquer partido que se comprometessem a lutar pelos ideais da LEC no Congresso. Foi nesse mesmo período que o Padre Hélder, em visita ao Rio, após alguns dias, recebe um postal, tendo junto uma passagem de volta, de seu Arcebispo, dom Manuel da Silva Gomes, pedindo-lhe que retornasse imediatamente a Fortaleza. Lá chegando, ouviu do seu bispo o seguinte comentário:

Olhe, meu rapaz, dom Leme fundou a LEC, mas essa história de deixar os eleitores da LEC votarem em qualquer candidato de qualquer partido que aceite os postulados da LEC vai ser uma dispersão louca. Comigo não tem esse negócio. Eu organizei aqui a chapa: governador, senadores, deputados federais. Mandei chamá-lo porque você sempre me obedeceu sem discussão, o que é uma de suas virtudes, e agora eu quero que você percorra todas as localidades do Ceará dizendo em nome de toda Igreja que a chapa é esta.²¹

Mesmo que Hélder não concordasse com tal atitude, seu comportamento foi de obediência ao seu bispo, como nos aponta Castro:

Padre Hélder sentiu um arrepio por dentro, achou que aquilo não estava bem dentro do espírito da LEC, porém mais uma vez resolveu não discutir com o que seu bispo dizia. Passou e visitou todas as localidades do Ceará, fazendo comícios políticos e dizendo que a chapa era aquela.²²

Com a eleição de Menezes Pimentel para Governador do estado do Ceará, Hélder é convidado a ser Secretário de Educação do estado; mesmo com a tentativa de recusar o convite, após o pedido do governador eleito e de seu bispo, dom Manuel, Padre Hélder aceita o cargo, e em junho de 1935, toma posse como Secretário de Educação do estado do Ceará.²³

Ainda jovem, tanto na idade quanto nos anos de sacerdócio, aos 27 anos Hélder já trazia uma bagagem política e intelectual muito extensa, haja vista suas atuações na

²⁰CF. : PILETTI, Nelson. PRAXEDES, Walter. Dom Hélder Câmara: o profeta da paz. São Paulo: Contexto, 2008. p. 9.

²¹ CASTRO, Marcos de. Dom Hélder, o bispo da esperança. Rio de Janeiro: Edição Graal, 1978. p 31.

²² Idem.

²³ CF.:PILETTI, Nelson. PRAXEDES, Walter. Dom Hélder Câmara: o profeta da paz. Op. cit., p. 100.

política em Fortaleza e os inúmeros artigos de sua autoria que haviam sido publicados na imprensa cearense.²⁴ Ainda segundo Laís Mônica Reis Ferreira:

A participação política integralista na sociedade cearense se fortalece a partir da incorporação da Legião Cearense do Trabalho – LEC- à AIB, tendo à frente Dom Helder Câmara e lideranças como Jeová Mota e Severino Sombra, chefe provincial que chegou a rivalizar com o próprio Plínio Salgado na liderança nacional da Ação Integralista. A LEC tinha profunda influência sobre o operariado local. Esse aspecto explicaria o apoio da Igreja Católica aos integralistas.²⁵

É importante fazer aqui uma ressalva à luz da colocação de Ferreira: o único período em que Hélder teve participação na política Cearense, foi durante seu sacerdócio enquanto ainda era padre em Fortaleza. Quando o mesmo se tornou bispo, ele deixa de exercer qualquer ação político- institucional no Ceará, seu estado de origem.

Em 1936, Hélder muda-se para o Rio de Janeiro, lá chegando em 16 de janeiro, e a partir de então fixa sua residência naquela cidade.²⁶ Em sua chegada ao Rio, mantém uma conversa com o então Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Sebastião Leme da Silveira Cintra, Cardeal Leme, tendo, logo de início, ouvido desse Cardeal que na Arquidiocese do Rio não era permitido o envolvimento de clérigos em questões políticas. Tal conversa deixa Hélder um tanto quanto desapontado, face ao seu histórico de atuação no Ceará.

Quando Hélder chegou ao Rio de Janeiro, começou a trabalhar como funcionário contratado na Secretaria de Educação do Distrito Federal e como capelão em um hospital. Em 1939, com a possibilidade de prestar um concurso público para ingressar na mesma Secretaria, Hélder solicita permissão ao Cardeal Sebastião Leme, tendo-a recebido, já que esse Cardeal considera importante tal decisão por vários motivos, dentre eles: a possibilidade do padre Hélder conseguir se manter financeiramente, sem precisar do auxílio da Igreja, e também por garantir um espaço da Igreja dentro da área educacional . Aprovado no concurso , Hélder toma posse como funcionário público no Distrito Federal.

Em 1937, Getúlio Vargas conseguiu o apoio do Cardeal Leme, que via na ditadura um mal menor diante da ameaça do comunismo. Na articulação entre a Igreja e o

²⁴CF.:LEÃO, Jordana Gonçalves. Fragmentos de um diário: a correspondência pessoal de Hélder Pessoa Câmara (1944 – 1952). Dissertação: Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2010. p.42.

²⁵ . FERREIRA, Laís Mônica Reis. Educação e Assistência Social: As estratégias de inserção da Ação Integralista Brasileira nas camadas populares da Bahia em O imparcial. Salvador BA: Dissertação de Mestrado, 2006. p 21.

²⁶ ARAÚJO, Edvaldo M. Dom Hélder Câmara. Profeta-Peregrino da justiça e da paz. Pensamento teológico e antropológico. Aparecida -SP: Idéias e Letras, 2012..p. 54.

Estado, Hélder tinha participação como intermediário. Alguns dias antes do golpe, Plínio Salgado recebeu de Francisco Campos a missão de apresentar uma cópia da “Nova Constituição” ao Cardeal Dom Leme; Plínio entregou a cópia para que Hélder a levasse ao Cardeal. Dom Leme pediu a Hélder que o episódio não viesse a público por não querer tornar-se cúmplice do golpe político.²⁷

Vimos anteriormente que, quando Hélder chega ao Rio, Dom Leme faz a ele uma ressalva: a de não participar de nenhuma manifestação partidária, mas em 1937, com a nova Constituição imposta por Getúlio Vargas, padre Hélder é convidado por Plínio Salgado para fazer parte do movimento integralista. Entusiasmado com a idéia, Hélder vai até o Cardeal para lhe pedir permissão, tendo-lhe sido concedida. Durante esse período, padre Hélder sofre várias perseguições políticas e conta com a ajuda de amigos para se esconder em algumas ocasiões.

Segundo Piletti e Praxedes, para além das vigílias feitas por Hélder desde sua ordenação sacerdotal, e também dos jejuns, padre Hélder se penitenciava de outras formas:

Várias foram as noites que optava por outros tipos de “mortificação” como se costumava dizer. Quando as reuniões em que participava no Palácio São Joaquim prolongavam-se até tarde da noite, em vez de voltar para casa, dormia a noite inteira sobre as pedras que havia em volta do palácio.²⁸

Podemos dizer que padre Hélder tinha como preocupação ter uma vida que se assemelhasse à vida do Cristo ao qual escolheu seguir, tendo assim uma vida humilde na prática do jejum e da oração. Para além dessas penitências, o padre, por ser caridoso, sempre ajudava os pobres que o procuravam precisando de auxílio financeiro ou mesmo de alimentação. Hélder sempre dava um jeito de ajudar a todos na medida do possível.

Com a morte do Cardeal Leme, quem assume a Arquidiocese do Rio de Janeiro é Dom Jaime de Barros Câmara que, antes de sua chegada ao Rio, já sabia da fama Hélder. Em pouco tempo, os dois foram construindo uma grande amizade e, segundo Piletti e Praxedes: “(...) dom Jaime passou a desejar que aquele padre empreendedor e afável que era Hélder se tornasse seu bispo auxiliar e o indicou.”²⁹ Os trâmites da indicação ao episcopado do padre Hélder Câmara correram, como em 1946, que, como nos apontam

²⁷ Idem..p. 56.

²⁸ PILETTI, Nelson. PRAXEDES,, Walter. Dom Hélder Câmara: o profeta da paz. São Paulo: Contexto, 2008. p.126

²⁹ Idem p.138.

Piletti e Praxedes; “(...) recebeu o parecer cujo autor foi mantido no anonimato, que de acordo com o jornalista Marcos de Castro, “(...) convenceu o núncio de que não seria bem aceita no Rio de Janeiro a nomeação de um bispo integralista”.³⁰ Como podemos observar, Hélder já era conhecido pela Igreja por sua fama e portanto oferecia à mesma alguns riscos.

Ainda na década de 40, padre Hélder participou da formação da Ação Católica AC, já trazendo para Igreja Católica algumas inovações na forma de pensar o seu lugar e a sua função na sociedade, tornando-se assim um expoente da Ação Católica no Brasil:

Uma segunda corrente da qual monsenhor Hélder, como vice-assistente nacional da Ação Católica se torna o principal expoente com apoio de vários bispos, defendia uma maior “responsabilidade social do catolicismo” por acreditar que a igreja não deveria ficar acima do mundo mas deveria preocupar-se em criar uma ordem social justa. Para isto seria fundamental uma nova forma de atuação dos leigos nos “diferentes meios em que viviam, estudavam ou trabalhavam” para ajudar o povo a lutar por reforma que tornassem mais justa a sociedade brasileira. Desta forma a Igreja poderia reconquistar o apoio que havia anos vinha perdendo entre a população rural e urbana, e impedir assim o crescimento do movimento comunista no país.³¹

Como podemos observar, o padre Hélder era um adepto das causas que norteavam as lutas em favor da dignidade social, como veremos mais adiante; é naquele momento de sua vida que se dá o surgimento de toda a sua luta a favor dos excluídos, tanto no Brasil como em outros países.

Em 1942, na Faculdade de Letras sob a responsabilidade das Irmãs Ursulinas, Hélder lecionou Psicologia para as religiosas e professoras daquela Faculdade e também para estudantes universitários. Sobre isso, chegou a afirmar: “(...) o meu trabalho consiste em ajudar as religiosas a compreender melhor os seus alunos, a compreender a vida, a compreender o mundo. Alegrava-me muito; era verdadeiramente um trabalho educativo e sacerdotal”.³²

Em 1950, por ocasião do “Ano Santo Romano,” padre Hélder vai a Roma pela primeira vez. Em 1949, era preciso organizar as festividades do Ano Santo e dom Jaime encarrega o arcebispo auxiliar, dom Rosalvo Costa Rego, de tal organização; por já se encontrar com idade avançada, padre Hélder é escolhido para auxiliar o arcebispo na

³⁰ Ibidem. p.138

³¹ Idem. p.143.

³² ARAÚJO, Edvaldo M. Dom Hélder Câmara. Profeta-Peregrino da justiça e da paz. Pensamento teológico e antropológico. Aparecida -SP: Idéias e Letras, 2012..p. 60.

realização da festividade.³³ Por esta razão, Hélder organiza uma excursão para Roma. A viagem foi feita em um barco que era usado para transporte de homens do exército e, segundo Piletti e Praxedes, contou com a presença de vários bispos, padres e leigos.³⁴

1.3. A CRIAÇÃO DA CNBB.

Ainda em 1948, padre Hélder Câmara recebe um convite do núncio apostólico dom Carlos Chiarlo, para ser seu conselheiro, o mesmo núncio que em 1946 não aceitara o pedido de dom Jaime para que Hélder fosse seu auxiliar. Hélder aceita o convite por acreditar ser possível a realização de alguns trabalhos tendo um contato mais próximo da nunciatura apostólica. Segundo Piletti e Praxedes: “(...) logo no início de seu trabalho, Hélder tratou de convencer dom Chiarlo da necessidade de formação da “Assembléia dos Bispos do Brasil,”³⁵ que recebeu a aprovação da maioria dos bispos brasileiros; tendo o padre Hélder ficado responsável pela organização da mesma, tal movimentação levou-o a Roma. Em uma de suas cartas conciliares aos seus amigos brasileiros, dom Hélder remete-se ao fato de que numa das reuniões conciliares em que foram lidos os 12 artigos do Estatuto do Sínodo foi a primeira vez em que teve contato com seu amigo Mons. Montini; posteriormente, tornou a encontrá-lo por ocasião do início da criação da CNBB, em 1951, ocasião em que Montini era chefe de estado, e em 1952, quando dom Hélder é recebido por ele em Roma:

Enquanto ouvia os XII artigos do Estatuto do Sínodo, pensava na caminhada feita pelas Conferências. Quando em Dezembro de 1950, Mons. Montini, na Secretaria de Estado, recebia o apelo do Brasil para a criação da CNBB.³⁶

Foi em outubro de 1951, que Monsenhor Hélder, voltando a Roma por ocasião do Congresso Mundial do Apostolado dos Leigos, foi ao encontro de Montini ainda temeroso,

³³ CF.:PILETTI, Nelson. PRAXEDES, Walter. Dom Hélder Câmara: o profeta da paz. São Paulo: Contexto, 2008. p.145.

³⁴ PILETTI, Nelson. PRAXEDES, Walter. Dom Hélder Câmara: o profeta da paz. São Paulo: Contexto, 2008. p.148.

³⁵ Idem . p.154.

³⁶ CÂMARA, Hélder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo III. 15/16 de Setembro de 1965, 6ª Circular, Roma, para família Mecejanense. Recife: CEPE, 2009, p. 17.

mas ao encontrar-se com o mesmo é saudado da seguinte forma, como o próprio Hélder nos conta:

(...) em dezembro de 1951, Montini se confessava em falta para com o Brasil, por não ter sido criada ainda a nossa Conferência (foi com estas palavras que ele me recebeu); quando, em inícios de 1952, a CNBB foi autorizada e, neste mesmo ano, instalada, de 14 a 17 de outubro, quem podia supor que estava surgindo um estilo novo de vida e organização da Igreja?!...³⁷

Padre Hélder foi o criador do projeto de formação da CNBB no Brasil, por isto vai a Roma como representante dos bispos brasileiros.

Já havia, sem dúvida, a Conferência dos Bispos nos USA e em mais dois ou três países. Mas foi depois da experiência brasileira que a Santa Sé, por ocasião do nosso Congresso Eucarístico Internacional em 1955, convocou a Conferência Geral da Hierarquia Latino-Americana, da qual surgiu o CELAM. Com o Concílio Ecumênico, todas as Hierarquias do Mundo inteiro foram instigadas a criar Conferências. No Concílio, as Conferências passaram a ter importância e responsabilidades sempre maiores. Agora, o Sínodo lhes acresce, gravemente, a obrigação de bem servir.³⁸

A partir daí, surge uma grande amizade que será levada e sustentada até os tempos do Concílio Vaticano II. Quando da morte de João XXIII, Montini é eleito Papa e escolhe como nome papal, Paulo VI. A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) foi instalada no Palácio São Joaquim,³⁹ no Rio de Janeiro, no dia 14 de outubro de 1952.

1.4. Dom Hélder Pessoa Câmara: um bispo para os pobres brasileiros.

Ainda em 1952, dom Jaime, com a autorização do núncio dom Chiarlo, no dia 3 de março de 1952 enviou um pedido de eleição episcopal para Hélder Câmara que foi aceito pelo Papa Pio XII. “Hélder foi sagrado bispo no Rio de Janeiro no dia 20 de abril de 1952, na Igreja da Candelária”⁴⁰ Hélder escolheu como lema episcopal “*In Manus Tuas*”,-

³⁷ Idem.

³⁸ CÂMARA, Hélder. Circulares Conciliares, Volume I – Tomo III. 15/16 de Setembro de 1965, 6ª Circular, Roma, para família Mecejanense. Recife: CEPE, 2009, p. 17.

³⁹ O Palácio São Joaquim ou Palácio da Mitra Arquiepiscopal, localizado na Rua da Glória 446, é um prédio em estilo eclético, construído em 1912, para ser a residência do primeiro Cardeal-Arcebispo do Rio de Janeiro: D. Joaquim Arcoverde Cavalcanti de Albuquerque.

⁴⁰ PILETTI, Nelson. PRAXEDES, Walter. Dom Hélder Câmara: o profeta da paz. São Paulo: Contexto, 2008. p.162.

Deixar-se conduzir pelas mãos de Deus-, sugerido por José Vicente Távora.⁴¹ A escolha deste lema é bastante reveladora do grande amor pelos pobres na vida religiosa de Dom Hélder

Aqui temos um marco, um divisor de águas na vida de Hélder Pessoa Câmara. O antigo padre que viera do nordeste e lutava contra os comunistas, fazendo, portanto, parte do movimento integralista, a partir do momento em que se torna bispo, começa a se dedicar às causas populares, a lutar em favor da dignidade social dos pobres e menos favorecidos da sociedade. Dom Hélder começa a desenvolver vários programas de assistência nas favelas do Rio de Janeiro, o que trará a ele alguns problemas posteriores, como, por exemplo divergências dentro do episcopado, entre estas a que ocorreu entre Hélder e Dom Jaime, como veremos mais adiante.

Dom Hélder foi escolhido como secretário da CNBB, de 1952 a 1964, estava convencido de que no Brasil existia a situação quase ideal da relação entre Igreja e Estado. Ele foi o principal agente da Igreja no diálogo de colaboração e apoio com o Estado. Apoiou o desenvolvimento de Kubitscheck, as propostas de reformas de base de Goulart.⁴²

Para além do apoio dado a tais governantes, Dom Hélder foi amigo íntimo de vários Presidentes da República, como Getúlio Vargas, Juscelino Kubitscheck, Jânio Quadros e Goulart. Ainda recebeu de Juscelino o convite para ser Ministro da Educação e prefeito do Rio de Janeiro, e de Goulart, o convite para ser seu Vice.⁴³ Como podemos observar, de fato Hélder Câmara era um pessoa influente, haja vista os convites e as amizades que o mesmo construiu no período em que estava residindo no Rio de Janeiro.

A amizade de dom Hélder e do cardeal Montini era de fato recente e verdadeira; podemos observar isto quando, na substituição dos núncios, Montini indica ao novo núncio que seja amigo de Hélder, como relatam Piletti e Praxedes:

No Brasil você terá muitos amigos. Mas o seu amigo deverá ser monsenhor Hélder Câmara.” Esta foi uma das maiores recomendações que dom Armando Lombardi recebeu do subsecretário de estado do Vaticano, Giovanni Battista Montini, ao ser designado para substituir o Núncio dom Carlos Chiarlo em setembro de 1954.⁴⁴

⁴¹ CF.: ARAÚJO, Edvaldo M. Dom Hélder Câmara. Profeta-Peregrino da justiça e da paz. Pensamento teológico e antropológico. Aparecida -SP: Idéias e Letras, 2012..p. 71.

⁴² ARAÚJO, Edvaldo M. Dom Hélder Câmara. Profeta-Peregrino da justiça e da paz. Pensamento teológico e antropológico. Aparecida -SP: Idéias e Letras, 2012..p. 87.

⁴³ CF.: ARAÚJO, Edvaldo M. Dom Hélder Câmara. Profeta-Peregrino da justiça e da paz. Pensamento teológico e antropológico. Aparecida -SP: Idéias e Letras, 2012..p. 87.

⁴⁴ PILETTI, Nelson. PRAXEDES, Walter. Dom Hélder Câmara: o profeta da paz. São Paulo: Contexto, 2008. p.191.

É possível notar a confiança que era depositada pelo subsecretário do Vaticano, cardeal Montini, ao arcebispo auxiliar do Rio de Janeiro, dom Hélder Câmara, ao ponto de fazer uma recomendação, quase uma ordem, ao novo núncio, dom Armando, para que procurasse por dom Hélder, o que foi prontamente aceito pelo núncio, que, aos poucos, se tornou seu grande amigo e confidente.

A primeira conversa sobre a possível Conferência dos Bispos da América Latina se deu no segundo encontro que Hélder teve com o cardeal Montini. Hélder expôs ao cardeal algumas de suas idéias, explicando sobre a inviabilidade de criar uma Conferência Nacional no Brasil, visto ser o país com maior extensão na América Latina e que, portanto, seria mais viável a criação de uma Conferência Continental. A conversa com Montini foi frutífera, levando a um resultado positivo no final do ano 1954. “A primeira conferência geral do episcopado latino-americano aconteceu no Rio de Janeiro, de 25 de julho a 4 de agosto de 1955, contando com a participação de, aproximadamente, 100 bispos.”⁴⁵

Em 1954, Dom Hélder propõe uma reunião entre os bispos da América Latina e América do Norte, para que os mesmos pudessem discutir, nessa reunião, questões que estavam postas nos dois continentes e que poderiam ser solucionadas com a união de ambos os episcopados. Tal proposta foi aprovada por Dom Armando, que lhe pediu que procurasse o Cardeal Montini em Roma para receber dele a aprovação. A idéia de Dom Hélder foi aprovada por Montini, mas a mesma deveria ser aprovada também pelo então Papa Pio XII, ao qual dom Hélder veria pela primeira vez. A reunião com Pio XII foi marcada às pressas com o auxílio de Montini. A apresentação da proposta por Dom Hélder agradou demasiadamente ao Papa, que solicitou que a mesma fosse aprovada pelos seus subsecretários, o Cardeal Tardini e o Cardeal Montini, e, após sua aprovação, foi então marcada a reunião. Mas como nos apontam Piletti e Praxedes, “(...) por motivo de desconfiança dos bispos norte-americanos, com medo dos brasileiros estarem atrás de dinheiro, a reunião só foi realizada em 1958”⁴⁶ já no pontificado de João XXIII, que o havia assumido após a morte de Pio XXII.

Em 1955, estava previsto para acontecer no Rio de Janeiro o Congresso Eucarístico, movimento que reuniria milhões de católicos, bispos, padres e leigos. Com a necessidade de um organizador, o Arcebispo do Rio Dom Jaime nomeou o seu Arcebispo

⁴⁵ ARAÚJO, Edvaldo M. Dom Hélder Câmara. Profeta-Peregrino da justiça e da paz. Pensamento teológico e antropológico. Aparecida -SP: Idéias e Letras, 2012..p. 91.

⁴⁶ PILETTI, Nelson. PRAXEDES,, Walter. Dom Hélder Câmara: o profeta da paz. São Paulo: Contexto, 2008. p.194.

auxiliar, Dom Hélder Câmara para desempenhar tal tarefa, que a realizou com maestria. Em 2 de abril de 1955, ainda na preparação do Congresso Eucarístico, Dom Hélder foi nomeado Arcebispo auxiliar do Rio de Janeiro.⁴⁷

Dom Hélder, sempre dedicando sua atenção e amor aos pobres, cria, na cidade do Rio de Janeiro, a “Cruzada de São Sebastião”, tal como nos relata Edvaldo M. Araújo: “Em 29 de outubro de 1955 nascia a Cruzada de São Sebastião, com o objetivo de proporcionar uma solução humana e cristã aos problemas das favelas na cidade”.⁴⁸ Esse movimento tinha como objetivo promover uma vida digna, justa e humana para as pessoas que moravam nas favelas. Contava até com construção de casa para os que não a tinham e também contava com o apoio dos chefes políticos, tanto federais como estaduais, como nos aponta Araújo: “A Cruzada de São Sebastião contava com o apoio financeiro do Governo de Café Filho e Juscelino Kubitschek, com donativos e com planejamentos de autofinanciamento.”⁴⁹

Outra criação de Dom Hélder em favor dos pobres foi o “Banco da Providência”, criado em outubro de 1959, e segundo Araújo, “(...) tinha como objetivo a distribuição, aos mais necessitados, de bens e serviços que se tornavam supérfluos aos de classe média e ricos”⁵⁰. Dom Hélder também criou, em 1959, a comunidade de Emaús, com o objetivo de reabilitar marginais que a sociedade e as autoridades achavam irrecuperáveis. Ainda segundo Araújo: “dom Hélder inspirou-se no padre Henri Antonie Groués, conhecido como padre Abeed Pierre, que fundara na França os companheiros de Emaús”⁵¹

1.5. Dom Hélder e o Concílio Vaticano II.

O Concílio Vaticano II foi convocado pelo Papa João XXIII, no dia 25 de dezembro de 1961, e teve seu início no dia 11 de outubro de 1962. Mesmo que em algumas ocasiões dom Hélder estivesse quase “apagado”, isto não fez com que ele se calasse. Ele articulava no silêncio suas idéias e propostas, mesmo não fazendo, a priori, parte das

⁴⁷ CF.:ARAÚJO, Edvaldo M. Dom Hélder Câmara. Profeta-Peregrino da justiça e da paz. Pensamento teológico e antropológico. Aparecida -SP: Idéias e Letras, 2012..p. 89.

⁴⁸ ARAÚJO, Edvaldo M. Dom Hélder Câmara. Profeta-Peregrino da justiça e da paz. Pensamento teológico e antropológico. Aparecida -SP: Idéias e Letras, 2012. 95.

⁴⁹ Idem. p. 97.

⁵⁰ Ibidem. P. 95.

⁵¹ Idem p 101.

Comissões, já no início do Concílio, Hélder sente a necessidade de apresentar ao Papa algumas de suas idéias que poderiam servir como propostas e pontos de pauta para as discussões nas reuniões conciliares. Durante esse período, como era de costume, Dom Hélder aproveitava suas madrugadas para escrever suas cartas, nas quais ele fazia quase que um boletim, um balanço do dia-a-dia do Concílio.

Mesmo não estando mais em evidência, Hélder foi responsável por várias discussões levantadas tanto nas reuniões conciliares como nas inter-conciliares. E dizia: “Quanto a mim, o que mais me alegra é que não aparece o que vem sendo feito pelo Concílio e pela Igreja. Não falo no Plenário, não pertença a nenhuma Comissão. Bem na nossa linha, na linha profunda de nossa vocação.”⁵² Podemos dizer que o desejo do bispo brasileiro era o de fazer com que a Igreja mudasse de fato suas posturas e de não estar em evidência. Isto nos mostra mais uma vez o comprometimento de Hélder com o povo e sobretudo com a Igreja.

Para José de Broucker, é possível dizer que os maiores trabalhos realizados pelos bispos latino-americanos foram os de bastidores; podemos destacar com maior ênfase a presença dos bispos Larrain e Hélder Câmara, ambos amigos e membros do CELAM.⁵³

Durante o Concílio, Hélder faz grandes amizades. Amizades estas que surgem e são construídas com pessoas que comungam do mesmo ideal de Igreja, vivenciado por ele e por vários outros católicos que se unem a ele para refletir a realidade à luz das possibilidades de mudanças. Um exemplo que podemos aqui citar para ilustrar o que estamos falando, são as palavras de Dom Hélder detalhando uma situação de vida de seu amigo Mons. Mercier:

Mons. Mercier tem uma irmã (Marguerite-Marie), que, sem ser religiosa, foi trabalhar no Saara. Impôs uma condição: ficar a 50 km, pelo menos, do irmão Bispo e de qualquer outra religiosa. É queridíssima dos maometanos. Mercier a considera duplamente irmã: pelo sangue e pelo amor aos pobres.⁵⁴

Pelo que podemos observar no trecho acima, Monsenhor Mercier era mais um dos bispos conciliares que também compunha com Dom Hélder no que diz respeito às formas de pensar.

⁵² CÂMARA, Hélder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo I. 26 de Outubro de 1962. 13ª Circular, Roma, para família São Joaquim. Recife: CEPE, 2009, p.37.

⁵³ CF.: BROUCKER, José de. As noites de um profeta: Dom Hélder Câmara no Vaticano II: leitura das circulares conciliares de Dom Hélder Câmara (1962 – 1965). São Paulo: Paulus, 2008. p. 44.

⁵⁴ CÂMARA, Hélder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo I. 07 de Novembro de 1962. 26ª Circular, Roma, para família São Joaquim. Recife: CEPE, 2009, p. 79.

Religiosos do mundo inteiro tinham uma grande admiração por Hélder Câmara. Incluímos nessa lista, cardeais, bispos, padres e leigos que, só pelo fato de estar ao lado do bispo brasileiro, eram tomados por grande emoção. Mas o que levava Hélder a ter posições, na maioria das vezes, contrárias a determinados regimes e momentos, era o amor ao Cristo e à Igreja. Hélder tentava fugir de todas as manifestações nas quais ele pudesse estar em evidência. Um exemplo desse comportamento de Dom Hélder se revela em uma carta na qual ele relata um encontro com um arcebispo da Áustria:

Estão conosco, em *Domus Mariae*, 1 Arcebispo, 1 Bispo e 2 leigos que o Governo (comunista) da Áustria permitiu viessem ao Concílio. O Arcebispo é um homem idoso, marcado pelo sofrimento, impressionante de virtude e santidade. Há dias, no corredor, quis, por força, beijar-me as mãos. Repeli, amavelmente, e ele disse em latim: “*Archiepiscopus es*”. Respondi: “**Frater tuus sum**”. E veio o comentário de que hoje me lembrei me divertindo: “*Sed (mas) revelatum est mihi (me foi revelado) aliquando (um dia) cardinalis eris*” (serás Cardeal).⁵⁵

A expressão em destaque na citação acima, feita por dom Hélder, traduz-se por: “Eu sou seu irmão”, revelando que para Hélder não existia nenhuma diferença entre ele e o Arcebispo da Áustria, ou seja, para ele, não havia desigualdades entre ambos, mesmo que para o Arcebispo austríaco esta diferença existisse. A admiração do austríaco era tamanha que ao término do diálogo, ele ainda diz a Hélder “*Mas foi-me revelado, um dia você será um cardeal*”. Talvez dom Hélder tenha registrado esse trecho pelo fato de que realmente ele poderia ter o desejo de ser elevado ao cardinalato.

Podemos depreender, pelo que vimos anteriormente, que o nome de dom Hélder Câmara era um dos mais cotados para chegar ao cardinalato, pelos menos isto era o que percebiam e o que pretendiam seus amigos. Em uma ocasião, um de seus amigos lhe dá algumas dicas para que o mesmo possa se destacar e, portanto, não perder a possibilidade de chegar a ser cardeal:

Para que vocês entendam o que ocorreu na Basílica na manhã de ontem, devo começar dizendo que, no domingo passado, um Amigo mais que Amigo – um irmão – passou boa parte da manhã dando-me conselhos de prudência para evitar o perigo de eu perder a púrpura. (Ele sabia muito bem que ela, em si mesma, não me interessava. Mas como instrumento para servir à Igreja e à humanidade, parecia-lhe necessário, e indispensável que eu chegasse, quanto antes, a Cardeal...) ⁵⁶

⁵⁵ CÂMARA, Hélder. *Circulares Conciliares Volume I – Tomo I. 03 de Novembro de 1962. 22ª Circular*, Roma, para família São Joaquim. Recife: CEPE, 2009, p. 68.

⁵⁶ CÂMARA, Hélder. *Circulares Conciliares Volume I – Tomo III. 15/16 de Setembro de 1965, 6ª Circular*, Roma, para família Mecejanense. Recife: CEPE, 2009, p. 16.

Hélder diz que esse não era um interesse dele mas que ao, mesmo tempo, seria importante para que pudesse levar adiante seus projetos para Igreja Católica. Hélder Câmara provavelmente guardava em seu coração o desejo e a certeza de que um dia seria levado ao cardinalato, mesmo que tentasse não deixar que esse desejo transparecesse.

Os contatos de Hélder com bispos de outros países ainda poderiam acrescentar e enriquecer as discussões dos grupos dirigidos pelo bispo: “A “troca de idéias com os irmãos no Episcopado” preparou contatos interessantíssimos, tanto no mundo da língua francesa, como no de língua inglesa. Valeu a pena o esforço. Será preciso completá-lo entre a 2ª e a 3ª Sessão.”⁵⁷ Hélder ainda aponta para a possibilidade de surgirem alguns contra-tempos, haja vista a grande proporção que tomaram os grupos ecumênico e de pobreza.

Claro que surgiram problemas. Os Bispos norte-americanos mimeografaram o **Caderno**. Um Bispo deu Cópia ao New York Times que publicou, como vocês sabem, o capítulo sobre a pobreza. O Cardeal Spelmann contraditou-o, atribuindo-o, por engano, ao Senhor Cardeal. Na Secretaria de Estado há um dossier – preparado por um Bispo dos USA – tentando denunciar o meu comunismo.⁵⁸

Portanto, como vimos no trecho acima, o nome dom Hélder Pessoa Câmara, Bispo brasileiro, era comumente nomeado como o bispo comunista, dentro e fora do Vaticano. O Caderno, destacado por nós na citação acima, é o caderno de ata utilizado para redigir as decisões e as ideias surgidas nas reuniões.

Podemos afirmar que o trabalho desenvolvido por dom Hélder era de grande importância para o andamento da Igreja nos países subdesenvolvidos e sobretudo na América Latina, mesmo que este tenha sido o tempo todo realizado nos bastidores do concílio.

Por ter seu trabalho reconhecido no mundo inteiro, por várias vezes dom Hélder foi convidado a realizar conferências particulares em outros países:

O Centro Holandês do Concílio (de documentação teológica) transformou-se em centro Internacional. Hoje me levaram lá e me apresentaram 3 sugestões: a) querem que eu atualize o *Echange d'idées* e eles difundem em 5 línguas (Acho mais fácil escrever outro Cardeal). b) querem articulação com o Ecumênico. Dão tudo o que têm e esperam

⁵⁷ CÂMARA, Hélder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo I. 30 de Setembro de 1963. 1ª Circular, Roma, para família São Joaquim. Recife: CEPE, 2009, p. 162.

⁵⁸ Idem. p. 161-162.

receber material dos 5 Continentes. c) querem que eu faça uma palestra (em francês) para Bispos de várias hierarquias, chamando atenção para o perigo do Episcopalismo (cujo remédio é o Bispo formar equipe com seu Clero e com seus leigos). **Farei de lá uma trincheira, a serviço da Igreja.**⁵⁹

Podemos observar que para Dom Hélder aquelas eram oportunidades únicas para implantar suas idéias; quando ele escreve: *“farei de lá uma trincheira a serviço da Igreja”*, fica claramente pontuado que nas conferências proferidas por ele havia momentos de debates e que ele, de certa forma e com sua enorme capacidade de articulação, conseguia, ao término, deixar, se não uma formação já pronta, mas uma certa dúvida e desejo de que seus ouvintes entendessem, de modo mais profundo, o que ele estava pretendendo dizer; a importância de se refletir sobre idéias, que, mesmo sem serem ditas claramente em palavras, poderiam ser captadas por consciências lúcidas e interessadas em mudanças.

1.6. A TRANSFERÊNCIA DE DOM HÉLDER.

As discussões sobre a possibilidade de transferência de Dom Hélder da Arquidiocese do Rio de Janeiro tiveram início a partir de várias divergências de pensamento entre Dom Hélder e Dom Jaime que, em várias ocasiões, não concordava com as posturas de Hélder⁶⁰:

Hélder já percebia anteriormente que a separação iria ocorrer, através de alguns acontecimentos. Em 1960, Dom José Távora, o “Eu”, como chamava dom Hélder, foi transferido para a diocese de Aracaju após o pedido de dom Jaime. Assim analisou dom Hélder: “um dia ele perdeu a confiança do Senhor Cardeal e o vimos partindo para Aracaju; claro que eu também estava com os dias contados”. Dom Hélder já estava na lista dos eclesiásticos acusados de favorecimento ao comunismo, por exigir cada vez mais que, diante das grandes questões nacionais, a resposta fosse a transformação social pelas reformas estruturais, reforma de base.⁶¹

Como vimos, para Hélder, o seu nome já estava cotado para ser transferido de Diocese já no início da década de 60, mas também como já vimos anteriormente, em 1962,

⁵⁹ CÂMARA, Hélder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo I. 08 de Outubro de 1963. 7ª Circular, Roma, para família São Joaquim. Recife: CEPE, 2009, p. 178.

⁶⁰ ARAÚJO, Edvaldo M. Dom Hélder Câmara. Profeta-Peregrino da justiça e da paz. Pensamento teológico e antropológico. Aparecida -SP: Idéias e Letras, 2012. p. 124.

⁶¹ Idem. p. 125.

com o início do Concílio Vaticano II, ele ainda estava como arcebispo auxiliar no Rio de Janeiro.

Durante a primeira sessão do Concílio, Dom Hélder ainda era bispo auxiliar no Rio de Janeiro, mas, de antemão, sabia que sua transferência já estava sendo cogitada, ainda que não soubesse para onde. Em uma de suas cartas, ele expressa um sentimento de preocupação com sua transferência: “Até agora nada soube sobre mim. Senhor Núncio, a partir de 2ª feira (15), vai passar os dias sem sessão aqui, na Domus Mariae. Pretendo pedir-lhe novidades. Se é que existem”.⁶²

Como dito anteriormente, o processo de transferência de Dom Hélder correu em completo sigilo:

O processo de separação ocorreu de forma sigilosa. Dom Jaime fez o pedido de transferência de Dom Hélder ao Vaticano através da nunciatura apostólica. O núncio dom Lombardi, amigo íntimo de Hélder, foi intermediário desta questão. No início, o Papa Paulo VI, com o apoio e sugestão de Dom Lombardi, pensou em transferi-lo para arquidiocese de Salvador, Bahia, na qualidade de administrador apostólico com direito de sucessão. Salvador é uma diocese com sede cardinalícia; a nomeação para esta significaria também a nomeação para cardeal após a morte do titular. Mas o Cardeal Arcebispo Dom Augusto Álvaro, já com 88 anos e doente, opôs-se, percebendo que tal situação lhe tiraria o comando da diocese e ele ficaria apenas com o cargo honorífico. Ele alegou que existiam cardeais mais velhos e em plena atividade na cúria romana. Paulo VI preferiu não se impor e buscou outra diocese para Hélder. A única possibilidade era a diocese de São Luis do Maranhão. Por ser uma diocese pequena, essa mudança poderia ser interpretada como uma punição ou perda de confiança do Papa em Hélder.⁶³

Como podemos observar, a transferência de dom Hélder foi pensada com bastante cautela, tanto pelo Papa quanto pelo Núncio, ambos amigos de Hélder. Frente às rejeições, no que tange à aceitação pelos bispos, como é o caso do arcebispo da Bahia, e não havendo outra solução, o Papa acaba nomeando Hélder como bispo de São Luis do Maranhão, no dia 7 de março de 1964.⁶⁴ No mesmo dia de sua nomeação, morre o arcebispo de Olinda e Recife, dom Carlos Coelho, o que levou o Papa a mudar sua decisão. Sua nova nomeação saiu em 14 de abril de 1964 como arcebispo da Arquidiocese de Olinda e Recife.

⁶² CÂMARA, Hélder. *Circulares Conciliares Volume I – Tomo I*. 13/14 de Outubro de 1962. 1ª Circular, Roma, para família São Joaquim. Recife: CEPE, 2009, p. 4.

⁶³ ARAÚJO, Edvaldo M. *Dom Hélder Câmara. Profeta-Peregrino da justiça e da paz. Pensamento teológico e antropológico*. Aparecida -SP: Idéias e Letras, 2012. p. 127.

⁶⁴ Idem.

Com a transferência de dom Hélder em abril de 1964, do Rio de Janeiro para o Recife, as cartas que anteriormente eram endereçadas à família de São Joaquim, seus amigos do Rio de Janeiro, a partir de então seriam endereçadas aos seus amigos da família Mecejanence. A primeira vez que Hélder faz alusão à família Mecejana em suas cartas foi na da 15ª circular, de março de 1964, conforme consta no início da III sessão do concílio:

Esta é a minha última circular à Família de São Joaquim. Como família de lá já não tenho muito direito de falar, embora continue até setembro, se Deus quiser, nominalmente como Secretário Geral da CNBB. Na tarde de hoje, espero escrever minha 1ª circular à querida família de Mecejana...⁶⁵

Este é o momento em que Hélder, ainda em Roma, recebe a notícia de sua transferência e passa, portanto, a ser dirigente de uma Arquidiocese que seria a de Olinda e Recife, e já de início nomeia seus amigos que, possivelmente, ainda iriam encontrar em sua nova Arquidiocese de “Família Mecejanence”. A primeira carta escrita à família Mecejana é datada de março de 1964, quando Hélder escreve aos amigos mecejanence, narrando como foi a recepção da notícia de sua transferência, e fazendo alusão ao sentimento dos mesmos com relação a sua transferência. Em um certo momento da carta, dom Hélder faz alusão a uma possível angústia dos leigos da nova Arquidiocese no que diz respeito a sua transferência, afirmando: “A única sombra de dúvida continua sendo pensar no abalo e na possível tristeza de vocês. Quem sabe, no entanto, se as circunstâncias tão especiais que afastam qualquer dúvida dos mais céticos quanto à intervenção direta da Providência vão tornar mais fácil a aceitação?”⁶⁶. É possível dizer aqui que os fiéis da Arquidiocese de Olinda e Recife, pelo que expõe Hélder em sua primeira carta à família de Mecejana, não estavam tão satisfeitos com a transferência do mesmo.

Entre o processo de transferência de um bispo e sua posse na nova diocese é comum existirem manifestações a respeito do novo bispo; não seria diferente com Hélder Câmara, conhecido no mundo todo. Seu antecessor na Arquidiocese de Olinda e Recife era o Arcebispo dom Carlos de Gouvêa Coelho, que foi o quinto Arcebispo na Diocese, governando de 1960 a 1964, ano de sua morte. dom Carlos era integrante da linha moderada da Igreja Católica e, durante os quatro anos que esteve à frente da Arquidiocese, criou duas outras dioceses com o intuito de combater os movimentos de origens socialistas

⁶⁵ CÂMARA, Hélder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo I. Março de 1964. 15ª Circular, Roma, para família São Joaquim. Recife: CEPE, 2009, p. 429.

⁶⁶ CÂMARA, Hélder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo I. Março de 1964. 16ª Circular, Roma, para família São Joaquim. Recife: CEPE, 2009, p.430.

que se alastravam na zona rural⁶⁷. Já dissemos que existia uma divergência no pensamento de dom Carlos e de dom Hélder. Talvez fosse este o motivo da preocupação da população leiga da Arquidiocese no que diz respeito à chegada do novo Arcebispo.

Quando dom Hélder é nomeado Arcebispo de Olinda e Recife, chega o momento de receber o pálio⁶⁸. Esta cerimônia é, de modo geral, dirigida pelo Sumo Pontífice, que entrega o símbolo do pálio pessoalmente aos senhores Arcebispos. No entanto, na cerimônia em que Dom Hélder iria receber o pálio, houve uma modificação: quem presidiria a cerimônia representando o Papa Paulo VI seria o Cardeal Ottaviani, que entregaria o pálio aos 40 novos Arcebispos. Mas, como veremos abaixo, uma carta surpreende Dom Hélder e o deixa intrigado:

Foi anunciado que o Pálio mesmo seria entregue no sábado, 10, no Santo Ofício, pelo Cardeal Ottaviani. Inesperadamente, recebo um cartão, do próprio punho de Mons. Enrico Dante, prefeito das Cerimônias Apostólicas dizendo que “o santo Padre lhe imporá o pálio na 6^o feira, 2 de outubro, às 13h, no Apartamento Nobre de Sua Santidade”. Repararam o dia?... Notei que ninguém mais recebeu aviso semelhante (ninguém dentre os conhecidos a quem perguntei se tinham algum aviso sobre a cerimônia). Ontem, na Basílica, todos, inclusive eu, recebemos aviso de que a cerimônia seria mesmo no dia 10 e pelo Cardeal Ottaviani. Procurei Mons. Dante: não viera ao Concílio. Falei a seu Auxiliar: Mons. Scarpino. Não tinha notícia de nenhuma cerimônia privada. Talvez, por equívoco, a carta me tivesse chegado, mas quem sabe seria dirigida ao cardeal Câmara e se trataria do Pão do Cardeal Motta. Expliquei que para mim o equívoco estava esclarecido: só não queria faltar, caso o 1^o aviso tivesse alguma razão de ser. Mons. Scarpino ficou preocupado. Sem nada dizer-me, foi pessoalmente apurar o que havia. Chamou-me e disse: (Anuncio-te uma grande alegria: o sumo Pontífice **pessoalmente** quis impor-te **pessoalmente**, o Pálio amanhã às 13h). É ou não a resposta à confiança absoluta com que entreguei aos anjos o caso de *Lê Monde*?!... E que bela oportunidade de falar ao Santo Padre!⁶⁹

No trecho citado anteriormente, narrado por Dom Hélder, podemos perceber que, de fato, existia uma grande admiração de Paulo VI para com o bispo brasileiro. Mas o que

⁶⁷ A respeito das informações fornecidas acima, ver: MAURÍCIO, Ivan. Dom Carlos Coelho: Série arcebispos de Olinda e Recife, 5^o arcebispo. O Jornal do Nordeste. 05-09-2009. Consultado em: 23-05-2011. Disponível em: http://www.onordeste.com/blogs/index.php?titulo=Blog+Ivan+Maur%C3%ADcio+-+DOM+CARLOS+COELHO¬id=3786&id_user=1

⁶⁸ O pálio conferido pelo Papa é o símbolo da sua qualidade de Metropolita. Somente os Arcebispos Metropolitans e o Decano do Colégio Cardinalício o podem receber. (Decano é o Cardeal que preside o Colégio dos Cardeais)

⁶⁹ CÂMARA, Hélder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo II. 1 – 2 de outubro de. 21^a Circular, Roma, para família Joânica,. Recife: CEPE, 2009. p. 80 e 81.

levou Paulo VI a tomar esta atitude? Teria sido pela grande amizade e admiração que tinha pelo grande amigo ou seria um prêmio de consolo a Hélder Câmara? Ao receber o pálio das mãos de Paulo VI, Hélder é abraçado pelo mesmo que diz: “*Deus sabe a alegria que tenho em dar-lhe este Pálio*”.⁷⁰

Na edição do “Prêmio Nobel da Paz,” em 1970, o nome de Dom Hélder Câmara foi indicado com mais de cinco milhões de assinaturas de trabalhadores operários e por membros de comissões do exterior e indicado pelo vencedor do prêmio em 1968 para concorrer ao “Nobel da Paz” em 1970, como nos apontam Piletti e Praxedes:

Vários grupos de parlamentares da Holanda, Suécia, França e Irlanda e mais o vencedor do Prêmio em 1968, René Cassin, haviam proposto formalmente a candidatura de dom Hélder em 1970, apoiado por mais de cinco milhões de assinaturas de trabalhadores latino-americanos, recolhidas pela confederação latino-americana sindical cristã, graças ao esforço do secretário geral da entidade Emilio Maspero.⁷¹

Em 1970, dom Hélder não conseguiu o prêmio, mas todos os que o apontaram permaneceram na expectativa de que ele pudesse ganhar o prêmio Nobel da Paz, no ano seguinte, em 1971. Mas estava claro que o governo militar brasileiro não tinha qualquer intenção de deixar que dom Hélder ganhasse tal prêmio. Poderíamos aqui enumerar várias outras censuras que Hélder sofreu durante a ditadura militar, mais especificamente durante, praticamente, toda a década de 70. Porém, para pensar e registrar a caminhada de Dom Hélder durante a década de 70 seria necessário um outro estudo monográfico, portanto ficaremos somente até aqui.

Dom Hélder, após ser transferido para o Recife, exercerá o seu cargo como Arcebispo de Olinda e Recife até o dia 02 de abril de 1985, já que o Direito Canônico determina que ao completarem 75 anos de idade, os bispos devem pedir seu afastamento. Dessa forma, é nesse ano que Hélder se afasta do Arcebispado e se torna, a partir de então, Arcebispo emérito de Olinda e Recife, e assim permanecendo até sua morte no dia 27 de agosto de 1999, aos 90 anos.

⁷⁰ Idem.

⁷¹ PILETTI, Nelson. PRAXEDES,, Walter. Dom Hélder Câmara: o profeta da paz. São Paulo: Contexto, 2008. p.10.

Não é esperança... Esperança é crer na aventura do amor, jogar nos homens, pular no escuro confiando em Deus.

Dom Hélder Câmara.

CAPÍTULO II

UMA ABERTURA NÃO TÃO GRADUAL:

O CONCÍLIO VATICANO II (1962-1965).

Este capítulo propõe estabelecer um balanço acerca das transformações sofridas pela Igreja Católica e seus seguidores a partir do Concílio Vaticano II, que tem seu início em 1962 com o então Papa João XXIII; tal Concílio marca a história da Igreja Católica, haja vista as grandes mudanças que surgem durante e após seu acontecimento. Um exemplo dessas mudanças que podemos trazer no presente, mas que não é nosso objeto de estudo, é o surgimento da “Teologia da Libertação”¹, discurso que vem à tona após a grande abertura que o Concílio propõe.

Para estabelecermos tal discussão, neste Capítulo utilizaremos fontes bibliográficas e as Cartas Conciliares de Dom Hélder Câmara, nas quais ele descreve alguns aspectos à luz de seus primeiros contatos com o próprio Concílio e com as reuniões conciliares. Passaremos, a partir de então, à convocação do Concílio Vaticano II, suas mudanças na Igreja Católica e a abertura que este Concílio propõe para Igreja Católica. Segundo José de Broucker:

Um Concílio é uma reunião de todos os bispos convocados pelo Papa para definir a fé, a disciplina e a moral católica. Houve 19 Concílios entre o ano de 325 após Jesus Cristo (Nicéia, na Ásia Menor) e 1563 (Trento, na Itália). A maior parte teve de cortar debates teológicos, lutando contra os desvios doutrinários, colocar a Igreja em estado de defesa perante ameaças ou políticas do espírito do tempo.²

É preciso, para adequadamente compreendermos o Concílio Vaticano II e as profundas modificações por que passaria a Igreja Católica após sua realização, explicitar a maneira como essa instituição foi alterada pelo Concílio anterior, no século XVI, com vistas a percebermos a abrangência e significado da reunião da qual participou Hélder Câmara na primeira metade dos anos 1960, sob a presidência de dois Papas.

¹ Sobre a “Teologia da Libertação,” ver: BOFF, Leonardo. *Teologia do cativo e da libertação*. Petrópolis – RJ : Editora Vozes, 1980. MONDIN, B. *Os teólogos da libertação*. São Paulo: Paulinas, 1980.

² BROUCKER, José de. *As noites de um profeta: Dom Hélder Câmara no Vaticano II: leitura das circulares conciliares de Dom Hélder Câmara (1962 – 1965)*. São Paulo: Paulus, 2008. p. 15.

2.1. UMA IGREJA VOLTADA PARA SI: OS CONCÍLIOS DE TRENTO E O VATICANO I.

Por quatro séculos, a Igreja Católica e seus seguidores foram regidos pelas Resoluções do Concílio de Trento. O referido Concílio aconteceu em meados do século XVI, dos anos 1545 a 1563, tendo sido convocado pelo Papa Paulo III e considerado pela Igreja como o 19º Concílio Ecumênico, realizado em três sessões, -de 1545 a 1549, de 1551 a 1552 e de 1562 a 1563), e trazendo como tema para discussões algumas questões levantadas por Lutero, tais como: Doutrina da Justificação, As fontes da fé, A relação entre Escritura e Tradição, e Os Sacramentos. O casamento como instituição pública também remonta a esse Concílio, que teve, durante os dezoito anos de sua duração, as presidências respectivas dos Papas Paulo III, Júlio III, e Pio IV.³

O século XVI constituiu-se como um período de transição, momento em que o mundo, então voltado para o modelo teocêntrico, passa a, gradativamente, ser orientado pelo antropocentrismo, em uma retomada de elementos da Antiguidade⁴, e muito mais, já que não podemos deixar de lado informações pertinentes para a compreensão da sociedade européia daquele período, uma vez que, do ponto de vista de sua organização política, via-se, nos últimos dois séculos, um deslocamento do poder fragmentado das mãos dos senhores feudais para as mãos dos reis.⁵ No que tange à economia, um vagaroso desprendimento dos servos da terra e sua migração para os burgos ou seu aproveitamento como mão-de-obra livre e que recebiam (em pecúnia ou parte da produção) por suas atividades,⁶ e, do ponto de vista dos costumes, um decréscimo no poderio da Igreja Católica resultante da Reforma Protestante, desencadeada pelo monge agostiniano Martinho Lutero, em 1517.⁷

No final da Idade Média, o medo paira sobre a população, que ainda acredita nos terrores noturnos, nas grandes tempestades ou nos mares tomados por Lilith e seus filhos monstruosos; tudo isso era colocado pela Igreja Católica, que pregava utilizando desses

³ Os Papas Marcelo II e Paulo IV não presidiram as reuniões conciliares, haja vista os intervalos ocorridos entre elas e o atraso causado pela morte de Marcelo II após apenas 21 dias de pontificado.

⁴ No campo das artes, tal movimento, referindo-se a essa retomada, será expresso pelo Renascimento. Sobre o tema, ver: HAUSER, Arnold. História social da arte e da literatura. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 357-358; QUEIROZ, Maria Alice

⁵ Cf. ANDERSON, Perry. Linhagens do estado absolutista. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

⁶ Ver: MARX, Karl. A assim chamada acumulação primitiva. In: _____. O capital. São Paulo: Abril Cultural, 1984, vol. I, t. 2, p. 261-264.

⁷ VEIGA, Luiz Maria. A Reforma Protestante. São Paulo: Ática, 1990; KLUG, João. Lutero e a Reforma Religiosa. São Paulo: FTD, 1998; LUIZETTO, Flávio. Reformas Religiosas. São Paulo: Contexto, 1989; COLLINSON, Patrick. A Reforma. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

impactos naturais para amedrontar seus fiéis no que diz respeito à “fúria divina.” Segundo Jean Delumeau, é com os descobridores renascentistas que se dá o início de um processo de desmistificação dos medos da população no que diz respeito às questões da natureza impostas pela Igreja Católica.⁸

Para a Igreja Católica, este é o momento em que suas estruturas se encontram um tanto quanto roídas pelos movimentos de raízes humanistas. A Igreja, que durante praticamente um milênio dirigia a Europa soberana, a partir de então, terá que fazer uma releitura da sociedade moderna. Fator este que, segundo José Eduardo Meschiatti, é um dentre os motivos que levaram à formação do Concílio de Trento:

Os fatores que acabaram por determinar a Contra-Reforma Católica, tendo como seu principal instrumento o Concílio de Trento, para fazer frente às questões colocadas pelo mundo moderno foram: a Reforma Protestante, o mundo moderno hostil à religião e a determinadas posturas da Igreja⁹.

Como podemos observar, o Concílio de Trento inseriu-se em uma conjuntura mais ampla que, dentre outras, teve como questão a Reforma Protestante, que estava em seu auge. A reunião se apoiava em dois pilares: por um lado, o controle e o enquadramento do Clero às novas normas, as quais deveriam ser seguidas pelos mesmos e, por outro lado, o controle dos fiéis. Para assegurar o controle dos fiéis durante o Concílio de Trento, foram instituídas algumas táticas para que a Igreja pudesse controlar as suas expectativas à luz de suas necessidades. O purgatório, ou ainda, sua idéia e forma, seriam reforçadas, o lugar para onde as pessoas, após a morte, poderiam ficar por um período e se livrariam da condenação do inferno:

Apareceu, então, a Teologia dos Novíssimos, ou seja, diante das necessidades da nova classe dos mercadores, com a desestruturação do feudalismo, surgiu uma terceira alternativa para a vida após a morte, que, de certa forma, livrava o fiel da possibilidade da condenação eterna: o purgatório. Através do pagamento de taxas à Igreja, o mercador poderia purgar seus pecados, livrando-o da ameaça da condenação eterna no inferno.¹⁰

⁸ CF.: DELUMEAU, Jean. História do Medo no Ocidente: A culpabilização no Ocidente (século 13 – 18) Volume II. Bauru – SP: Edusc, 2003.

⁹ MESCHIATTI, José Eduardo. Trabalhadores da vinha: estudo sobre a formação do clero. O seminário católico antes e depois do Concílio Vaticano II. Campinas, SP 2007. Tese de Doutorado p. 8.

¹⁰ MESCHIATTI, José Eduardo. Trabalhadores da vinha: estudo sobre a formação do clero. O seminário católico antes e depois do Concílio Vaticano II. Campinas, SP 2007. Tese de Doutorado. p. 9.

O sucesso do purgatório foi garantido pelo medo, relacionado ao juízo final e à prestação de contas a Deus no fim da vida. Neste sentido, o que temos é, ainda, a manutenção de uma prática de imposição do dogma católico, num processo elementar da história, no qual percebemos as mudanças e, ao mesmo tempo, as permanências, constituindo, ambas, a cultura de uma dada sociedade em um determinado período.

Assim, a Igreja começava a se adaptar ao novo pensamento vigente,¹¹ e seus representantes começaram a entender que se iniciava um novo período no qual seria necessário se adequar ao mesmo para não perder seu espaço na sociedade. Para a Igreja, este é um momento bastante complicado, pois ela, que por longos dez séculos na história da Europa triunfou, agora tinha que se desdobrar para acompanhar mudanças sociais.

O Concílio de Trento foi marcado por um caráter dogmático presentes no que foi nomeado Contra-Reforma, ou seja, sua principal função foi negar a Reforma Protestante iniciada por Lutero. Para além, o que se percebe é a manutenção de um ideário medieval punitivo que recai sobre a Igreja e seus fiéis a partir das decisões do Alto Clero.

A Igreja manteve-se fechada por mais três séculos, quando, sob o governo do Papa Pio IX, no dia 8 de dezembro de 1869, foi convocado um novo Concílio, conhecido como Vaticano I. Foram convocados os bispos, superiores gerais de congregações e abades. Pela primeira vez na história dos Concílios, não foram convidados os chefes das nações católicas. As filosofias liberais e os nacionalismos crescentes encorajaram um pensamento mais livre na Igreja. Muitos sacerdotes e bispos tinham começado a questionar o poder do Papa. Em um mundo que não era mais uniformemente católico, o papado também perdera parte de sua influência política.

A Igreja precisava avaliar a si mesma diante dos desafios do pensamento liberal e da diminuição da importância da tradição em seu seio. Segundo Meschiatti, o Concílio

¹¹ Segundo Nicolau Sevcenko, antes do século XV, os estudos medievais eram voltados para uma educação católica, a qual se empenhava em passar para seus alunos uma visão hierarquizada e dogmática da sociedade, da natureza e das coisas sagradas, de maneira que fossem preservadas as estruturas feudais. É a partir daí que se inicia um movimento que tinha como objetivo rever estas estruturas com base nos “Estudos Humanistas” que incorporavam a poesia, a filosofia, a matemática e a eloquência (disciplina que une a retórica e a filosofia). Sendo assim, os humanistas rompem com os estudos medievais impostos pela Igreja Católica e buscam suas referências na Antiguidade. Portanto, daí o rompimento entre a Igreja Católica e os Humanistas. Cf. SEVCENCO, Nicolau. O Renascimento. São Paulo – SP: Atual, 1994. p. 14 e 15.

Vaticano I não pôde ser terminado, por razão dos confiscos de bens pontifícios¹², mas conseguiu declamar o dogma da Infallibilidade Papal:

Diante das conseqüências desta e da consecutiva perda dos territórios pontifícios, a tentativa católica de salvaguardar a Igreja se deu na realização do Concílio Vaticano I (1869-1870) que, embora inacabado diante do eminente confisco dos territórios pontifícios, não conseguiu cumprir sua agenda e chegou a declarar o dogma da “Infallibilidade Papal”, tentando assegurar a unidade da Igreja em torno das contestações à autoridade do papa.¹³

O Concilio Vaticano I abordou a questão do papel que o Papa desempenhava na Igreja, aprovando, assim, o dogma da Infallibilidade Papal. A partir de então, o Papa, quando explicitamente define uma doutrina, possui a infallibilidade. Sendo assim, tais definições do Romano Pontífice são infalíveis por si mesmas e não em virtude do consentimento da Igreja.

Para Alfredo César da Veiga, um período marcante para a história da Igreja, e que até hoje é lembrado com pouco entusiasmo pelos escritores e integrantes da Igreja em geral, posto que foi gerador de várias críticas a respeito da mesma, é o período que compreende os anos 1846 até 1878. Este é o período que antecede o Concílio Vaticano II, no qual, quem estava à frente da Igreja durante seus 32 anos de duração, é o Papa Pio IX:

A atmosfera que tomou conta da mentalidade eclesiástica a partir do papado de Pio IX (1846 – 1878) marcou, de tal maneira a prática religiosa que mesmo hoje, depois do Vaticano II, muitos não conseguem ver a história senão em seu aspecto crítico, o que irá sempre trazer embaraços no diálogo Igreja-sociedade.¹⁴

O pontificado de Pio IX foi um dos pontificados mais longos da história e é marcado por um grande autoritarismo por parte do Alto Clero no que diz respeito ao relacionamento com os fieis. Pio IX escreveu a Encíclica “Quanta Cura,” na qual fazia crítica ao que chamava de “Heresia do americanismo,” que se resumia na liberdade de religião, na liberdade de pensamento e na separação entre Estado e Igreja.

¹² A unificação política da Itália ocorreu em 1870. Neste mesmo ano, as relações entre a Itália e a Igreja foram cortadas, sendo reatadas em 1929, quando, pelo Tratado de Latrão, foi definido o limite do território pontifício.

¹³ MESCHIATTI, José Eduardo. Trabalhadores da vinha: estudo sobre a formação do clero. O seminário católico antes e depois do Concílio Vaticano II. Campinas, SP 2007. Tese de Doutorado. p.8.

¹⁴ VEIGA, Alfredo César da. Teologia da Libertação: Nascimento, expansão, recuo e sobrevivência da imagem do excluído dos anos 1970 à época atual. São Paulo, SP, 2009. Tese de Doutorado s/p.

Após o Concílio Vaticano I, forma-se no clero uma classe progressista, que luta pelas modificações para que a Igreja pudesse caminhar junto com seus fiéis. Contudo, entre 1878 e 1903, com o governo do Papa Leão XIII, a Igreja tentou uma reforma, mas, em 1910, sob o governo de Pio X, para preservar as definições do Concílio de Trento, todo candidato ao sacerdócio deveria prestar juramento anti-modernista:

A busca de reforma na formação eclesiástica vem desde o governo do Papa Leão XIII (1878-1903), em que “a Igreja se encontrava corroída”, quando se optou novamente pelo Tomismo como filosofia e teologia delineadoras da formação do clero; foi o chamado neo-tomismo. Em 1910, sob o Papa Pio X, todos os candidatos ao sacerdócio deveriam prestar juramento anti-modernista.¹⁵

Nesse período, podemos observar algumas manifestações por desejos de mudanças em discursos e textos organizados por bispos e teólogos. Em 1955, no Rio de Janeiro (Brasil), aconteceu a I Conferência Geral do Episcopado latino-americano e, como poderemos observar abaixo, segundo Lucelmo Lacerda de Brito (2010), já havia ali um pensamento progressista mesmo que um tanto quanto velado:

Depois do texto pouco expressivo emanado da I CGELA, em 1955, no Rio de Janeiro, um conjunto de teólogos do continente vinha discutindo uma teologia e uma pastoral que respondesse aos problemas do povo da América Latina, especialmente do povo pobre.¹⁶

Entretanto, mesmo com o desejo de mudança nos rumos da Igreja, tão sonhado por parte do clero, esse período de perseguições e de autoritarismo da Igreja vai perdurar por longos anos até a morte de Pio XII, em 1958. O pontificado de Pio XII durou 19 anos, e este foi o primeiro Papa a exercer o dogma da “Infalibilidade Papal”, ficando no poder até sua morte.

¹⁵ MESCHIATTI, José Eduardo. Trabalhadores da vinha: estudo sobre a formação do clero. O seminário católico antes e depois do Concílio Vaticano II. Campinas, SP 2007. Tese de Doutorado p. 20.

¹⁶ BRITO, Lucelmo Lacerda de. Medellín e Puebla: Epicentro do confronto entre progressistas e conservadores na América Latina. Revista Espaço Acadêmico, n 111, Agosto de 2010 p. 28.

2.2. AS PRIMEIRAS IMPRESSÕES SOBRE O CONCÍLIO.

Com a morte de Pio XII, quem assumiu seu lugar foi o Papa João XXIII, que tomou posse no dia 28 de outubro de 1958. Pertencente à Ordem Franciscana, escolheu como lema de seu pontificado “Obediência e Paz”

Durante todo o período que abrange os anos 1939 a 1945, momento em que o mundo estava passando por uma de suas maiores crises, com a Segunda Grande Guerra Mundial, a Igreja Católica simplesmente se calou perante a realidade pela qual passava a população em virtude do citado conflito. Com o fim da Guerra em 1945, a Europa, de forma geral, estava devastada economicamente. Contudo, surge outro tensionamento que também iria deixar a população mundial deveras preocupada, a Guerra Fria:

A Segunda Guerra mal terminara quando a humanidade mergulhou no que se pode encarar, razoavelmente, como uma Terceira Guerra Mundial, embora uma guerra muito peculiar, pois como observou o grande filósofo Thomas Hobbes, “A guerra consiste não só na batalha ou no ato de lutar, mas num período de tempo em que a vontade de disputa pela batalha é suficientemente conhecida.” A Guerra Fria entre EUA e URSS, que dominou o cenário internacional na segunda metade do breve século XX, foi sem dúvida um desses períodos. Gerações inteiras se criaram à sombra de batalhas nucleares, globais, que se acreditavam firmemente que podiam estourar a qualquer momento e devastar a humanidade.¹⁷

Como já vimos no texto citado anteriormente, a partir de fins dos anos 1940 e início dos anos 1950, temos a formação de um novo conflito, que ficou conhecido como a Guerra Fria; a população mundial vivia em constante temor, pois a qualquer momento poderia acontecer a eclosão de uma nova Guerra. É nesse momento que a Igreja, conduzida pelo Papa João XXIII, convoca um Conselho que ficou conhecido como Concílio Vaticano II, iniciado no ano de 1962. João XXIII, afirmando ser “[...] preciso tirar as teias de aranha, abrir as janelas da Igreja para o mundo”¹⁸, dá início aos trabalhos de reflexão sobre a atuação da Igreja, juntamente com seus principais dirigentes.

¹⁷ HOBBSAWM, Eric J. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914 – 1991*. São Paulo – SP. Companhia das Letras, 1965. p.224.

¹⁸ PAPA João XXIII. APUD: BARBOSA, José Dilson de Almeida. *As comunidades eclesiais de base – CEBs nas décadas de oitenta e noventa em Cuiabá–MT*. Espaço popular de construção de Cidadania?. Dissertação (Mestrado em Educação). Cuiabá, Universidade Federal de Mato Grosso, 2008, p. 27.

O Concílio foi organizado em quatro sessões, em cada uma dessas sessões, realizadas de dois em dois meses cada uma, entre os anos de 1962 até 1965, os membros da Igreja brasileira, bispos e padres viajariam com vôos fretados pelo Governo Federal.¹⁹

2.2.1. O PONTIFICADO DE JOÃO XXIII.

Com a declaração do “Dogma da Infallibilidade Papal” no Concílio Vaticano I, convocado em 1869, conforme já vimos anteriormente, a convocação de um novo Concílio para a Igreja Católica seria uma missão quase que impossível de se realizar, tendo em vista a autonomia que fora dada aos Papas pela instituição de tal dogma. Muitos imaginavam que o Concílio seria para Igreja um “luxo caro”. A convocação do Concílio Vaticano II, pelo Papa João XXIII em 1962, causou em muitos um grande espanto, alguns bispos desacreditavam da coragem do Papa. João XXIII rompe com o modelo de Igreja proposto e tenta com o Concílio Vaticano II uma inovação no que diz respeito às estruturas e ao lugar da Igreja Católica na sociedade.

Segundo João Batista Libanio, “O Concílio Vaticano II permite dupla leitura. Uns preferiram ver nele a continuidade com os dois concílios anteriores, Trento e Vaticano I, e outros chamam atenção para a novidade que ele inaugurou”.²⁰

Em sua primeira carta à família de São Joaquim, Dom Hélder Câmara fala sobre suas impressões a respeito do Concílio. Para ele, o mesmo seria difícil, já que, nesse Concílio, logo no início os bispos já dão mostra de que não se calariam às decisões vindas de cima e que os mesmos iriam se manifestar perante as decisões a serem tomadas pelo colégio de bispos. Segundo Dom Hélder, o esquema proposto parecia discordar com o que o próprio Papa João XXIII havia sugerido anteriormente.

O Concilio vai ser difícilimo. As Sagradas Congregações pensavam que seria fácil pensar pelos Bispos e decidir por eles. Acontece por exemplo que o esquema da parte teológica parece, a muitos Bispos do mundo inteiro, em dissonância com que o Papa anuncia como espírito do Concilio. Hoje, quando se tratou de eleger 16 Bispos para cada uma das 10 Comissões do Concilio, o Episcopado deu uma primeira amostra de

¹⁹ CF.: PILETTI, Nelson. PRAXEDES,, Walter. Dom Hélder Câmara: o profeta da paz. São Paulo: Contexto, 2008. p. 233.

²⁰ LIBANIO, João Batista. Concílio Vaticano II: Em busca de uma primeira compreensão. São Paulo: Loyola, 2005. p. 9.

sua decisão: recusou-se a votar apressadamente ou a aceitar listas impostas.²¹

Podemos observar, ainda, uma certa preocupação com a figura do Papa João XXIII. O trecho citado anteriormente leva-nos a perceber que existia ali uma tensão por parte do episcopado em relação às orientações do próprio João XXIII no que diz respeito ao espírito conciliar proposto pelo Papa que, segundo Marques, “(...) deveria servir tanto para o *aggiornamento* (renovação) da Igreja quanto para o estabelecimento de um diálogo, por parte dela, com as demais tradições cristãs.”²²

O pontificado de João XXIII é marcado pela forma com que ele encara sua função em meio à sociedade e pelos gestos praticados por ele junto à mesma. Outro fator que diferencia esse pontificado de outros é a forma com que ele trata a figura dos leigos. Segundo Veiga, o Papa “[...] deixando para trás os muros do Vaticano, começou a visitar os doentes e a distribuir sacramentos como um simples pároco de aldeia, o que lhe valeu o carinhoso apelido de *Giovanni fuori le mura*”²³. Este novo jeito de ser Papa, criado por João XXIII, de acordo com Veiga, “(...) se transformou em símbolo de uma igreja que deixava para trás aquela atitude inversa do Papa Pio IX quando se trancou dentro dos muros do Vaticano, dizendo-se prisioneiro de um território minúsculo”²⁴.

João XXIII rompe com o modelo de Papa existente e cumpre sua missão de pastor junto à sociedade que até então não havia sofrido uma experiência tão próxima com um Papa. João XXIII, com sua visão libertadora, de certa forma, deixa para trás o dogma instituído no Concílio Vaticano I, o dogma “da Infalibilidade Papal”. Não queremos afirmar aqui que João XXIII rompe com um dogma, só queremos mostrar que, diferentemente dos Papas anteriores, que de forma clara, ressaltavam sua soberania e fechavam os olhos à realidade do mundo, ele ressaltava sua simplicidade e o seu desejo de fazer comunhão com os menos favorecidos e com a realidade. Para Veiga (2009), o Papa parecia não se importar com o dogma da Infalibilidade Papal.

²¹ CÂMARA, Hélder. *Circulares Conciliares Volume I – Tomo I*. 13/14 de Outubro de 1962. 1ª Carta, Roma, para família São Joaquim. Recife: CEPE, 2009, p. 1.

²² MARQUES, Luiz Carlos Luz. *Observações úteis para entender o concílio*. In: Dom Helder Câmara. *Circulares Conciliares. Volume I – Tomo I: de 13/14 de Outubro de 1962 a Março de 1964*/ orgs. Luiz Carlos Luz Marques e Roberto de Araújo Faria – Recife: CEPE, 2009, p. LV.

²³ VEIGA, Alfredo César da. *Teologia da Libertação: Nascimento, expansão, recuo e sobrevivência da imagem do excluído dos anos 1970 à época atual*. São Paulo, SP, 2009. Tese de Doutorado s/p.

²⁴ Idem.

Enfim, os gestos do novo papa marcaram o desejo de trazer para perto do povo uma igreja até então bem distante do mundo real, cujo líder máximo parecia não se identificar com o poder que lhe dera o dogma da infalibilidade, no Concílio anterior.²⁵

Já para Libanio, apesar de o Concílio Vaticano II ter sido uma surpresa para muitos, a convocação de um Concílio naquele momento parecia ser para a Igreja um luxo que custaria caro e uma situação desnecessária.

O Concílio Vaticano II foi uma enorme surpresa. Teologicamente se pensava que, com a declaração do dogma do primado do Romano Pontífice e da infalibilidade do magistério pontifício, o Concílio seria um luxo caro, perigoso, desnecessário. Para questões secundárias, bastava o magistério ordinário do papa e dos bispos. Para alguma eventual questão que merece uma tomada solene de posição, o magistério pontifício gozava do carisma da infalibilidade, segundo, naturalmente, as condições prescritas pelo Concílio Vaticano II.²⁶

Podemos observar que, para Libanio, bastava que o Pontífice Romano utilizasse o poder concedido a ele pelo dogma da infalibilidade para modificar os rumos da Igreja. Não seria necessário, portanto, a convocação de um Concílio se não fosse o desejo de João XXIII de pensar junto com o seu Episcopado os rumos a serem tomados pela Igreja Católica a partir daquele momento.

Depois do grande percurso feito pela Igreja Católica em sua história, o Concílio Vaticano II foi um dos maiores acontecimentos do século XX, momento esse que marca a caminhada da Igreja por romper com estruturas que até então, nos seus dois mil anos de histórias, haviam sido conservadas, como nos aponta o Padre Paulo de Coppi no trecho a seguir:

O Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965) foi, sem dúvida, o maior acontecimento eclesial do século XX. Sentia-se a necessidade de uma renovação autêntica da Igreja. Dois mil anos de história haviam depositado em seu rosto tantas impurezas que era bastante difícil contemplar seu resplendor original.²⁷

²⁵ Ibidem.

²⁶ LIBANIO, João Batista. Concílio Vaticano II : Em busca de uma primeira compreensão. São Paulo: Loyola, 2005. p.57.

²⁷ COPPI, Pe. Paulo de. Por uma Igreja Toda Missionária: Breve curso de missiologia. São Paulo: Paulus, 1994. p. 40.

Segundo José de Broucker, no início do Concílio Vaticano II os 3000 bispos ali presentes começam a perceber que todo aquele momento era novo e que eles próprios ainda não se conheciam. Podemos perceber que, embora os bispos tivessem ido para um Concílio no qual a proposta inicial era de rever as posturas da Igreja, de forma geral todas as propostas já estavam praticamente prontas para que os mesmos não tivessem muitas contribuições a dar nas discussões conciliares, mas somente tivessem a responsabilidade de votar esquemas de documentos colocados no Concílio.²⁸

É possível afirmar que o Concílio Vaticano II, proposto por João XXIII, antes de seu início já havia sido pensado por membros da Cúria Romana que, de certa forma, temia as modificações que poderiam vir de um Concílio na Igreja Católica. Essas possíveis transformações implicariam na vida pastoral e pessoal de todos os dirigentes da Igreja.

Para Veiga, um fato marcante no pontificado de João XXIII, e que marca até mais que o Vaticano II, foi o compromisso que ele tinha em colocar a Igreja atualizada, afinada com os parâmetros do mundo moderno. O Papa via a necessidade de aproximar a Igreja da realidade e passar a ver o mundo com um olhar mais real. No entanto, era preciso tentar uma aproximação maior com a realidade do povo:

Foi marcante, mais do que todo processo que culminou no Concílio, a atitude corajosa do papa em desejar um diálogo com um mundo até então considerado profano e inimigo, sendo tratado, portanto, apenas com atos seguidos de excomunhão e exclusão²⁹.

O povo, que até então esperava um Papa conservador, que seguiria a linha proposta pelo Concílio Vaticano I, surpreende-se com sua forma inovadora e atualizada de pensar a Igreja e sua ação na vida do povo. A despeito disso, inicia-se uma onda de modificações, feitas à luz do desejo de mudança de parte da Igreja e da força inovadora de João XXIII. Uma série de rompimentos com os modelos seguidos desde o Concílio de Trento irá tornar a Igreja mais humana e próxima da realidade do povo, como nos pontua Veiga (2009):

Como se pode ver, comparando-se a períodos anteriores, a igreja promovia uma verdadeira dessacralização de suas posições mais intransigentes. Idéias e posturas, antes consideradas profanas são, a

²⁸ CF.: BROUCKER, José de. As noites de um profeta: Dom Hélder Câmara no Vaticano II: leitura das circulares conciliares de Dom Hélder Câmara (1962 – 1965). São Paulo: Paulus, 2008. p. 75.

²⁹ VEIGA, Alfredo César da. Teologia da Libertação: Nascimento, expansão, recuo e sobrevivência da imagem do excluído dos anos 1970 à época atual. São Paulo, SP, 2009. Tese de Doutorado s/p.

partir de agora, convidadas a adentrar o mundo até então intocável do sagrado: as investigações empíricas substituíram a autoridade fundamentalista da interpretação bíblica, a reforma litúrgica removeu excessos de devoções e mudou a relação quase mágica do fiel com os sacramentos, a língua substituída pela vernácula. Rompia-se, portanto, com o valor ontológico do rito e quebrava-se a sacralidade da liturgia.³⁰

Podemos observar que até mesmo a liturgia, que até então era considerada intocável, foi modificada, para que os leigos se aproximassem da realidade de um Deus libertador.

Em alguns momentos, Dom Hélder deixa transparecer um profundo desgosto no que diz respeito às celebrações pontifícias durante o Concílio. Podemos observar um exemplo no trecho abaixo quando ele diz:

De volta do Pontifical (em rito ambrosiano e em homenagem ao Papa, cujo 4º aniversário de coroação se celebra hoje). Fui de coração aberto, porque João XXIII é um homem providencial. Mas voltei angustiado, como do Pontifical de abertura. Do ponto de vista de união das Igrejas, de impressão sobre os Observadores não católicos, o efeito (não suponho apenas: tenho contato com eles) é de todo negativo: excesso de pompa e ausência de liturgia comunitária.³¹

Podemos dizer que existem possíveis controvérsias no pontificado do Papa João XXIII, este que foi considerado, por todos, o Papa da abertura ainda conserva em seu pontificado antigas práticas da Igreja conservadora. Em outro trecho da mesma carta, Dom Hélder demonstra novamente sua indignação com as estruturas e as práticas no Concílio Vaticano II:

Aperta-me o coração ver o povo (inclusive peregrinos que vieram de longe) colocados fora da Praça de S. Pedro: entram os Bispos e a porta se fecha. Lá dentro (tenho entrado por portas especiais e com bilhetes disputadíssimos) apenas o corpo diplomático e o Patriciado Romano. As três guardas pontificais em grande uniforme (Ridículos, por exemplo, ao se ajoelharem na elevação com o joelho direito, enquanto com a mão esquerda fazem continência, porque com a direita sustentam a lança). Soltos, exibindo comendas, os Comendadores, Oficiais e Grã-Cruzes de S. Silvestre, S. Sepulcro e S. Gregório Magno (sem falar na Ordem de Malta). Surge o Papa em sede gestatória (cadeira, trono em que é levado nos ombros, por 4 homens), de tiara e com todo o aparato renascentista...³²

³⁰ Idem.

³¹ CÂMARA, Helder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo I. 03 de Novembro de 1962. 22ª Circular, Roma, para família São Joaquim. Recife: CEPE, 2009, p. 67.

³² Idem.

Para Dom Hélder, as reformas deveriam começar com as minúcias como, por exemplo, o rompimento com todo privilégio dado às autoridades, tendo em vista que estas tinham as portas do Vaticano sempre abertas e cadeiras cativas em todas as ocasiões, e também todo luxo e pompa próprios do Pontífice Romano que se encontrava rodeado por uma grande estrutura que lhe era oferecida no Vaticano e sempre vestido com roupas e vestes luxuosas.

Quando ele diz que os fiéis vindos de outros países ficavam de fora, podemos observar que existe aí uma grande indignação no que diz respeito ao lugar do povo leigo na Igreja Católica. Para Hélder, este deveria ter lugar de destaque e se assentar nas primeiras cadeiras da Basílica.

Houve um desfile de Cardeais – de cauda arrastando pela laje da Basílica – que deve ter feito um mal profundo à causa da união. Tudo aquilo contrastava com as palavras do Papa, falando em servo dos servos, em Pastor, em humildade. Sinto que é imposição da qual ele não pode livrar ainda. Ao Evangelho, o diácono, no pedir-lhe a bênção, beija-lhe o pé...³³

Podemos dizer que mais uma vez Dom Hélder deixa transparecer uma indignação no que diz respeito ao comportamento controverso do pontificado de abertura proposto por João XXIII, com seu comportamento em relação aos leigos. Podemos observar que o luxo e a ostentação ainda estão presentes no Vaticano; os bispos com suas roupas luxuosas, os integrantes das classes mais abastadas ainda com suas cadeiras cativas na Basílica de São Pedro, o Papa que ainda faz sua entrada triunfal na Basílica em sede gestatória,³⁴ e, ao pedir a bênção do Papa para a leitura do Evangelho, o diácono beija-o no pé; todos esses comportamentos e, em especial o último, são antigas práticas da Igreja que demonstram e enaltecem o poder da figura do Sumo Pontífice e dos Cardeais e Bispos do Vaticano.

Quando Dom Hélder vai para o Concílio Vaticano II, ele se organiza para estar presente em Roma o tempo que fosse necessário, diferentemente de outros bispos brasileiros que já se preocupavam com o ritmo lento dos trabalhos do Concílio, como nos revela o próprio Dom Hélder em uma de suas Cartas:

³³ Ibidem.

³⁴ Sede Gestatória ou Liteira, era um trono portátil, usado para carregar os Papas. Este é composto por braços cobertos de seda e ornamentado de ouro.

Ritmo europeu e o ritmo brasileiro. Os brasileiros estão preocupados com o ritmo dos trabalhos: reuniões de 2 em 2 dias, de 3 em 3. O terrível é que chegará dezembro com bem pouco avanço. Muitos Bispos não poderão demorar. Bem poucos poderão voltar. Quanto a mim, já que a Providência me trouxe, já estou com programa organizado.³⁵

No trecho citado anteriormente, Dom Hélder faz alusão ao ritmo europeu de trabalho, e ao ritmo brasileiro; isto nos leva a pensar que talvez uma estratégia do episcopado europeu fosse o atraso na realização dos trabalhos até que se consolidasse a volta dos bispos aos seus Continentes de origem, assim, poderia se consolidar uma base majoritariamente europeizada no colégio de bispos conciliares, o que favoreceria os bispos europeus na medida em que não existiria empecilho para que fossem aprovadas suas propostas nas reuniões conciliares.

Podemos observar também a organização de dom Hélder no que diz respeito a sua agenda como bispo conciliar: ao passo que os outros bispos já estão preocupados com o tempo que está passando, e sem nenhuma manifestação no que diz respeito ao Concílio, ele está tranqüilo, pois havia se preparado para estar presente e participar nas reuniões do Vaticano II. Esta diferença de Hélder para os outros bispos talvez venha do fato de que ele era bispo auxiliar no Rio de Janeiro quando dom Jaime de Barros Câmara era o Arcebispo daquela Arquidiocese. Este seria, portanto, um fator colaborador para a permanência de Hélder no Concílio. Não queremos afirmar que ele não era responsável por nenhuma Diocese e nem que ele era descompromissado com seu Ministério Episcopal, mas como bispo auxiliar a responsabilidade era menor do que ser de fato o bispo titular de uma Diocese.

Hélder, mesmo estando no Vaticano e sendo responsável por fazer várias articulações durante as reuniões, mas, sobretudo nos bastidores, ainda tinha a responsabilidade de trabalhar na organização pastoral no Brasil. Podemos notar esta preocupação do bispo brasileiro em algumas de suas cartas, revelando-nos que, enquanto elaborava descrições acerca do Concílio, ele se desdobrava para acompanhar os acontecimentos pastorais no Brasil, mais especificamente na Arquidiocese do Rio de Janeiro, procurando saber como estavam as organizações já propostas por ele, fazendo indicações, dizendo como se devia proceder em alguns assuntos, e em algumas oportunidades fazendo indicações de trabalho até para os bispos que ficaram no Brasil

³⁵ CÂMARA, Hélder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo I. 13/14 de Outubro de 1962. 1ª Carta, Roma, para família São Joaquim. Recife: CEPE, 2009, p. 2 e 3.

durante o Concílio, a exemplo de dom Cândido Padin, que também era bispo auxiliar no Rio de Janeiro no período de 1962 a 1966. Em outros momentos, dom Hélder instigava a família de São Joaquim, no sentido de enviar propostas que o auxiliassem nas discussões do Concílio, pois, segundo ele, seria importante aproveitar os momentos de debates e reflexões que a Igreja estava proporcionando, e as conferências episcopais saíam de lá fortalecidas e era importante, naquele momento, uma organização maior para que se fortalecesse a pastoral no Brasil; é isto que podemos observar na circular do dia 21 de outubro de 1962.³⁶ É possível observar ainda, nessa carta, o zelo e a preocupação de Hélder com os movimentos em ocorrência no Rio de Janeiro. Podemos depreender também a grande ligação e a confiança para com a família São Joaquim, quando ele pede a ela que faça indicações e mande idéias. Esse é, portanto, não só um exemplo de confiança, de amizade e de companheirismo, mas podemos dizer também que a família de São Joaquim se constituía num grupo de intelectuais que estavam extremamente atentos aos assuntos contemporâneos e à situação do povo brasileiro, fato que resulta na confiança de dom Hélder.

Quando dom Hélder relata à família de São Joaquim que “*oportunidade melhor não teremos tão cedo*”, percebe-se nele uma forte preocupação de que, sendo aquele acontecimento que estava ocorrendo em Roma um momento ímpar na história da Igreja Católica, e que o mesmo poderia durar pouco tempo, era preciso aproveitar a oportunidade e levar os que ficaram no Brasil a também enviar as sugestões para possíveis debates.

Como podemos observar, dom Hélder estava realmente preparado para ficar no Concílio Vaticano II, e cria meios para que sua estada lá pudesse ocorrer da forma mais produtiva possível; uma das formas criadas pelo bispo era escrever e enviar, para o Brasil, cartas nas quais ele expunha suas preocupações ao mesmo tempo em que pedia notícias sobre os movimentos pastorais dirigidos por ele no Brasil e mandava indicações para que os mesmos pudessem ocorrer de forma tranqüila e para que não deixasse de funcionar.

³⁶ CÂMARA, Hélder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo I. 21 de Outubro de 1962. 9ª Circular, Roma para família São Joaquim. Recife: CEPE, 2009, p. 25- 26- 27 - 28. Nesta carta, dom Hélder, pede notícias de todos os acontecimentos pastorais que eram dirigidos por ele, ocorrentes na Arquidiocese do Rio de Janeiro; em outro momento, ele passa aos seus amigos indicações de trabalho e pede a eles que mandem indicações e propostas para o Concílio.

2.2.2. O PONTIFICADO DE PAULO VI.

Já debilitado em decorrência de um câncer no estômago, João XXIII não consegue chegar ao fim do Concílio e morre no dia 3 julho de 1963. Assim, quem prosseguirá com as discussões do Concílio será o Cardeal Giovanni Montini, eleito Papa no dia 21 de junho de 1963 tendo escolhido como nome papal, Paulo VI:

A contribuição mais decisiva de Paulo VI consiste em ampliar o campo doutrinal. Para isso, de acordo com as explicações de Camacho, o papa apresenta o ensinamento social como um processo dinâmico em três passos: ver-julgar-agir, e destaca a importância que tem nesse processo toda a comunidade crente e cada Igreja em particular. Com o concílio, terminou a época de auto-suficiência da Igreja que reconheceu os valores do mundo e da história, e se reinterpretou³⁷.

Tal acontecimento teve repercussão em toda a Igreja que, a partir de então, passou a adotar novas formas de interpretar o Evangelho à luz das necessidades de seu próprio tempo. Quebraram-se, assim, vários paradigmas da Igreja tradicional e conservadora³⁸ que se apresentava por meio da hierarquia, na qual, de um lado, estava o clero conservador e ostentador de poder e, do outro, os leigos. Nesse aspecto, o Concílio Vaticano II supõe algumas mudanças:

O Concílio Vaticano II faz ruir antigos esquemas de compreensão de uma Igreja triunfalista, soberana, dona da verdade, termos estes muito presentes em um período da Igreja que viveu o contexto da cristandade, como Igreja extremamente piramidal, a uma Igreja ministerial, dialogante com o mundo e no mundo, referenciando-se na tradição das primeiras comunidades cristãs, exatamente como descrevem os evangelhos³⁹.

³⁷ CAMACHO, 1995, p. 18-19. APUD: BARBOSA, Fabiane Machado. *Comunidades eclesiais de base na história social da Igreja Cariacica (1973-1989)*. Dissertação (Mestrado em História). Vitória, Universidade Federal do Espírito Santo, 2007.

³⁸ De acordo com José Dílson de Almeida Barbosa, a Igreja possui uma forte tendência a ser exageradamente institucional. Essa vertente tende, segundo ele, a ter características de clericalista, conservadora, autoritária e rígida. “A construção desta identidade de Igreja institucional consagrou-se no Concílio de Trento (1545-1565) e seu ápice se deu com o Concílio Vaticano I (1870) com a proclamação do dogma da Infalibilidade Papal. Tudo é centralizado na instituição papal (CONGAR, 1964, p.122s..). Neste cenário, a Igreja torna-se uma instituição, ela não é vista como comunidade de iguais, em que os fiéis têm os mesmos direitos advindos do batismo; a Igreja é uma sociedade de desiguais”. Cf.: BARBOSA, José Dílson de Almeida. *As Comunidades Eclesiais de Base – CEBs: nas décadas de oitenta e noventa em Cuiabá–MT*. Op. cit., p. 29.

³⁹ BARBOSA, José Dílson de Almeida. *As Comunidades Eclesiais de Base – CEBs: nas décadas de oitenta e noventa em Cuiabá–MT*. Cuiabá – MT. 2008 p 29.

No Concílio Vaticano II, tivemos a presença de um grande número de bispos brasileiros, mas apesar do número de bispos latino-americanos ser bastante expressivo, segundo Pe. Coppi: “A presença dos bispos da América Latina no Vaticano II não foi muito significativa em nível teológica. Falou-se até em igreja do silêncio”⁴⁰.

Para Henrique Dussel, a participação do Episcopado Latino-americano fez com que as discussões dos teólogos na América Latina pudessem amadurecer. Ele justifica esta atuação fazendo alusão à cultura latina:

Somente no Concílio passado entramos na terceira etapa. De 1962 em diante, a Igreja vai se universalizando no sentido de deixar atrás de si a experiência mediterrânea e vai se abrindo realmente. Mas isto não se faz de um dia para o outro, porque estamos demasiadamente culturalizados.⁴¹

No relato sobre a primeira audiência do Papa Paulo VI com o episcopado brasileiro, podemos observar que Dom Hélder é imbuído de uma grande esperança com o novo Papa no que diz respeito à continuidade do Concílio e ao legado deixado por João XXIII.

A audiência com o Santo Padre foi carinhosíssima. Os 176 Bispos brasileiros compunham um quadro impressionante. Fiquei ao lado do Senhor Cardeal (manos na hora da fotografia, porque os Bispos viram seminaristas quando [fl.2] se trata de tirar retratos com o Papa). Ele sustentou várias de nossas teses mais caras: houve um tempo em que o Bispo imaginava que teria tanto mais força e prestígio quanto mais alto e distante ficasse do povo. Hoje, em lugar do jurisdicismo, vale a pastoral; em lugar de rigor e de dureza, paternidade; lembrou a necessidade de o Padre ficar no meio do povo, participando dos seus problemas, sofrendo e lutando com ele. “Como ser indiferente a um espetáculo como o das Favelas?”...Discurso muito simples. Mais conversa do que discurso, mas onde Montini surgiu banhado de João XXIII. Em certo momento, encontrou meios de lembrar o convite que lhe fora feito por Mons. Câmara, para que ele pregasse o Retiro aos Bispos do Brasil. Comentou: “era *troppo per me*”. Abençoou-nos e foi esta a hora em que todos avançaram para perto dele. O Santo Padre tinha em mãos três placas (trabalho de um artista de Milão, representando o Cristo com o Colégio dos Apóstolos entre os quais se acha o Papa João). Deu uma ao senhor Cardeal; outra ao Secretário da Conferência (e ele me procurou para fazer entrega); a 3ª deu a Dom Newton, que deixou com ele um álbum belíssimo sobre Brasília.⁴²

⁴⁰ COPPI, Pe. Paulo de. Por uma Igreja Toda Missionária: Breve curso de missiologia. São Paulo: Paulus, 1994. p. 41.

⁴¹ DUSSEL, Enrique D. Caminhos de Libertação Latino-Americana: Interpretação histórico- teológica Tomo I. São Paulo: Paulinas, 1984. p 48

⁴² CAMARA, Helder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo I. 22/23 de Outubro de 1963. 21ª Circular, Roma, para família São Joaquim. Recife: CEPE, 2009, p. 223-224.

Em um trecho já citado acima, dom Hélder faz alusão ao Papa Paulo VI, falando sobre um “banho” de João XXIII; isto nos leva a perceber que era visível para Hélder que o Papa Paulo VI permaneceria na mesma linha proposta por João XXIII. Na hora da homenagem feita aos bispos brasileiros, houve a entrega das placas a bispos que compunham a direção da CNBB. Dom Hélder relata que, em meio a 176 bispos, ele, secretário da CNBB, foi procurado pelo Papa para a entrega do presente. Isto nos leva a perceber, a priori, que o então Cardeal Montini, agora Papa Paulo VI, não se esquecera do amigo brasileiro e ainda nutria por ele algum tipo de respeito e admiração.

A relação de dom Hélder com o então Papa Paulo VI, já como já vimos no primeiro Capítulo, estava posta bem antes do Concílio Vaticano II; portanto, vamos pensar, aqui, na relação de Hélder com o Cardeal Montini. Em uma de suas cartas, Dom Hélder narra uma conversa entre ele e o Cardeal Montini⁴³; sobre tal conversa, destacamos a fala do Cardeal, exposta por dom Hélder para mostrar que os ideais de Montini para o Concílio se assemelhavam aos dele. “Ainda ontem o Cardeal Montini me dizia que vários aspectos tristes da Igreja deviam, neste Concílio, ser definitivamente enterrados: qualquer veleidade a domínio temporal; qualquer sombra de perseguição a quem quer que seja; atitudes negativas...”⁴⁴

Podemos observar uma grande comunhão no pensamento de Hélder com o Cardeal Montini. Os dois comungavam de um mesmo pensamento sobre os rumos a serem tomados pela Igreja Católica. Outro fato importante é o valor atribuído por Hélder a conversa com o Cardeal. Podemos afirmar, à luz da fala de Montini, que as antigas práticas de perseguição ainda eram presentes no Vaticano II e que os caprichos dos bispos ainda eram visíveis.

Com as inovações do Concílio, em suas várias reuniões, formam-se no seio da Igreja vários grupos de bispos, cada um com seus ideais. Grupos que se dividiam segundo sua orientação pastoral e discutiam assuntos variados como a pobreza, a fome, o trabalho, a teologia europeia. Alguns grupos eram a favor das inovações e lutavam por seus ideais e outros eram contra e se organizavam para pensar outras possibilidades que não as inovadoras. Dentre aqueles primeiros grupos, segundo Veiga (2009), é importante ressaltar o grupo liderado pelo bispo brasileiro dom Hélder Câmara:

⁴³ Giovanni Battista Enrico Antonio Maria Montini, é o nome do Cardeal Montini, cardeal que em 21 de junho de 1963 foi eleito Papa sucedendo o Papa João XXIII escolhendo como nome papal Paulo VI.

⁴⁴ CAMARA, Helder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo I. 03 de Novembro de 1962. 21ª Circular, Roma, para família São Joaquim. Recife: CEPE, 2009, p. 64.

Dentre os vários grupos com suas diversas reivindicações nas reuniões conciliares, não se deve deixar de destacar a importância do chamado Grupo da Igreja dos pobres, cujo defensor ardoroso fora Hélder Câmara, bispo de Olinda e Recife desde 1964. O grupo tinha como bandeira as palavras de João XXIII, transmitidas através do rádio um mês antes da abertura do Concílio: “Para os países subdesenvolvidos a Igreja apresenta-se como é e como quer ser, como Igreja de todos, e em particular, como Igreja dos pobres⁴⁵ .

Para além do grupo da pobreza, dom Hélder liderou junto de outros bispos não só brasileiros, mas, em sua maioria de outros países, outros grupos que também se preocupavam com a situação de miséria e injustiça pela qual passava a população nos países subdesenvolvidos; um exemplo de outro grupo liderado por dom Hélder é o Grupo Ecumênico, que, a priori, era chamado de grupo dos países subdesenvolvidos. Esse grupo era integrado por bispos da América Latina, África, Ásia e alguns bispos do Continente Europeu.

Para Libanio, o Vaticano II representou para a Igreja uma ruptura com vários processos estabelecidos pela Igreja até o pontificado de Pio XII. Ruptura esta que levou muitos estudiosos a classificar o Concílio Vaticano II como um divisor de águas:

O Concílio Vaticano II significou real ruptura em relação à mentalidade predominante na Igreja Católica até o final do pontificado de Pio XII. Essa ruptura caracterizou-se pela passagem de uma visão pré-moderna do mundo para uma visão moderna. E o Concílio foi esse divisor de águas, ao confeccionar os textos e ao dirigi-los principalmente ao sujeito social moderno.⁴⁶

O Concílio Vaticano II representou, para a Igreja Católica, um ponto de partida, o início de uma nova caminhada. Os bispos chegaram à conclusão e se conscientizaram de que a Igreja não era mais Européia e tampouco Ocidental; esta conclusão pode ser tomada pela presença de vários bispos não europeus (negros e brancos) no Concílio Vaticano II, que sentiu a necessidade de se abrir para o mundo todo, em todos os sentidos e níveis.

⁴⁵ VEIGA, Alfredo César da. Teologia da Libertação: Nascimento, expansão, recuo e sobrevivência da imagem do excluído dos anos 1970 à época atual. São Paulo, SP, 2009. Tese de Doutorado s/p.

⁴⁶ LIBANIO, João Batista. Concílio Vaticano II : Em busca de uma primeira compreensão. São Paulo: Loyola, 2005. p.57.

Com as discussões do Concílio Vaticano II, “se consolida, também na América Latina, a idéia e o esforço para implantar um novo modelo de Igreja: a Igreja “Povo de Deus”⁴⁷.

Na América Latina, a realidade de pobreza e miséria toma outro viés e com isso “(...) os cristãos foram obrigados a reconhecer, no caso da América Latina, que a pobreza e a miséria dos indivíduos e da sociedade eram resultado da injustiça e da opressão”⁴⁸. O Concílio Vaticano II teve, no Continente latino-americano, em fins da década de 1960 e início da de 1970, grande repercussão, sobretudo no processo de abertura e de renovação tanto no clero como na comunidade cristã leiga. Haja vista a conjuntura na qual estava inserida a sociedade latino-americana, vivendo sob o jugo das ditaduras militares, o episcopado latino-americano inicia novas e importantes discussões. Teólogos católicos depararam-se com uma realidade muito diferente, em que as questões mais importantes eram a miséria social e a opressão. Contudo, este novo jeito de pensar a Igreja, criada no Concílio, dá aos bispos uma grande esperança na luta a favor de uma Igreja renovada, à luz das necessidades sociais:

Quando chegam ao Brasil, imbuídos dessas novas idéias, percebem que a revolução eclesial que estão por preparar, se depara com outra, a militar, que tomou o poder em 1964, através de um Golpe de Estado. Os pobres são perseguidos, mortos ou banidos. Outras revoluções se seguiram entre o clero e também nos movimentos leigos. Tudo isso sinalizava uma vontade generalizada de participar⁴⁹.

As modificações sofridas no Brasil com o golpe militar de 1964 coincidiram com as modificações sofridas pela Igreja Católica no Concílio Vaticano II quando a Igreja, juntamente com o Papa João XXIII, toma outros rumos e faz novas opções. No Brasil, à luz da realidade vivida com a ditadura militar, a Igreja, de certa forma, faz opção pelos pobres e luta contra a repressão causada pelo governo militar. Uma parte do clero brasileiro, em especial o Episcopado, (visto que eram os bispos que respondiam pela Igreja), fez opção por permanecer com os ideais do governo militar, como nos aponta dom Paulo Evaristo Arns (Cardeal Arns):

⁴⁷ COPPI, Pe. Paulo de. Por uma Igreja Toda Missionária: Breve curso de missiologia. São Paulo: Paulus, 1994. p. 40.

⁴⁸ CATÃO, C.A. Francisco. O Que é Teologia da Libertação. São Paulo: Brasiliense 3^a ed. 1989. p. 8.

⁴⁹ VEIGA, Alfredo César da. Teologia da Libertação: Nascimento, expansão, recuo e sobrevivência da imagem do excluído dos anos 1970 à época atual. São Paulo, SP, 2009. Tese de Doutorado s/p.

Com efeito, é consenso entre os historiadores que a hierarquia da igreja desempenhou um papel fundamental na criação do clima ideológico favorável à intervenção militar, engajando-se na campanha anticomunista sustentada pelas elites conservadoras: contra a reforma agrária, contra os movimentos grevistas, contra as reivindicações dos sargentos, cabos e soldados das forças armadas, contra a aliança de cristãos e marxistas que começava a ocorrer em entidades sindicais e estudantis.⁵⁰

Mas esta não era uma postura de todo clero, pois padres, bispos e leigos já se encontravam engajados na luta pelas reformas de base:

Bispos como D. Hélder Câmara já começavam a ser conhecidos como identificados com as pressões por mudanças nas estruturas sociais injustas, segundo compromissos assumidos durante o Concílio Vaticano II. Movimentos leigos como a Juventude Universitária Católica (JUC) e a Juventude Operária Católica (JOC) aprofundavam seu envolvimento como luta dos oprimidos. Do mesmo modo que se começava a falar, com certo exagero na existência de “generais do povo” e “almirantes do povo”, simpáticos às bandeiras nacionais, começava a ser referida, também, a existência de “sacerdotes do povo”, como o Padre Alípio, Padre Lage, o Frei Josafá e muitos outros.⁵¹

Com as modificações do Concílio Vaticano II, a idéia de uma Igreja hierárquica, como havia acontecido até então, cai por terra e dá lugar a uma Igreja composta por leigos. Com o Concílio, os leigos passam a ter seu lugar na Igreja e estabelecem com suas lideranças um diálogo mais próximo e humano. Os padres, a partir de então, são orientados a sair da proteção de suas Igrejas e casas luxuosas, para experimentarem a realidade de miséria e pobreza na qual vivia a população, não só no Brasil, mas em toda a América Latina:

No interior da igreja, acentuou-se o papel do leigo que agora ganhava status de Povo de Deus e, com isso, com direitos mais ampliados dentro da instituição. Tal noção auxiliou para uma nova configuração na estrutura social da Igreja. O modelo hierárquico cede espaço a outro, de comunidade mais fraterna e mais participativa voltada para o mundo e que sai do centro para se arriscar na periferia⁵².

Como podemos observar no texto de Veiga (2009), com o Concílio o leigo passa a ter seu lugar na Igreja e ganha o nome representativo de “Povo de Deus”. Esse povo era o

⁵⁰ ARNS, Dom Paulo Evaristo. Brasil Nunca Mais. Petrópolis: Vozes, 1986. p. 147.

⁵¹ Idem.

⁵² VEIGA, Alfredo César da. Teologia da Libertação: Nascimento, expansão, recuo e sobrevivência da imagem do excluído dos anos 1970 à época atual. São Paulo, SP, 2009. Tese de Doutorado s/p.

povo que se encontrava nas favelas, sem as mínimas condições para ter uma vida justa, e estava esquecido pelas autoridades tanto políticas quanto eclesiais; eram aqueles que estavam sendo perseguidos pelos militares, na luta contra um regime que bania o direito à liberdade de um povo que se encontrava com sede de um Deus verdadeiro, um Deus próximo e real.

Como podemos observar, no Concílio de Trento, os aspectos que norteiam as questões que serão discutidas, têm como pano de fundo a questão da Reforma Protestante; já o Concílio Vaticano II propõe uma visão mais humanizada sobre a sociedade de modo geral, já que a Igreja, durante anos de sua história, não havia pensado a possibilidade de aproximar suas discussões à luz da realidade vivida. O Concílio Vaticano II, diferente do Concílio de Trento, não foi um Concílio dogmático e, sim, de fato, um Concílio que levou a Igreja a refletir sobre as questões acerca de seu tempo. O Vaticano II tinha como pano de fundo a questão da “Guerra Fria”, que como veremos nos próximos Capítulos, a qual levará o Papa a marcar um diálogo com a ONU para tratar de assuntos relacionados à Paz no Mundo.

O presente Capítulo tem como objetivo discutir as questões postas por dom Hélder na primeira e na segunda sessão do Concílio Vaticano II.

Como já vimos anteriormente, tal Concílio teve seu início em 1962 e foi dividido em quatro sessões até o seu término em 1965. Trabalharemos aqui com temas que estão presentes na discussão de Hélder, tais como: Questões Litúrgicas, Grupo Ecumênico, a Questão da Pobreza e a Divisão do Episcopado.

Para desenvolver este Capítulo, utilizaremos como fonte exclusivamente as cartas conciliares de Hélder Câmara, e a nossa discussão será feita à luz da visão de Hélder sobre o Concílio.

3.1. A LITURGIA

A Questão da Liturgia foi uma das grandes preocupações de dom Hélder nas discussões durante o Concílio Vaticano II, pois ele desejava trazer à tona tal temática com a finalidade de promover debates entre os bispos e padres conciliares a tal respeito. Para ele, da mesma forma que era necessário pensar a situação da Igreja de forma universal, era preciso com urgência pensar a liturgia à luz da realidade local de cada país e de cada comunidade.

Assim, pode-se compreender, no trecho abaixo, os motivos que o levaram a enumerar todo o esquema litúrgico, quais seja os de tentar mostrar em que se resumem as questões litúrgicas postas no Concílio:

É interessante saber (embora seja matéria reservada) que o esquema litúrgico assim se desdobra: a) Princípios gerais para promover e incrementar a Sagrada Liturgia, b) Sacrossanto Mistério da Eucaristia, c) Sacramento e sacramentais, d) Ofício Divino (Breviário), e) Ano Litúrgico, f) Vestes sacras, g) Música sacra, h) Arte sacra. Estes 8 capítulos se abrem com uma Introdução na qual se alude à importância da Liturgia na vida da Igreja (tanto para o seu enriquecimento interior, como para atrair os irmãos distantes) e se afirma que não há intenção de chegar a definições dogmáticas, mas de incrementar a vida litúrgica. O esquema inicial só trata do rito romano.¹

Quando ele expõe que o esquema inicial só se trata do rito romano, ele quer dizer que a realidade dos outros Continentes não é a mesma realidade da Igreja local de Roma. Um exemplo do que Hélder propõe é o seguinte: se uma missa é organizada na zona rural, esta missa pode ser celebrada à sombra de uma árvore, contando apenas com a simplicidade do povo, e portanto, com a ausência de músicas e artes sacras, e também das pompas como as existentes nas grandes Igrejas, sobretudo, no Vaticano.

Dom Hélder chama a atenção para a organização da Igreja Católica Universal, afirmando que a Igreja Católica não deveria ser pensada somente por um ângulo, que era o olhar europeu, mas também deveria ser pensada a partir de um viés universal que englobasse elementos socioculturais dos outros Continentes, os quais tinham seus ritmos e práticas diferentes do que propunham os bispos da Europa:

¹ CÂMARA, Hélder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo I. 16 de Outubro de 1962. 2ª Carta, Roma, para família São Joaquim. Recife: CEPE, 2009, p. 6.

As Conferências vão sair muito fortalecidas deste Concílio. A CNBB reuniu-se duas vezes e entrou em articulação com as Conferências do mundo inteiro. O desejo de todos é acertar, pondo dentro de cada Comissão representantes do mundo inteiro para que cada problema – ao invés de ser examinado apenas do ângulo de um Continente – seja visto em termos católicos universais.²

Portanto, a preocupação de dom Hélder era com uma liturgia que não deixasse de ser solene, mas que pudesse ser pensada à luz da realidade própria de cada lugar. As idéias de dom Hélder para a liturgia eram:

A Sagrada Liturgia sendo, embora, antes de tudo, louvor divino, encerra parte importante de educação do povo fiel: a estrutura dos ritos, portanto, deve ser simples, adaptada à mente dos fiéis. Devem ser evitadas repetições inúteis e comentários cansativos, as partes essenciais, o latim (no rito romano) deve ser conservado como língua oficial. Quanto ao uso mais amplo da língua vernácula nas lições, catequeses, orações e cantos, deixa-se (ou propõe-se) margem ampla de poderes às Conferências Episcopais; deve ser acentuado o caráter comunitário e hierárquico da Sagrada Liturgia. Incrementa-se a participação dos fiéis (aclamações, respostas, salmos, cantos, gestos...) ³

A questão da língua vernácula que nos remonta a Reforma Protestante ainda está presente no Concílio Vaticano II e está claramente interligada à questão litúrgica. Sobre o uso do latim, para dom Hélder: “Provavelmente (...) será derrubado como língua oficial: grande número de Bispos não consegue entender, sobretudo o latim falado por franceses e alemães”.⁴ Portanto, podemos pressupor que existe a possibilidade da extinção do uso do latim nas missas.

Dom Hélder deixa cada vez mais visível o seu apreço pela liturgia. Podemos dizer que esta era uma das maiores preocupações do bispo, com relação ao Concílio, tendo em vista que na maior parte do tempo ele demonstra em suas cartas que está refletindo sobre as questões litúrgicas e elabora pensamentos e propostas sobre as mesmas:

Enquanto aguardo o início dos estudos episcopais (hoje, se Deus quiser, às 16h, aqui em *Domus Mariae*) vamos continuar a apresentação do esquema litúrgico que nos foi proposto. A tendência é ir muito mais longe do que ele sugere. Hoje, após o nosso 1º estudo coletivo, vou

² Idem.

³ CÂMARA, Hélder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo I. 16 de Outubro de 1962. 2ª Carta, Roma, para família São Joaquim. Recife: CEPE, 2009, p. 8.

⁴ CÂMARA, Hélder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo I. 13/14 de Outubro de 1962 1ª Carta, Roma, para família São Joaquim. Recife: CEPE, 2009, p. 2.

propor que o Cardeal Lercaro (hóspede de nossa Casa) nos faça uma palestra sobre suas idéias e experiências no domínio da Pastoral Litúrgica.⁵

Podemos observar a necessidade vista por dom Hélder de mudar o quadro litúrgico, quando em um dos momentos de descanso ele anota que pedirá uma palestra do Cardeal Lercaro (responsável pela discussão a respeito do rito litúrgico); com certeza será este o momento em que Hélder lançará seu pensamento. Podemos dizer que, para Hélder, a discussão, no que tange às mudanças no rito litúrgico, era uma questão primordial.

Outra questão que seria defendida por Hélder, e que também está ligada à discussão sobre a liturgia, são as missas concelebradas; ele via uma grande importância nessas oportunidades, imaginando serem tais ocasiões oportunas para promover a união tanto entre os padres como entre os padres com os bispos:

Pretendo bater-me para a ampliação ainda maior: não só quando não for possível, mas quando for conveniente. Por exemplo, para unir os padres em si e os padres a seu Bispo. O fato é que o meu sonho de o fecho da 1ª parte do Concílio ser uma só e mesma Missa celebrada, concelebrada pelo Papa e pelos Bispos do mundo inteiro – pegou de tal maneira que até tenho a impressão: já era idéia de todos.⁶

Segundo Luiz Carlos Luz Marques, a idéia da concelebração, que hoje entrou no cotidiano da vida litúrgica, era uma das aspirações mais revolucionárias do movimento litúrgico anterior ao Concílio e parecia um sonho em 1962⁷.

A visão de dom Hélder no que diz respeito ao sacramento da ordem era bastante progressista e inovadora para os moldes da Igreja Católica hierárquica; ele ampliava este conceito passando a criar um novo grupo que seriam os Diáconos permanentes; outra preocupação que está clara no pensamento do bispo era a respeito da aproximação dos leigos com a hierarquia da Igreja. Quando vem à tona no Concílio a questão da ordem,⁸ ele afirma:

⁵ CÂMARA, Helder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo I. 17 de Outubro de 1962. 3ª Circular, Roma, para família São Joaquim. Recife: CEPE, 2009, p. 10 e 11.

⁶ Idem.

⁷ MARQUES, Luiz Carlos Luz. In. CÂMARA, Hélder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo I. 13/14 de Outubro de 1962. 1ª Carta, Roma, para família São Joaquim. Recife: CEPE, 2009, p. 3.

⁸ O Sacramento da Ordem é um dentre os sete sacramentos da Igreja Católica e confere o poder de exercer funções e ministérios eclesiais. Pela imposição das mãos do bispo, este sacramento faz do homem batizado sacerdote.

Quanto à Ordem, é provável que os Bispos Missionários desejem poder atribuir aos Catequistas a ordem de leitores (para que leiam na Casa do Senhor: e eu me baterei contra a exclusão das mulheres). É provável, também, que se abra (com forças para vencer) a questão do diaconato independente da ordenação sacerdotal. Diáconos equivalentes aos Pastores protestantes e podendo, inclusive, constituir família.⁹

No pensamento do bispo fica claro uma visão inovadora de Igreja, que tem como objetivo trazer para o centro figuras que até então não estavam inseridas na dinâmica piramidal imposta pela Igreja Católica; a proposta dele era que as mulheres¹⁰, que até então eram responsáveis apenas por cuidar das alaias e catequizar seus filhos em casa, pudessem sair dessa situação de exclusão no trabalho da Igreja e que os homens, mesmo tendo jurado celibato, pudessem servir também a Igreja católica a exemplo dos pastores nas igrejas protestantes. Com isto, Hélder traz para o centro da Igreja os homens casados e as mulheres que, dentro da Igreja, desempenhavam a função de leiga consagrada ou de freira, sem uma participação ativa no que diz respeito ao rito litúrgico.

Em uma de suas cartas, dom Hélder relata uma petição¹¹ escrita por dom Eugenio ao Papa Paulo VI, que fora entregue ao mesmo pelas mãos do Cardeal Suenens. No trecho relatado por dom Hélder, dom Eugenio faz um agradecimento ao Papa pelo apoio dado por Roma ao Continente latino- americano:

Alude à legião de Religiosas existentes na América Latina, com formação intelectual, espiritual e apostólica muito acima da dos simples fiéis; cercadas de muito respeito e estima. Muitas exercem ministério sem influência para os rumos do Continente. A utilização inteligente de muitas delas, até que possamos dispor de meios normais, poderá ser, dentro de um plano prudente e bem lançado, o grande recurso extraordinário de que necessitamos. Respeitando as finalidades das Congregações e na base de um trabalho plenamente voluntário, talvez

⁹ CÂMARA, Hélder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo I. 17 de Outubro de 1962. 4ª Circular, Roma para família São Joaquim. Recife: CEPE, 2009, p. 14.

¹⁰ Segundo Hobsbawm: “Em 1940, a mulher norte americana, já estava inserida no mercado de trabalho e já estava trabalhando junto da classe operária” HOBBSAWM, Eric J. Era dos Extremos: o breve século XX: 1914 – 1991. São Paulo – SP. Companhia das Letras, 1965. p.224. Como nos aponta Heleieth I. B. Saffioti: A inserção da mulher num contexto geral socioeconômico só se consolidará nas décadas de 70 e 80, quando a mulher vai ser inserir de fato no mercado de trabalho. SAFFIOTI, Heleieth I. B. Gênero Patriarcado e Violência. São Paulo – SP: Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 95 ss.

¹¹ Na petição, escrita por Dom Eugênio Sales, dividida em três partes, A, B e C, nas duas primeiras partes consta um agradecimento à Santa Sé pelo cuidado que vem dependendo ao Brasil e agradece pelo fato de serem adeptos do diaconato permanente que também auxilia-os na medida em que existe uma grande explosão demográfica naquele período e as vocações eram poucas. CÂMARA, Helder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo I. 01 de Novembro de 1963. 31ª Circular, Roma, para família São Joaquim. Recife: CEPE, 2009, p. 261.

tenhamos aí a chave para o provimento de inúmeras Paróquias e Capelas sem Párocos na América Latina.¹²

No trecho acima, percebemos que havia uma dificuldade na Igreja Católica latino-americana no que dizia respeito ao número de padres. Mas, como nos aponta o mesmo texto, este problema poderia ser sanado com o apoio de freiras e leigos consagrados que, por muito tempo, desenvolveram trabalhos pastorais não só no Brasil, mas em toda a América Latina. Para Pe. Coppi: “Com o Concílio, a missão mudou, porque a Igreja mudou! O Concílio representou um ponto de partida para uma nova caminhada. Os bispos tomaram consciência de que a Igreja não era mais européia e nem ocidental”¹³ Portanto, podemos dizer que a ideia de missão se transforma na medida em que a ideia de Igreja vai se modificando no Concílio.

Segundo Dom Hélder: “As religiosas estariam alertas para um largo e confiante aproveitamento do apostolado dos leigos. Assim uma Igreja viva poderia esperar a hora do aumento do clero. Mais: uma Igreja viva assim seria a melhor sementeira de vocações sacerdotais.”¹⁴

Nas discussões do Concílio também vieram à tona assuntos concernentes às estruturas da Igreja, no que tange aos títulos dos bispos e à idade mínima para a aposentadoria dos mesmos: “Já estamos no capítulo que trata dos Coadjuutores e Auxiliares, bem como de idade compulsória para aposentadoria dos Bispos (75 anos é o que propõe o esquema).”¹⁵ Bispo coadjutor é um bispo titular da Igreja, nomeado para ajudar e/ou substituir um bispo no exercício de suas funções. Este tem direito à sucessão e deve ser nomeado vigário geral pelo bispo diocesano. Vagando a Sé episcopal, o bispo coadjutor torna-se imediatamente bispo diocesano. O bispo auxiliar diferente do coadjutor não tem direito à sucessão.

Até a abertura do Concílio Vaticano II a Igreja não havia se preocupado com uma idade mínima para o exercício do episcopado. Os bispos exerciam seu ministério até sua morte. Dom Hélder nos dá um exemplo: “Ruffini teve a simpatia dos anciãos (um Bispo, presente ao Concílio, completa amanhã, 101 anos) lembrando que Leão XIII morreu com

¹² CÂMARA, Helder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo I. 01 de Novembro de 1963. 31ª Circular, Roma, para família São Joaquim. Recife: CEPE, 2009, p. 261.

¹³ COPPI, PE Paulo de. Por uma Igreja toda missionária: Breve curso de missiologia. São Paulo: Paulus, 1994, p. 51.

¹⁴ CÂMARA, Hélder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo I. 01 de Novembro de 1963. 31ª Circular, Roma, para família São Joaquim. Recife: CEPE, 2009, p. 262.

¹⁵ CÂMARA, Hélder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo I. 08/09 de Novembro de 1963. 35ª Circular, Roma, para família São Joaquim. Recife: CEPE, 2009, p. 278.

94 anos e Ângelo Roncalli foi eleito Papa com quase 80.”¹⁶ Portanto, esta discussão consolida-se durante o Concílio. A respeito desta divisão nas classes episcopais, dom Hélder tem um parecer que é contrário ao pensamento e à classificação elaborada pela Igreja:

Hoje, estive, longamente, com Mons. Blanchet, Bispo Titular e Reitor do Instituto Católico de Paris. Conversamos a propósito dos Bispos Auxiliares e Coadjuutores. Temos o mesmo ponto de vista. Quando um padre recebe a plenitude do sacerdócio é Bispo (e não $\frac{1}{2}$ ou $\frac{3}{4}$ de Bispo). Bispo Católico. Responsável, em união com seus irmãos Bispos do mundo inteiro e sob o primado de Pedro, da Igreja inteira.¹⁷

Podemos observar o quanto dom Helder almejava a aproximação dos leigos com a Igreja e esta aproximação seria, portanto, uma das grandes lutas do bispo para que a Igreja quebrasse a hierarquia e que os leigos tivessem oportunidade de participar mais profundamente dos ritos da Igreja, podendo assim se sentirem parte integrante e ativa deste corpo que é a Igreja. Podemos observar que para Hélder, o simples fato de os leigos comungarem no altar e poderem dividir com o celebrante o mesmo cálice, momento narrado por ele em uma de suas cartas, já seria uma grande vitória.

Em São Pedro, tivemos Missa, concelebrada, de Rito bizantino (explicada em latim). Precisava ver de perto uma concelebração. A Missa, sozinha, valia uma Circular. Como me impressionou a maneira de até os fiéis comungarem: recebem a comunhão na palma da mão e depois se servem; bebem do mesmo Cálice do Celebrante.¹⁸

Este fato era para Hélder um fator de grande importância e que pesava nas discussões que poderiam vir à tona no Concílio. Portanto, esse acontecimento seria na visão do bispo o início de uma possível abertura na Igreja.

As discussões conciliares começam a ser colocadas em prática ainda durante o Concílio; as modificações no que diz respeito ao rito litúrgico são iniciadas. Podemos observar uma dessas modificações e a perceber a sua recepção, quando Hélder narra uma missa no rito etíópico que aconteceu na Basílica de São Pedro:

¹⁶Idem p. 278-279.

¹⁷ CÂMARA, Hélder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo I. 09/10 de Novembro de 1963. 36ª Circular, Roma, para família São Joaquim. Recife: CEPE, 2009, p. 283.

¹⁸ CÂMARA, Hélder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo I. 24 de Outubro de 1962. 12ª Circular, Roma para família São Joaquim. Recife: CEPE, 2009, p. 32.

Toda sessão do Concílio começa pela Santa Missa. Regra geral, celebrada em rito latino por Bispos das mais diversas partes do mundo. Em média, uma vez por semana surge Missa em outros ritos. Já desfilaram vários. Alguns de impressionante beleza. Hoje houve Missa em rito etiópico. A princípio tomei um susto, porque à frente do celebrante caminhava um seminarista, vestido de dalmática, e com desproporcional coroa na cabeça... Na realidade não era coroa e sim um porta-cálice, com a matéria para o sacrifício: hóstia e vinho. Celebrante e cantores pretos. Canto triste, tipicamente de macumba. Tinha a impressão exata de estar ouvindo um “ponto”. Sem instrumentos. Mas na hora em que, terminada a Missa, houve a procissão para trazer o Evangelho para o altar em que fica exposto, presidindo o Concílio, o coro cantou o Credo (em etíope), mas com acompanhamento de um tambor (batido com mão, dos dois lados, em ritmo triste, enquanto os demais, ritimadamente agitavam um triângulo de ferro). O canto foi indo monótono... Mas na hora de Cristo ressuscitar, ao invés de instrumentos, passamos a ter palavras (ritmadas). Só João XXIII para ter coragem de enfrentar as Congregações dos ritos e isto em plena Basílica de São Pedro.¹⁹

As transformações litúrgicas no Concílio, por instantes, chocaram até mesmo Hélder Câmara. O rompimento com o rito litúrgico romano seria, portanto, o início de uma renovação litúrgica. Em diversas oportunidades, Hélder deixa transparecer uma profunda admiração por João XXIII, como quando afirma: “Só João XXIII para enfrentar as sagradas congregações dos ritos”. Portanto, seria importante aqui ressaltar nos registros de Hélder, que, antes do Concílio, uma celebração como esta não seria possível de acontecer na Basílica de São Pedro.

É possível perceber na fala de Dom Hélder, como existe a partir do pontificado de João XXIII, um rompimento com o que ele chama de “Peso morto da Igreja”. Tal rompimento pode ser percebido na forma com que os Papas se portam em meio aos luxos proporcionados pela Igreja:

Que não se livraria sem a medida violenta que Deus aceitou e permitiu, se vê, ainda hoje, com a impossibilidade prática de santos como o Papa João e homens da visão de Paulo VI se arrancarem do peso morto terrível e da pedra de escândalo das tradições do Vaticano. Não acreditem que Paulo VI não se sinta profundamente mal ao sentar-se no trono e ver um Monsenhor, ajoelhado, colocando-lhe um travesseiro debaixo dos pés enquanto dois outros acomodam-lhe a capa, como se ajeitassem uma Velha Rainha.²⁰

¹⁹ CÂMARA, Hélder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo I.28/29 de Novembro de 1962. 46ª Circular, Roma, para família São Joaquim. Recife: CEPE, 2009, p. 135.

²⁰ CÂMARA, Hélder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo I. 10 de Novembro de 1963. 37ª Circular, Roma, para família São Joaquim. Recife: CEPE, 2009, p. 286.

Quando Hélder fala de Paulo VI, podemos observar que, de certa forma, ainda existe ali uma ostentação do luxo e da riqueza da Igreja e o enaltecimento da figura pontifícia. Assim, mesmo havendo tantas mudanças no que diz respeito à liturgia, ao trato com o povo leigo e às formas de atuação da Igreja, ainda constatamos alguns vícios presentes no cotidiano da instituição e, sobretudo, no que diz respeito ao Papa.

3.2. A POBREZA

Uma das maiores características de dom Hélder e que ele primava era sentir no pobre a presença do Cristo Ressuscitado. Deprendemos isso no momento em que ele faz uma prece, pedindo: “A graça para toda família de ver cada vez mais no irmão, o Grande Irmão que um dia nos julgará pela maneira de o tratar na pessoa dos prediletos. Graça inclusive de entender, descobrir, venerar e amar a face desfigurada de Cristo por detrás dos nossos “excepcionais.”²¹ Para Hélder, ser cristão era, sobretudo, amar o irmão vendo na face dele a figura do Cristo vivo.

Observamos esse pensamento de dom Hélder sobre a pobreza e a Igreja quando, na missa do Cristo Rei, solenidade litúrgica que encerra o calendário litúrgico da Igreja Católica, ele faz uma reflexão sobre a realeza do Cristo e a realeza na Igreja:

Celebrai a Missa de Cristo Rei. Claro que Ele é Rei. Mas de uma realeza tão diferente, que eu me angustio ao ver que, de certo modo, exploramos a realeza d’ele para justificar, inconscientemente, a nossa. Durante a Missa, pensei o tempo todo no pobre Rei, com estopa nas costas e coroadado de espinhos.²²

É importante observar, na leitura de dom Hélder, a semelhança do Cristo que se faz Rei com a coroa de espinhos na cabeça e não com as tiaras de ouro usadas pelos cardeais e, em especial, pelo papa na Igreja Católica. E mais à frente ele afirma: “Durante a Missa, fiquei repetindo, baixinho: “Meu pobre Rei: para mim, você é Luciano”. Luciano é

²¹ CÂMARA, Hélder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo I. 15 de novembro de 1962. 33ª Circular, Roma, para família São Joaquim. Recife: CEPE, 2009, p. 96.

²² CÂMARA, Hélder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo I. 27 de Outubro de 1963. 25ª Circular, Roma, para família São Joaquim. Recife: CEPE, 2009, p. 238.

um pobre que lembra ao vivo Jesus Cristo. Dependesse de mim e criaríamos uma festa nova: de “Cristo servidor e pobre”.²³

Uma das grandes empreitadas de dom Hélder foi no sentido de tentar combater os grandes luxos que a Igreja Católica ostentava, não só em Roma mas em todos os países. Para ele, a figura do bispo deveria se igualar à figura de pastor que conduz suas ovelhas. Em um de seus trechos podemos ver com clareza seu desejo para a Igreja Católica:

Como seria bom – o comentário é meu – que acabasse de vez a casta de Bispos-príncipes e se firmasse para sempre a figura do pastor, do servidor, do Pai! Como seria bom que o grande e supremo cuidado de cada Bispo fosse formar equipe com seu Clero e seu Laicato para melhor servir a Deus e ao próximo! Como seria bom que os sonhos sobre pobreza da Igreja (a começar pelo Papa e pelos Bispos) passassem do complot de um pequeno grupo para resolução do Colégio episcopal!²⁴

Na mesma carta, logo abaixo, ele continua falando sobre o sentido da sucessão dos apóstolos, elaborando uma discussão e tentando levar a família de São Joaquim a entender o que significa dessa sucessão:

O tema sucessão dos apóstolos na literatura cristã primitiva. Colson, firmando-se na Didaché e no próprio S. Paulo, apresenta o desapego (a falta de ambição e de cobiça dos bens terrenos) como pedra de toque da autenticidade da função do apóstolo. Lembra como são sinônimos: apóstolo e profeta (o que vem em nome do Senhor). O apóstolo pronuncia a palavra de Deus, leva a Boa Nova, deixando, em cada Igreja local, os administradores da palavra e vigilantes da comunidade. Estes administradores da palavra e vigilantes da comunidade são chamados Anjos no Apocalipse.²⁵

Fazendo uma citação de Charles Colson, dom Hélder leva-nos a entender qual seria a função do bispo em sua visão. Para ele, os bispos deveriam ser sucessores dos apóstolos de Cristo, deixando assim toda forma de ostentação e os luxos promovidos pela Igreja e cumprir verdadeiramente o papel de pastor junto do povo, como os antigos apóstolos haviam feito.

Talvez por seu idealismo, dom Hélder tenha sofrido várias críticas, não só por membros da Igreja Católica, como também por membros da sociedade de forma geral.

²³ Idem.

²⁴ CAMARA, Helder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo I. 01 de Novembro de 1962. 17ª Circular, Roma, para família São Joaquim. Recife: CEPE, 2009, p. 48.

²⁵ Idem p. 48-49.

Entendemos, assim, que, pelo seu ideário renovador, Hélder é criticado e comparado a um ideólogo político, agindo tal como se fora um General, como nos aponta Assis Claudino: “Se diria que existe em D. Hélder mais um ideólogo político a serviço de uma causa, que se está valendo nacional e internacionalmente dele, que um sacerdote a serviço da Igreja”²⁶

Outra preocupação de Dom Hélder era com as vocações. Em uma de suas cartas ele traz esta discussão, escrevendo, logo no início, uma expressão que implica em uma crítica: “dedo na chaga”. Para o bispo, as vocações eram advindas somente das classes abastadas da sociedade; assim, no discorrer da carta, dom Hélder prossegue:

E vem, ainda na Introdução, o dedo na chaga: a falta de uma classe média bem desenvolvida no Brasil se reflete de cheio no problema das vocações. “Temos uma classe alta, já seduzida pelos requintes do conforto, e assim pouco disponível a uma vocação ao sacrifício; uma camada um pouco mais larga que é a classe média e uma grande classe pobre e economicamente fraca, sem nível cultural e humano para se abrir à idéia vocacional”.²⁷

Como vimos no primeiro Capítulo, a Igreja Católica, desde fins do século XIX, vinha passando por dificuldades nas vocações, visto que a maior parte dos seminaristas procuravam os seminários para a garantia de uma educação de qualidade. Nesse trecho acima registrado, Hélder faz alusão à fala de Pe. Bastos D’Ávila, mas podemos perceber que, para Dom Hélder, o importante era voltar-se para o sacrifício e não desfrutar dos benefícios e dos luxos oferecidos pela Igreja.

Em sua visita a Assis, após receber vários convites e não aceitá-los, por motivos de reuniões ou de seus compromissos inadiáveis, ocorre uma situação constrangedora para Dom Hélder que, comprometido com os pobres e com a pobreza, teve por obrigação, em um ato educado, a entrar em um Alfa-Romeu para que fosse conduzido até um determinado lugar.

Deus brincou comigo permitindo que, para ser amável com um Bispo italiano muito simpático e muito aberto (Mons. Ferrari, também hóspede em *Doumus Mariae*), eu tivesse de aceitar a viagem no carro dele... Não sabia que era um Alfa-Romeu, de parar o trânsito. E foi assim que cheguei à cidade do Poverello... Foi bom como humilhação. As ruínas de Assis, estreitas e tortuosas, quase não davam para o nosso carro

²⁶ CLAUDINO, Assis. O Monstro Sagrado e o Amarelinho Comunista: Gilberto Freyre, Dom Hélder e a Revolução de 64. Recife: Opção, 1985. p. 108.

²⁷ CÂMARA, Hélder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo I. 02 de Dezembro de 1962. 49ª Circular, Roma, para família São Joaquim. Recife: CEPE, 2009, p. 144.

passar. Ouvi dizer: “Deve ser um Cardeal”... Quando o carro parou, vieram jovens postar-se ao lado, como fundo para fotografia.²⁸

Para Hélder, essa foi uma situação um tanto quanto desconfortável. Ao registrar a fala de um homem do povo sobre o fato de que o carro deveria ser de um Cardeal, avaliamos a grande distância entre a prática comum dos bispos e outros integrantes do Alto Clero na Itália, e a postura e o discurso avançado de dom Hélder, que vivenciava, na medida do possível, o seu ideal religioso voltado para uma vida de menos pompa, mais simples, mais condizente com a vida sofrida dos pobres.

No encontro com o Papa João XXIII, para entregar o documento pedindo a criação do Secretariado Especial para Assuntos da Pobreza, dom Hélder classificou esse momento como um fato histórico na Igreja:

Amanhã, se Deus quiser, às 17h30, acontecimento histórico: 5 Bispos, um por Continente (e eu terei a alegria de representar a América Latina, e de ver a Austrália representada por meu caro amigo, Mons. Mathew Beovich, Arcebispo de Adelaide), entregaremos a petição de criação do Secretariado especial para assuntos da Pobreza e do Mundo Subdesenvolvido. Estaremos falando em nome de mais de 2 mil Bispos!...²⁹

Este acontecimento de fato se destaca na história da Igreja que, até então, não havia se preocupado com a questão da pobreza e, sobretudo, por representar, de fato, uma ruptura considerável no pensamento não só da Igreja Católica, mas também dos padres e bispos. A preocupação de dom Hélder com os pobres era uma bandeira de luta que ele carregava desde os tempos de seminário no Recife. Segundo Claudino: “D. Hélder já era conhecido no mundo católico desde a década de 50 como “o bispo das favelas”. Preocupado com os humildes, os direitos humanos e a renovação espiritual da Igreja, a ele se devem a criação da CNBB e a idealização do Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM)”³⁰ Portanto, no Concílio, ele continua com a mesma luta e seu desejo era de que a Igreja Católica pudesse romper com as classes dominantes e desse lugar aos pobres. É cada vez mais evidente o desejo de Hélder em ver os pobres operários entrando pelas portas da Basílica de São Pedro para participar de uma missa celebrada pelo Sumo

²⁸ CÂMARA, Hélder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo I. 24/25 de Novembro de 1963. 50ª Circular, Roma, para família São Joaquim. Recife: CEPE, 2009, p. 332.

²⁹ CÂMARA, Hélder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo I.21 de Novembro de 1962. 40ª Circular, Roma, para família São Joaquim. Recife: CEPE, 2009, p. 119.

³⁰ CLAUDINO, Assis. O Monstro Sagrado e o Amarelinho Comunista: Gilberto Freyre, Dom Hélder e a Revolução de 64. Recife: Opção, 1985. p. 138.

Pontífice Romano. É este desejo que o leva a escrever um documento que foi votado pelo Grupo de Pobreza e encaminhado ao então Papa Paulo VI. O documento registra:

Se Deus quiser, amanhã, na reunião do Grupo da Pobreza, apresentarei à assinatura dos meus irmãos a seguinte petição a ser dirigida ao Papa: Santo Padre, 1) As grandes cerimônias na Basílica de São Pedro têm sempre, como convidados de honra, membros do Patriciado Romano e o Corpo Diplomático. 2) Por uma vez, no encerramento da 2ª Sessão do Concílio, temos a confiança filial de propor como convidados de honra os Operários e os Pobres de Roma, representando os Operários e os Pobres do mundo inteiro. Esta petição não precisa de justificativa junto ao Vigário de Cristo e Antigo Arcebispo de Milão. Compreendeis como ninguém o alcance deste gesto como símbolo da decisão por parte da Santa Igreja de ser, cada vez mais, a Igreja servidora e pobre. 3) Se algum pequeno detalhe nas cerimônias pudesse, eventualmente, não ser bem interpretado pelos nossos convidados de honra, o Santo Padre será o primeiro a fazer introduzir as modificações que se tornarem necessárias. 4) Tendo bem presentes nossos Convidados tão especiais, teremos os cuidados necessários para obter a participação consciente e frutuosa que desejamos para os atos Litúrgicos.³¹

Em um dos trechos do documento, ele confia ao Papa Paulo VI, “seu amigo”, a condução da missa para que tudo ocorra da melhor forma possível, sem causar tumultos. Hélder já sabia que abrir as portas da Igreja do Vaticano, aos integrantes das classes menos abastadas da sociedade, causaria grande espanto, não só aos antigos freqüentadores da Basílica, mas também aos senhores bispos, já que no Vaticano o lugar do pobre já estava reservado do lado de fora da Basílica, na Praça São Pedro. Mais uma vez, Hélder deixa transparecer o desgosto com o luxo em que vive o Papa no Vaticano:

Assim como na hora da Providência, o Papa foi livrado por Deus dos Estados Pontifícios (e Pio IX e os católicos do mundo inteiro na hora não entenderam muito), dia virá em que o Pai livrará o Vigário de Cristo do Luxo do Vaticano. Durante o bombardeio de Roma, cheguei a pensar que Deus ia agir, deixando que uma bomba liquidasse o que de outro modo parecia impossível de largar. Não daria certo: Rockefeller reconstruiria um Vaticano ainda mais amplo e luxuoso. A reforma tem que vir de dentro. Como seria bom para o mundo que, ao invés de um dia haver devastação, incêndio e saque (como tantas vezes eu tenho visto), partisse do Papa o gesto de despojamento.³²

³¹ CÂMARA, Hélder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo I. 10 de Outubro de 1963. 8ª Circular, Roma, para família São Joaquim. Recife: CEPE, 2009, p. 181.

³² CÂMARA, Hélder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo I. 26 de Novembro de 1962. 44ª Circular, Roma, para família São Joaquim. Recife: CEPE, 2009, p. 129.

Quando Hélder diz que a reforma tem que vir de dentro, é importante entender que, para ele, não adiantava levar um discurso às massas sem que antes este discurso não tivesse sido incorporado no seio da própria Igreja, a começar pelas estruturas do Vaticano.

Na reunião da Comissão de Espiritualidade e Desenvolvimento, da qual fazia parte dom Hélder, e que ocorreu em 31 de novembro de 1963, também estava presente o padre Chenu, que assim se manifestou sobre a Teologia do Trabalho:

Começou perguntando: se o Grupo é de Pobreza, por que falar sobre Teologia do Trabalho? Que relação existe entre pobreza e trabalho? Respondeu: Quer se considerem as massas infra-humanas do 3º mundo, quer se considerem os trabalhadores do mundo industrial, o trabalho continua sendo um lugar de desumanização. Mesmo quando assegurar um nível econômico razoável, os trabalhadores continuarão privados da dignidade humana. O trabalho, que deve ser uma riqueza humana, vem importando em tríplice frustração.³³

Para o padre Chenu, a pobreza estava completamente ligada às condições de trabalho da sociedade e não seria possível pensa-la sem pensar as condições de trabalho. À luz da reflexão de Chenu, os bispos conseguiram chegar à conclusão de que:

Se o trabalho, que deve ser riqueza humana, está sendo lugar de empobrecimento humano, por ser lugar de desumanização, aproximemo-nos fraternalmente dos pobres Só servimos realmente à pobreza, quando os pobres nos recebem tão à vontade que não fazem cerimônia nenhuma conosco. Recebem-nos como estão. Comentou a alegria que ele sente quando entra na casa de um operário e ele, estando com as mãos sujas, sem poder dar a mão, dá o cotovelo.³⁴

No comentário em destaque, revela-se que Pe. Chenu é mais um companheiro de Hélder na luta contra a injustiça social. Para dom Hélder: “A Igreja será pobre na medida em que trocar a mentalidade de prestígio, de poder e de mando pela mentalidade de servir.”³⁵ E segundo Pe. Chenu : “(...) onde se chega a uma comunidade de trabalhadores já está o Cristo.”³⁶ Para dom Hélder: “A classe operária, reserva de tão grande valores humanos necessários ao mundo de hoje, ela mesma se acha enfraquecida e sem condições de assumir o seu lugar na religião e no país.”³⁷

³³ CÂMARA, Hélder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo I. 31 de Outubro/ 01 de Novembro de 1963. 29ª Circular, Roma, para família São Joaquim. Recife: CEPE, 2009, p. 255.

³⁴ Idem, p. 256.

³⁵ Ibidem, p. 256.

³⁶ Idem, p. 255-256-257.

³⁷ CIRANO, Marcos. Os caminhos de Dom Hélder: Perseguições e censuras. Recife: Guararapes, 1983. p. 25.

O pensamento de dom Hélder, no que diz respeito à pobreza, ganha lastro e abrange agora os seminaristas do mundo inteiro que estão estudando em Roma. Estes, motivados pelo mesmo ideal que movia o pensamento de Hélder, organizaram em Roma uma caminhada em favor da pobreza:

Hoje, se Deus quiser, virão aqui seminaristas franceses, em nome de todos os seminaristas de Roma. Vêm trazer pormenores sobre a peregrinação de 5ª feira próxima: todos os seminaristas de todas as nacionalidades e de todos os ritos, estudantes em Roma, farão uma caminhada de 10 km, a pé, rezando e cantando para pedir o reencontro da Igreja com a Senhora Pobreza. Vêm pedir sugestões e solicitar que os acompanhe para celebrar a Santa Missa, à chegada, falando a todos em francês (língua que quase todos entendem). O Seminário Brasileiro aderiu em peso. Tenho sugestões que me vieram nesta Vigília. Quanto à ida pessoal, vou propor-lhes um sinal de Deus se não houver reunião de minha Comissão, amanhã, irei. É ou não um sinal dos tempos?...³⁸

Se em meio a tantos bispos presentes em Roma, por ocasião do Concílio, os seminaristas procuram por dom Hélder, isto nos leva a compreender que o bispo brasileiro, dom Hélder Pessoa Câmara, era realmente o responsável por fomentar as discussões que moviam todo um grupo constituído não apenas de bispos.

Quando dom Hélder diz que este é um sinal dos tempos, significa que, para ele, aquele era um tempo novo, um tempo de mudanças, de realizações de um ideal que ainda estava em formação. Hélder não chegou a ir à caminhada: “Infelizmente, não poderei ir com os Seminaristas de Roma (como tanto desejara) a Genazzano (É hoje, 5ª, a Peregrinação). Envio, incluso, o Caderno humilde que fala sobre a Marcha da Quaresma dos “Pobres do Senhor””³⁹.

3.3. O ECUMENISMO

O grande empenho de dom Hélder pelas transformações ecumênicas na Igreja Católica pode ir sendo fortalecido durante o Concílio, mesmo que aos poucos, mesmo que de modo mais lento do que pretendia Hélder, porém, seus ideais ecumênicos seriam

³⁸ CÂMARA, Hélder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo I. 04 de Março de 1964. 5ª Circular, Roma, para família São Joaquim. Recife: CEPE, 2009, p. 382.

³⁹ CÂMARA, Hélder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo I. 05 de Março de 1964. 6ª Circular, Roma, para família São Joaquim. Recife: CEPE, 2009, p. 390.

transformados em realidade, conforme as suas próprias expectativas. Pode-se perceber isto a partir da leitura de uma de suas cartas, em que ele relata um encontro com dois amigos não católicos, e participantes do Concílio:

Hoje estive com Roger e Max, protestantes da Comunidade Religiosa de Taizé (Lembram-se do disco na casa de Carlina, na noite de despedida?). Duas simpatias. Roger, muito moço, é o mestre; Max, o discípulo. Roger, que é suíço, no fim da guerra, veio estabelecer-se no sul de Paris, na Diocese de Autun. Ocupou antigo Templo Católico abandonado e começou a receber (na linha espiritual de um Peyriguère ou de um Foucaul) os refugiados de todas as raças e de todos os credos. Terminada a guerra, foi à Suíça e voltou com Max. Hoje, são 52 jovens monges protestantes. 8 são Pastores. Crêem na presença real de Jesus Cristo e celebram [fl. 3] a Santa Missa. Confessam-se e os Pastores dão absolvição individual (como nós). Rezam o breviário. Queremos permanecer na família protestante, preparando a união. Estão encantados com o Concílio. Se Deus quiser, na 6ª feira da outra semana, farão uma palestra para os Bispos da América Latina. Depois jantarei com eles (sempre se Deus quiser).⁴⁰

A aproximação lenta e gradual com os protestantes e a real possibilidade de diálogo que a abertura do Concílio proporcionou para um entrosamento entre bispos, padres e os pastores não católicos levam-nos, portanto, a perceber que um diálogo ecumênico está próximo de vir à tona. Quando, na história da Igreja Católica, um Pastor daria uma palestra a um grupo de bispos? Seria inadmissível um acontecimento como este.

Segundo Brocker: “O ecumênico de Hélder é aquele que os historiadores do concílio têm mais comumente denominado de “Conferência dos 22”; é a reunião semanal da Domus Mariae, de representantes de um número progressivo de episcopados”⁴¹

Em uma de suas cartas, dom Hélder narra uma de suas conversas com o Cardeal Montini e direciona a conversa para o ecumenismo do Concílio Vaticano II, o qual ele nomeia de “sonho” a possibilidade de uma Igreja ecumênica, com as portas abertas à humanidade inteira: “Falei, então, no outro sonho: o povo entenderá por Concílio a união das Igrejas. Não temos o direito de deixar que o Concílio termine sem uma demonstração inequívoca da nossa decisão, de abrir as portas e o coração aos irmãos separados e à humanidade inteira.”⁴² Continuando, Hélder se faz mais ousado; ele vai além e consegue

⁴⁰ CÂMARA, Hélder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo I. 31 de Outubro de 1962. 16ª Circular, Roma, para família São Joaquim. Recife: CEPE, 2009, p. 45.

⁴¹ BROUCKER, José de. As noites de um profeta: Dom Hélder Câmara no Vaticano II: leitura das circulares conciliares de Dom Hélder Câmara (1962 – 1965). São Paulo: Paulus, 2008. p. 70.

⁴² CÂMARA, Hélder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo I. 02 de Novembro de 1962. 20ª Circular, Roma, para família São Joaquim. Recife: CEPE, 2009, p. 61.

vislumbrar, na presença do Cardeal Montini, como seria a Igreja Católica ecumênica, na hora da prece pela unidade, na Praça de São Pedro em Roma; ele consegue, em frações de segundos, criar a imagem do povo reunido, das músicas que seriam tocadas e dos chefes que, juntos com o Papa, fariam a prece por essa unidade:

Imagine, Eminência, a Praça de S. Pedro transbordante. De repente, após o toque do carrilhão da Basílica, um speaker indicaria, de maneira breve, expressiva e hábil, que os presentes – e o mundo inteiro - estavam convidados a acompanhar a prece pela unidade que o Papa iria proferir em união com líderes de todas as grandes Famílias cristãs. E ouviríamos música, apenas música. Mas escolhida com tanta felicidade e tanto acerto que fosse o quadro adequado para a cena a ser vivida. Claro que importaria em emocionante suspense. E veríamos e ouviríamos o Papa e os grandes líderes cristãos (não católicos) rezando juntos uma prece evangélica, de grande força e beleza. De novo um speaker, sóbrio, oportuno, adequado, anunciaria uma cena ainda mais forte: o encontro das Famílias cristãs com Israel, para uma prece bíblica pela unidade espiritual e pela paz no mundo.⁴³

O trecho acima fortalece nosso entendimento sobre o fato do quanto dom Hélder alimentava um grande desejo, o qual transformou em ideal, que era o de ver uma Igreja Católica realmente ecumênica, que os discursos saíssem do papel, que os grupos isolados se integrassem à proposta renovadora e que tal proposta fosse consolidada, de fato, no final do Concílio.

Dom Hélder, bispo muito crente e amante de Nossa Senhora, em um dos seus trechos, mostra-nos como entende a figura da divindade de Maria, nos dando, assim, um exemplo de sua fé madura: “Com o maior amor possível para com Nossa Senhora, sinto que Ela é a 1ª a desejar que: o marianismo não lhe exagere o culto, criando dificuldades terríveis a cristãos que se escandalizam em ver o evidente excesso a que estão chegando.”⁴⁴ Hélder Câmara tenta romper com tudo aquilo que é exagerado e que, de certa forma, agride a fé de algumas pessoas, pois uma coisa é a devoção e outra, a idolatria; uma coisa é o amor maduro, e outra é o medo de uma figura que temos aqui como exemplo a de Maria para Igreja Católica. Dom Hélder entende a figura de Maria como a mãe que, como nas “Bodas de Canaã” intercede pelo povo ao seu filho. O culto exagerado à figura de Maria, de certa forma, também poderia atrapalhar o diálogo ecumênico proposto por Hélder.

⁴³ Idem, p. 61-62.

⁴⁴ CÂMARA, Hélder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo I. 07 de Novembro de 1962. 25ª Circular, Roma, para família São Joaquim. Recife: CEPE, 2009, p. 77.

Uma das reuniões que dom Hélder propõe durante o Concílio conta com a presença dos bispos do CELAM, do CELAF e do possível CELAS (ainda não existente, mas que viria a ser a Conferência dos Bispos da Ásia); nela, dom Hélder registra a presença de vários bispos e, em especial, dos componentes das diversas comissões do Concílio Vaticano II. É mais uma oportunidade de dom Hélder disseminar seus sonhos sobre uma Igreja Ecumênica. Isto fica claro na carta enviada por ele a família de São Joaquim, no dia 10 de novembro de 1962.⁴⁵

Damo-nos conta de que as idéias do bispo brasileiro nordestino, Hélder Câmara, estavam sendo acatadas e levadas a sério por grande parte do episcopado, não só dos países do “terceiro mundo,” para usar uma expressão própria de Hélder, mas também dos países da Europa. O entusiasmo com as novas idéias, também não eram somente de dom Hélder, mas de todo grupo presente: “Queria que vocês vissem e sentissem a alegria de todos. O representante da Alemanha (Arcebispo de Munster, Mons. Joseph Hoffner) me disse: “Agora, o Concílio começou””.⁴⁶

Mais uma vez, Hélder deixa clara a aproximação de seu grupo com o Papa Paulo VI; mostra-nos também que este comportamento não era diferente nos tempos do Papa João XXIII, fazendo uma comparação entre os dois pontificados:

Propus que sugeríssemos ao Santo Padre (Ele está em diálogo com o Ecumênico: recebe nossas petições e as atende na mesma hora, como o Papa João) que Ele, na véspera do encerramento da 2ª Sessão, venha fazer uma manhã de Recolhimento conosco. Sobretudo para dizer: “Vocês são irmãos. Andaram discutindo, por vezes, de modo mais vivo. Chegaram, aqui e ali, a veemências. Talvez ou certamente, haja travos, amarguras... Vamos esquecer mágoas, perdoar-nos mutuamente, mergulhar na Caridade”.⁴⁷

A citação acima pontua que o grupo de dom Hélder era constituído por sacerdotes que, ao mesmo tempo em que acompanhavam atentamente o Concílio Vaticano II, também elaboravam suas discussões à parte e tinham autonomia para tal. Para Broucker: “A agenda do grupo mais eficaz, que dom Hélder chamado de ecumênico, guardou até o fim a marca

⁴⁵ CÂMARA, Hélder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo I. 10 de Novembro de 1962. 28ª Circular, Roma, para família São Joaquim. Recife: CEPE, 2009, p. 84.

⁴⁶ Idem, p. 85.

⁴⁷ CÂMARA, Hélder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo I. 13/14 de Novembro de 1963. 41ª Circular, Roma, para família São Joaquim. Recife: CEPE, 2009, p. 303.

de sua breve pré-história: ‘corrigir a hipertrofia da cúria romana e libertar o Papa’⁴⁸. A partir da união do ecumênico surgem possíveis organizações e objetivos.

Sobre a Comissão de Pobreza e do Mundo Subdesenvolvido (nome criado por Dom Hélder), tem-se que era composta de bispos como Hélder, que consideravam que o Concílio deveria ter como pano de fundo para suas discussões a questão da pobreza nos países subdesenvolvidos.

Aos poucos, o idealismo do grupo de dom Hélder vai ganhando espaço e, de repente, pode-se até mesmo afirmar : “O Papa João está conosco”. Daí por diante, o grupo começa a ganhar maior proporção:

O Papa João está conosco. Mas não vai ser fácil, especialmente para mim. E agora uma notícia alviçareira. O Cardeal Montini deve ter comentado a “Prece pela unidade” porque o secretário (de mais prestígio) do Papa (Mons. Capovilla) mandou pedir um encontro, pois deseja conhecer mais de perto o plano...É homem vivíssimo: aberto, vibrante, largo. Tido como esquerdista. Sem seu apoio precioso junto ao Papa, a *Mater et Magistra* não teria saído. Dele, ao Papa, será um pulo.⁴⁹

A partir de um dado momento, o grupo que dom Hélder já estava encabeçando o Concílio; o “Grupo dos Países Subdesenvolvidos” começara a ser chamado por ele de “Ecumênico.”, o que nos remete que as perspectivas de dom Hélder Câmara estavam sendo alcançadas:

Realizou-se, hoje, em *Domus Mariae*, das 18 às 20h, o 2º encontro fraterno do mundo inteiro (passarei a chamá-lo: Ecumênico). Estiveram presentes: o CELAM (pelos 3 da Presidência); o CELAF (pelos 2 Secretários Gerais); os grupos da Ásia que tinham estado na reunião anterior (Japão, Índia, Ceilão, Vietnã, Birmânia), mais as Filipinas; os grupos da Europa que vieram da vez passada (Alemanha, França, Inglaterra, Irlanda), mais Bélgica, Espanha e Itália!...Da América do Norte: os USA e o Canadá. Só para a próxima vez convidaremos a Austrália.⁵⁰

É interessante perceber o quanto esse brasileiro nordestino tinha a certeza de que seus ideais deveriam ser propagados. A determinação e a força de vontade de dom Hélder

⁴⁸ BROUCKER, José de. As noites de um profeta: Dom Hélder Câmara no Vaticano II: leitura das circulares conciliares de Dom Hélder Câmara (1962 – 1965). São Paulo: Paulus, 2008. p. 75.

⁴⁹ CAMARA, Helder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo I. 11/12 de Novembro de 1962. 30ª Circular, Roma, para família São Joaquim. Recife: CEPE, 2009, p. 91.

⁵⁰ CAMARA, Helder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo I. 13 de Novembro de 1962. 31ª Circular, Roma, para família São Joaquim. Recife: CEPE, 2009, p. 92.

levaram-no já com 53 anos, a aprender falar outros idiomas além dos que ele já falava, Em uma das cartas, ele se propõe: “Se Deus quiser, vou aprender a falar o alemão.”⁵¹

Na segunda etapa do Concílio, Hélder continua desenvolvendo os trabalhos nos “Grupos Ecumênico e da Pobreza” com a ousadia que lhe era peculiar: em uma das reuniões com os bispos da África, propõe:

Hoje, fiz uma proposta curiosa aos Bispos Africanos hospedados em *Domus Mariae*: de vez em quando, teremos um encontro fraterno durante o qual cantaremos, em português e na língua de Ruanda-Urundi, as mesmas músicas. Por exemplo, O senhor é meu Pastor, O Senhor fez em mim maravilhas. Daí passaremos para ritmos diretamente africanos e diretamente brasileiros.⁵²

Para dom Hélder, a aproximação com a África era de suma importância pois era um Continente mais pobre que o Brasil, mas que teve uma trajetória de colonização semelhante. É importante ressaltar que a trajetória de colonização entre os dois Continentes são semelhantes em partes, e, no momento em que surge essa discussão durante a década de 1960, alguns países da África ainda eram colônias; isto deixava-os ainda numa situação bem pior que a do Brasil.

O antigo grupo dos países subdesenvolvidos, agora chamado por dom Hélder de “Grupo Ecumênico,” pode contar com o apoio do Papa Paulo VI, que antes de ser Papa também havia freqüentado o grupo. O apoio do Papa ao grupo está ressaltado no seguinte trecho: “Começou-se estudando um texto, com 5 pontos, explicando um pouco o que são nossas Reuniões. Isto se tornou necessário porque o próprio Santo Padre se interessa pelos encontros na *Domus Mariae* e o jornal dos USA já falou sobre eles...”⁵³ A *Domus Mariae* era uma espécie de hotel onde se hospedavam, em sua maioria, bispos conciliares brasileiros, mas também de outros países. Em outra carta, para mostrar o apoio do Papa, dom Hélder remete-se ao padre Gongar que fala de Paulo VI com grande entusiasmo:

Mas Congar está convicto de que Paulo VI está indo e irá ainda mais longe do que João XXIII na linha do Ecumenismo. Aludiu, radiante, ao discurso do Santo Padre aos Observadores que já agora são sessenta e

⁵¹ Idem.

⁵² CÂMARA, Helder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo I. 06 de Outubro de 1963. 5ª Circular, Roma, para família São Joaquim. Recife: CEPE, 2009, p. 175.

⁵³ CÂMARA, Hélder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo I. 18/19 de Outubro de 1963. 15ª Circular, Roma, para família São Joaquim. Recife: CEPE, 2009, p. 200-201.

seis. E insiste em frisar que Montini dará passos enormes e felicíssimos...⁵⁴

É importante perceber que o Papa Paulo VI tem grande receptividade por parte dos bispos, mas João XXIII não sairá da memória desse grupo de bispos conciliares e progressistas, como também foi o papa João. Fica claro que o grupo liderado por dom Helder, “O Ecumênico,” tinha de certa forma o apoio do Santo Padre. Por iniciativa do grupo, foi enviada uma carta ao Papa onde era solicitada a aceleração do Concílio, e o Papa atende tal pedido:

O Santo Padre, atendendo à petição do Ecumênico, enviou ontem, carta autógrafa à Comissão de Teologia, determinando aceleração no ritmo de trabalho pelo aumento do número de sessões e pelo desdobramento de novas Sub-Comissões. Ontem mesmo, ficou decidido que passarão a trabalhar todos os dias e a Comissão passou a ter 9 Sub-Comissões ao invés de apenas duas..⁵⁵

Para dom Helder: “Gestos assim encorajam os Padres Conciliares.. Eles vêem que vale a pena rezar e pensar em sugestões construtivas porque o Papa atende: Paulo VI como João XXIII.”⁵⁶

Assim, no decorrer do Concílio, vão ocorrendo algumas mudanças nas práticas dos bispos e cardeais; dom Helder faz questão de esclarecer o amadurecimento de alguns bispos que estavam presentes no Vaticano II: “(...) na parte de cima, sempre com licença do Cardeal Ottaviani (vejam que nem tudo está perdido e como não se pode julgar!), há culto protestante: ceia e Ofício.”⁵⁷ O Cardeal Ottaviani, apontado por Helder, era um dos bispos que compunham a linha de frente contra os progressistas e agora, talvez por uma questão política, estava se abrindo aos cultos protestantes dentro do Vaticano. O diálogo ecumênico começa a ser colocado em prática.

⁵⁴ CÂMARA, Helder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo I. 20/21 de Outubro de 1963. 19ª Circular, Roma, para família São Joaquim. Recife: CEPE, 2009, p. 216.

⁵⁵ CÂMARA, Helder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo I. 28/29 de Outubro de 1963. 27ª Circular, Roma, para família São Joaquim. Recife: CEPE, 2009, p. 245.

⁵⁶ Idem.

⁵⁷ CÂMARA, Helder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo I. 15/16 de Outubro de 1963. 12ª Circular, Roma, para família São Joaquim. Recife: CEPE, 2009, p. 193.

3.4. A DIVISÃO DO EPISCOPADO

A divisão entre os dois grupos de bispos, que anteriormente foram aqui chamados de “progressistas e conservadores”, é narrada por dom Hélder quando registra uma das votações a respeito da aprovação da comunhão em duas espécies (que para ele era de suma importância), mostrando-nos um exemplo de como eram organizadas as votações conciliares:

Ainda estamos na discussão do 2º Capítulo do esquema de Liturgia. Duas posições já se firmaram: a Pastoral (maioria absoluta) e a minoria reacionária. O grupo pastoral, pensando em facilitar os caminhos da união, se bate pela manutenção da possibilidade de comunhão sob as duas espécies, e pela extensão do direito de concelebrar [...] A fila interminável dos que fazem questão de falar (repetindo o que já está mais do dito) cansa e a alguns Bispos irritam. Mas o Santo Padre considera fundamental – sobretudo pensando nos Observadores não-católicos - a mais completa liberdade dos Padres Conciliares.⁵⁸

Em outro trecho da mesma carta, é possível perceber no relato de Hélder, uma grande truculência do episcopado quando se dá a cassação da fala de um bispo, que se dizia contra a aprovação da comunhão em duas espécies; por questão de ordem, a palavra do referido bispo foi retirada pela Presidência da sessão; os outros bispos ali presentes levantaram e aplaudiram a atitude do Presidente:

Levantou-se mais uma vez o Cardeal Ottaviani (S. Ofício). Se ele dissesse: “Padres Conciliares: Claro que, no Concílio, além do Espírito Santo que a todos nos conduz, só há o Papa e os Padres Conciliares. Só Aqui não passo de um de vós. Seja, no entanto, permitido ao vosso irmão...” Garanto que seria escutado e talvez atendido. Levantou-se, como sempre, como se fosse o Inquisidor distribuindo [fl. 2] censuras, apontando heresias, criando alarme. Foi ouvido em silêncio sepulcral. De repente o presidente da sessão (Cardeal J. Bernard Alfrink, Arcebispo de Utrecht, Holanda) disse: “Revmo. Padre. Queira perdoar-me, mas o seu tempo terminou”. Ele pretendeu insistir. O Presidente manteve a cassação da palavra e o plenário aplaudiu vigorosamente.⁵⁹

Podemos observar no trecho acima, que a divisão dos bispos fica cada vez mais evidente e naquele momento, a ala conservadora estava ali representada na fala do Cardeal

⁵⁸ CÂMARA, Hélder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo I. 31 de Outubro de 1962. 16ª Circular, Roma, para família São Joaquim. Recife: CEPE, 2009, p. 44.

⁵⁹ Idem, p. 44 e 45.

Ottaviani. Para os bispos da ala progressista, como já disse dom Hélder anteriormente, aquele era um momento ímpar. Assim as manifestações contrárias à abertura proposta no Concílio estavam sendo abafadas e isto ficava cada vez mais evidente no comportamento dos dirigentes do Concílio e também do Papa.

De volta a Roma para a segunda etapa do Concílio Vaticano II, agora sob o governo do Papa Paulo VI, ocorrem algumas novidades, como o sigilo exigidos aos bispos sobre as resoluções e decisões tomadas nas reuniões conciliares. Atento e lúcido, dom Hélder registra: “Sigilo do Concílio. Hoje, fomos advertidos sobre o sigilo do Concílio. Só contarei o que os jornais contarem ou o que se passar fora da Aula Conciliar.”⁶⁰ Por isso, a partir de então, as cartas de dom Hélder se restringiriam somente às informações dos jornais e discorreriam sobre as reuniões dos grupos paralelos às reuniões conciliares. Para Hélder, a idéia do sigilo não era coerente por parte da Igreja Católica: “Os jornalistas chegam de todos os cantos para entrevistas: França, Suíça, Alemanha, USA... Falo-lhes de coração aberto, sem medo. Chegou a hora em que a Igreja tem de correr o risco da publicidade, se quiser chegar às grandes massas.”⁶¹

A questão da Cúria composta por bispos “conservadores” ainda era visível. Este problema veio à tona quase no final da primeira etapa do Concílio e ainda permanece na segunda etapa. Dom Hélder faz alusão à Cúria Romana como sendo uma pedra no caminho nas decisões conciliares:

Como preparar para a 3ª Sessão a substituição da atual presidência das Comissões Consistoriais, todas nas mãos de elementos da Cúria que não deixam o trabalho andar, sabotam tudo que é novo e arejado, mantêm a situação atual? Suenens propõe que a presidência de cada Comissão seja eleita pelos seus respectivos membros.⁶²

Para trabalhar com a Cúria Romana, seria preciso, em primeiro lugar, reordenar ou recompor todos os gabinetes, uma vez que todos os documentos conciliares eram passados pelo crivo da Cúria e lá os bispos e cardeais detinham o poder de transformação e corte de alguns documentos. Seria preciso imediatamente alinhar a Cúria Romana aos parâmetros do Concílio, colocar nos gabinetes representantes que ali poderiam, de fato,

⁶⁰ CÂMARA, Hélder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo I. 30 de Setembro de 1963. 1ª Circular, Roma, para família São Joaquim. Recife: CEPE, 2009, p. 161.

⁶¹ CÂMARA, Hélder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo I. 02 de Outubro de 1963. 2ª Circular, Roma, para família São Joaquim. Recife: CEPE, 2009, p. 166.

⁶² CÂMARA, Hélder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo I. 05 de Outubro de 1963. 4ª Circular, Roma, para família São Joaquim. Recife: CEPE, 2009, p. 172.

contribuir com as discussões que estavam postas naquele momento e que pudessem auxiliar no andamento do Concílio.

À luz da grande indignação com a situação da diretoria da Cúria Romana, dom Hélder, provavelmente pela primeira vez em uma reunião conciliar, pede licença e profere algumas palavras ao Papa e seus assessores: “Lembrei como neste momento está fazendo falta ao Santo Padre um grande Secretário de Estado, a quem caiba a missão providencial de transformar a Cúria do Vaticano I em Cúria do Vaticano II e de ajudar a instalar o Governo Colegiado da Igreja. Frisei que a nós nos cabe rezar. A ele, talvez, rezar e agir”.⁶³ Para Hélder, era necessário deixar de lado o Concílio Vaticano I e encarar de frente, sem preconceito, o Vaticano II.

Hélder deixa claro que, apesar de existir um espírito conciliar, este espírito não havia ainda tomado conta de todo Vaticano. Segundo ele, as cartas enviadas à Cúria Romana voltavam com outras configurações:

Não tenham a impressão de política, de manobra, na atuação do Ecumênico. Se vocês vissem como os esquemas nos foram mandados!... Todos passaram pelo crivo da Cúria e saíram com uma marca que não é a do Concílio que o Papa e os Bispos unidos a ele (Espírito Santo) desejam.⁶⁴

Mesmo que a maioria dos bispos juntamente com o Papa estivessem envolvidos com o Concílio e acreditassem nas propostas, ainda existia um grupo forte de bispos e cardeais que estavam inseridos na Alta Cúpula, que tinham o poder de modificar o que já estava posto.

A crise ocorrente no corpo de bispos ligados à Cúria permanece. O Papa Paulo VI tenta conciliar, mas parece-nos impossível a existência de um diálogo com os chefes da Cúria Romana.

A conversa com o Cardeal Suenens importou num pacto pró-Concílio. O Santo Padre, ou por diplomacia ou pelo desejo de a ninguém esmagar, está permitindo que se crie um impasse tremendo entre os Moderadores (apoiados pela maioria esmagadora dos Bispos do mundo) e o Secretariado Geral, apoiado pela Presidência (de Honra). Amanhã, haverá reunião da Cúpula do Concílio. Só por um milagre se evitará a crise.⁶⁵

⁶³ Idem.

⁶⁴ CÂMARA, Hélder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo I.27 de Novembro de 1962. 45ª Circular, Roma, para família São Joaquim. Recife: CEPE, 2009, p. 133.

⁶⁵ CÂMARA, Hélder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo I. 22/23 de Outubro de 1963. 21ª Circular, Roma, para família São Joaquim. Recife: CEPE, 2009, p. 223.

Com a ordem que fora dada aos bispos para que fosse guardado sigilo das reuniões conciliares, a escrita de dom Hélder se modifica no que diz respeito à descrição das reuniões conciliares que até então eram feitas na íntegra e passa a ser redigida de forma a obedecer a ordem que recebeu de seu superior: “Marcha do Concílio. O ritmo está bom. O fato de o esquema *De Ecclesia* ter sido aprovado quase unanimemente (apenas 40 contra) significa que se mantém perfeito o espírito do Concílio, sonhado por João XXIII.”⁶⁶ O pedido de sigilo contrariava o bispo, mas seu voto de obediência aos superiores em todas as decisões tomadas por ele falava mais alto, mesmo que Hélder ainda tivesse coragem suficiente para tecer críticas sobre aquela decisão: “Vou enviar o Caderno relativo à votação de amanhã. dom Timóteo poderá lê-lo e resumi-lo a vocês. Por aqui andaram, teoricamente, urgindo segredo conciliar. Mas os jornais contam tudo, o que torna o sigilo inútil e ridículo”.⁶⁷

O Concílio continua sob a orientação de Paulo VI, mas, em alguns momentos, surgem manifestações que nos levam a perceber que os bispos da Ala Conservadora estavam trabalhando para reverter algumas decisões; se o Papa Paulo VI não se colocasse de forma impositiva entre os bispos, eles passariam por cima das decisões do Papa.

Ao chegar à querida *Domus Mariae* angustiei-me terrivelmente recebendo a confiança do Cardeal Ruffini, aflitíssimo com o que se passa com a Santa Igreja: “Onde vamos parar? Onde se viu falar em Bispos com poder de legislar? A que fica reduzido o Papa? É o Parlamentarismo que estabelecemos na Igreja...”⁶⁸

Para dom Hélder e seus companheiros da Ala Progressista essa atitude do episcopado era incômoda, como nos mostra na citação acima a fala indignada do Cardeal Ruffini. A posição do Papa Paulo VI já estava clara, desde quando ele ainda era o Cardeal Montini e militava junto à Ala Progressista, inclusive nos grupos liderados por Hélder. É possível observar a posição de Paulo VI em uma das cartas de dom Hélder:

O Santo Padre recebeu o Cardeal Silva, do Chile. Bispos e Católicos chilenos estão sofrendo terrivelmente porque o Núncio os denuncia como progressistas e filo-comunistas. Paulo VI respondeu: “Fique tranqüilo. Já sofri exatamente pelas mesmas razões”. O Santo Padre afastou de Roma o Assistente Geral da Ação Católica Italiana, para

⁶⁶ CÂMARA, Hélder. *Circulares Conciliares Volume I – Tomo I. 07 de Outubro de 1963. 6ª Circular*, Roma, para família São Joaquim. Recife: CEPE, 2009, p. 176.

⁶⁷ *Idem*.

⁶⁸ CÂMARA, Hélder. *Circulares Conciliares Volume I – Tomo I. 05/06 de Novembro de 1963. 33ª Circular*, Roma, para família São Joaquim. Recife: CEPE, 2009, p. 270.

júbilo de toda a AC. (Só que a gente fica pensando sempre no homem, na criatura, embora fosse importante e indispensável o gesto do Papa).⁶⁹

Ao dizer que também já havia sofrido perseguições, podemos dizer que esta já era uma opção do Papa, e quando ele afasta o Assistente Geral da Ação Católica é um ato de comprometimento com a organização pastoral. Novamente, dom Hélder faz referência à Presidência da Cúria Romana que continuava atravancando o processo de andamento do Concílio.

O problema era: recompor a Comissão, de modo a facilitar ao Papa a superação do impasse criado pelo fato de os Presidentes das Comissões (todos da Cúria) não deixarem as Comissões trabalhar. Uma minoria minimíssima entavando a marcha do Concílio (maioria esmagadora dos Bispos em plena sintonização com o Papa).⁷⁰

É visível a divisão do episcopado em progressistas e conservadores, mas é possível perceber que a proporção dos bispos progressistas é maior que a dos conservadores, haja vista que os progressistas ainda contavam com o apoio primordial do Papa Paulo VI, o qual, para resolver o impasse no andamento do Concílio ouvindo a opinião de maioria dos bispos, toma a seguinte atitude, conforme abaixo nos pontua dom Hélder em uma de suas cartas:

Substituir as Comissões seria trazer pessoal inexperiente, ainda a ter que fazer o noviciado dos métodos e das pessoas, em terreno difícil de pisar. Afastar pura e simplesmente o Presidente seria violento demais para o Santo Padre e aumentaria o azedume que tanto queremos evitar. Propusemos e o Santo Padre aprovou: Cada Comissão será acrescida de 6 membros (3 eleitos pelo Plenário e 3 nomeados por Ele), sugerimos: Ele decidiu: acrescida de 5 (4 eleitos por nós e 1 nomeado por Ele); Cada Comissão elegerá um Vice-Presidente (com a função de Moderador) e um Secretário.⁷¹

Mais uma vez dom Hélder deixa claro que Paulo VI estava com seu grupo e legislando com eles: “O Santo Padre descobriu maneira inteligentíssima de interferir no Concílio, ajudando de modo decisivo nossas teses: estudou com os Moderadores as promulgações de Decretos por ocasião de todos os grandes Concílios e dotou fórmula aprimorada, inteiramente sinodal, colegial”.⁷²

⁶⁹ Idem, p. 270-271.

⁷⁰ CÂMARA, Hélder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo I. 21/22 de Novembro de 1963. 47ª Circular, Roma, para família São Joaquim. Recife: CEPE, 2009, p. 320.

⁷¹ Idem, p. 320.

⁷² CÂMARA, Hélder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo I. 22/23 de Novembro de 1963. 48ª Circular, Roma, para família São Joaquim. Recife: CEPE, 2009, p. 327.

No dia 15 de dezembro de 1963 com o término da segunda sessão do Concílio Vaticano II, dom Hélder volta ao Brasil. Ao retornar a Roma para participar da terceira sessão do Concílio, a primeira carta escrita por ele nos remete supostamente ao mês de março, já que todas as cartas escritas por ele durante esse período não contêm datas. Segundo Luiz Carlos Luz Marques:

Escrita, mais precisamente, no dia 1º de Março de 1964, um Domingo. Dom Helder, normalmente, datava suas Circulares e dava, a cada uma, um número de ordem. Surpreendentemente, não datou diretamente nenhuma das que escreveu durante o mês de Março de 1964, quando foi a Roma para os trabalhos de sua Comissão, que preparava um dos mais importantes textos do Concílio, a futura Constituição *Gaudium et spes*⁷³

Na primeira reunião da terceira fase do Concílio, um escândalo toma conta da reunião. Um dos documentos já votados sobre a questão da liturgia foi modificado, tendo sido acrescida, nesse documento modificado, a assinatura do Papa. Paulo VI fora traído: um de seus assessores que compunham o Quadro de Direção da Cúria fez com que ele assinasse, sem perceber, o referido documento:

A história por dentro é que o Secretariado Geral do Concílio traiu a confiança do Papa e fez Paulo VI assinar o dispositivo sobre vernáculo, em flagrante oposição ao que o Concílio decidira. O mundo inteiro estremeceu: telefonemas, cabogramas, cartas, visitas pessoais transmitiram, imediatamente, o escândalo, a insatisfação dos Padres Conciliares. A grande pergunta era: “Para que o Concílio, se vira um faz-de-conta, uma farsa?”⁷⁴

Outra vez os integrantes da Ala Conservadora do episcopado agem para tentar reverter a situação do Concílio. E dessa vez, o golpe é dado sobre o próprio Papa, fazendo com ele assinasse um documento sem que perceba. A atitude de Paulo VI revela-se um tanto quanto suspeita: teria o Santo Padre de fato assinado tal documento sem perceber? Ou ele tinha tanta confiança assim em seu Secretariado, mesmo que este não tivesse as mesmas posições políticas?

⁷³ MARQUES, Luiz Carlos Luz. In: Dom Hélder Câmara. Circulares Conciliares. Volume I – Tomo I: de 13/14 de Outubro de 1962 a Março de 1964/ orgs. Luiz Carlos Luz Marques e Roberto de Araújo Faria – Recife: CEPE, 2009, p. 369.

⁷⁴ CÂMARA, Hélder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo I. 03 de Março de 1964. 4ª Circular, Roma, para família São Joaquim. Recife: CEPE, 2009, p. 379-380.

Não sorrias dizendo que já estás conosco. Há milhões que não Te conhecem. E de que basta conhecer-Te, de que adianta Tua vinda, se para os Teus a vida continua igual? Converte-nos! Revolve-nos! Que a Tua mensagem se torne carne de nossa carne, sangue de nosso sangue, razão de ser de nossa vida. Que ela nos arranque do comodismo da boa consciência! Seja exigente, incômoda, pois só assim nos trará a paz profunda, a paz diferente, a Tua paz!...

Dom Hélder Câmara.

CAPÍTULO IV

AS ÚLTIMAS SESSÕES DO CONCÍLIO VATICANO II:

ENCERRAMENTO OU PAUSA PARA UMA IGREJA ABERTA ?

Neste Capítulo, o objetivo é o de trabalhar as discussões postas nas terceira e quarta sessões do Concílio Vaticano II, iniciadas em setembro de 1964, e finalizadas no Concílio em dezembro de 1965. Como vimos, o Concílio Vaticano II teve início em 1962, com o então Papa João XXIII, e foi dividido em quatro sessões. Trabalharemos com as duas últimas sessões conciliares. Para estabelecermos estas discussões, utilizaremos as cartas conciliares de Dom Hélder Câmara e nos referiremos, oportunamente, às encíclicas lançadas durante o período em análise.

4.1. A TERCEIRA SESSÃO

Dom Hélder reinicia a escrita de suas cartas, com temáticas voltadas para o Concílio, dirigidas à família Mecejaneense, no dia 12 de setembro de 1964, quando, junto com os outros bispos brasileiros, voltam para a terceira sessão do Concílio Vaticano II. No início da primeira carta, Hélder narra sua viagem de avião do Brasil a Roma, como era de costume nos escritos à família São Joaquim.

Na cerimônia de reabertura da terceira sessão do Concílio, dois fatos se destacam. O primeiro foi o fato de Paulo VI ter aceitado a concelebração, questão posta para as discussões conciliares desde a primeira sessão, e a segunda, a permanência das estruturas enaltecidas do luxo e do poder na Igreja do Vaticano.

De volta à Cerimônia de abertura. Grandes pessoas à frente: antes de tudo, a própria Concelebração (o Santo Padre e mais 24 Bispos do mundo inteiro); só os Concelebrantes entraram de Pluvial e Mitra: os demais Padres conciliares entraram como sempre. Mais ainda: houve o cortejo que joga, de repente, a Igreja no pólo oposto do que Ela deseja ser: ao invés de imagem de Igreja Servidora e Pobre, dá a impressão acabada e perfeita de uma Igreja Senhorial, ligada ao Patriciado.¹

É possível dizer acerca do escrito de Hélder, que o Concílio Vaticano II era uma via de mão dupla. Ao passo que se abria mão de algumas questões, como é o caso das concelebrações, as estruturas que reafirmavam o poder da Igreja eram fortalecidas não só na pessoa do Papa Paulo VI, mas também na pessoa dos bispos, que ali se apresentavam com excesso de pompa.

O problema na Cúria continua como estava na sessão anterior, em março de 1964. Agora, dom Hélder, a pedido de Suenens, será o responsável por montar um “Quartel General” com a tentativa de solucionar os problemas existentes na Cúria Romana e que até então não haviam sido sanados por parte do Papa.

Dom Hélder, na última circular da terceira sessão escrita em Recife, no dia 23 de novembro de 1964, faz um balanço rápido sobre os aspectos positivos e negativos da terceira sessão do Concílio:

¹ CÂMARA, Hélder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo II. 13/14 de Setembro de 1964. 3ª Circular Roma para famílias Mecejaneense e Olinda-Recifense. Recife: CEPE, 2009. p. 11.

Comparados os três encerramentos das três Sessões até agora realizadas, houve avanço substancial em dois pontos: o sentido litúrgico da Cerimônia e abolição da tiara. Continua, no mais, a pompa da qual o querido Pai e Amigo ainda não se pôde livrar e continua, como público, a aparecer apenas o grupo privilegiado do Patriciado Romano, do Corpo Diplomático e de raros convidados (inclusive Helena e Lourdes Santos; Aglaia sacrificou-se para atender aos Bispos).²

Aqui, podemos dizer que são positivos os resultados do Vaticano II, para terceira sessão, mesmo que ainda não se tenha conseguido chegar a um nível mais elevado, as modificações estão acontecendo lentamente.

4.2. O GRUPO ECUMÊNICO E DA POBREZA

Na terceira sessão do Concílio, nota-se uma abertura cada vez maior no que diz respeito à sua divulgação, ao diálogo do clero conciliar com a mídia. Os bispos conciliares da Ala Progressista se organizaram para fazer um programa que poderia ser de rádio ou TV. Sobre uma das experiências do programa, dom Hélder afirma: “O programa coordenado pela Rádio Luxemburgo foi melhor e maior do que estava anunciado”.³ A seguir, acrescenta: “Apaixonante era ouvir os telefonemas que chegavam sobretudo da França, mas também da Bélgica e da Suíça. Ocupamo-nos de quatro temas: Meios de Comunicação Social, Igreja dos Pobres, Guerra e Paz, Igreja e Mundo”⁴. Acerca do que dom Hélder diz, é possível perceber que a população européia estava envolvida com os assuntos que estavam em discussão não só nas reuniões do Concílio, como nas reuniões que ocorriam paralelas às reuniões conciliares, como a exemplo da reunião do Grupo Ecumênico. Assuntos como a pobreza, a guerra, a paz e a função da Igreja no mundo eram recorrentes e eram estas as questões que norteavam o pensamento de dom Hélder desde o início do Concílio.

Dom Hélder, junto com o grupo ecumênico, foi responsável por uma comissão que deveria organizar “o esquema do terceiro mundo”, anteriormente denominado de países subdesenvolvidos: “Na minha Comissão, encarregada de banhar o XIII ° esquema de

²CÂMARA, Hélder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo II. 22/23 de novembro de 1964. 79ª Circular Roma para a Família Mecejanense. Recife: CEPE, 2009.p 298.

³ CAMARA, Helder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo II. 13/14 de Setembro de 1964. 3ª Circular Roma para a famílias Mecejanense e Olinda-Recifense. Recife: CEPE, 2009. p.12.

⁴ Idem.

Terceiro Mundo, (em sintonização com grupos semelhantes à África e da Ásia), ao lado do Pe. Lebret e do Pe Hourtart, já agreguei o Pe. Gregory e o Pe. Caramuru. Texto de base: *L'Église, lumen gentium*⁵. Quando Hélder diz que é encarregado de organizar o esquema XIII, ele transmite a importância de inserir a discussão dos países do terceiro mundo, para que o esquema não se torne somente um esquema europeizado.

No início da terceira sessão, o grupo ecumênico volta com mais força, agregando grupos oriundos de outros países:

REABRIU-SE O ECUMÊNICO. Alegria ver o interesse despertado pelas reuniões de 6º feira na querida *Domus Mariae*: às 17h já todos tinham chegado. Nenhuma Conferência, das que compõem o Ecumênico, ausente. Pelo contrário: de saída, tivemos que ceder à instância de novas Conferências da Europa: Holanda, Irlanda, Portugal; e mais duas Regionais da África.⁶

Como vimos anteriormente, o grupo ecumênico estava ligado a vários movimentos da Igreja e, em especial, aos movimentos que surgem dos países subdesenvolvidos. Outra questão que também vem à tona no grupo, ainda na terceira sessão, é a aproximação dos bispos com o Papa e dos padres com os bispos. Dom Hélder diz: “Vamos, também, interferir juntos para dar substância ao trechinho inexpressivo dedicado aos Padres no Esquema da Igreja: vamos tentar estabelecer o paralelismo entre Colégio Episcopal em torno do Papa e Presbitério em torno do Bispo.”⁷

As discussões sobre o ecumenismo estão encaminhadas de forma positiva no que diz respeito às assembléias conciliares e dom Hélder, com muita satisfação, escreve aos seus amigos: “Na Basílica, as votações pró-Ecumenismo sacodem de alegria o coração da gente. Para mim, é um mistério: como pessoas absolutamente sinceras não acabam descobrindo que por detrás daqueles votos – sempre, sempre no rumo de João XXIII – está o Espírito Santo!”⁸ Hélder, a todo momento, elege o Papa João XXIII como ícone do Concílio Vaticano II; para ele, as discussões postas no Concílio só se tornaram possíveis pelo esforço de João XXIII em realizar o Concílio.

⁵ Ibidem. p. 14.

⁶ CÂMARA, Helder. *Circulares Conciliares Volume I – Tomo II. 18/19 de Setembro de 1964. 8ª Circular Roma para Famílias Mecejanense e Olinda-Recifense*. Recife: CEPE, 2009. p.30.

⁷ Idem. p. 31.

⁸ CÂMARA, Helder. *Circulares Conciliares Volume I – Tomo II. 6/7 de Outubro de 1964. 29ª Circular Roma para Família Joânica*. Recife: CEPE, 2009. p. 112.

Segundo dom Hélder: “Continua esplêndida a votação pró-Ecumenismo.”⁹ Em virtude dessas discussões, ele esclarece o crescimento e amadurecimento de seus grupos, Ecumênico e Pobreza:

O Ecumenismo, vocês sabem: é às 6^a feiras, às 17h, em *Domus Mariae*. De sessão em sessão, aumenta em número e se aprimora em união, em amizade, em espírito de família. Em eficiência, também. Foi a partir do meado da 2^o Sessão, que os Moderadores e o próprio Santo Padre começaram a contar com nossa Reunião. Não há exemplo de uma só Petição, assinada por nós e que tenha voltado em branco... Só trabalha de modo construtivo e em favor do Concílio e do Papa. O Grupo da Pobreza (Ecumênico n^o 2) funcionava às 6^o feiras, às 16h, no Colégio Belga. Para evitar colisão com o Ecumênico, passou para noite, em casa de Marie Thérèse, em torno de um pic-nic frugal (Rua Simone Saint-Bom, 84). O núcleo continua o mesmo. Mas o grupo tem crescido sempre mais. Graças a Deus, vai bem. Vamos chegar às primeiras conclusões práticas.¹⁰

Como vimos anteriormente, com o tempo, o Grupo Ecumênico e o da Pobreza estão amadurecendo suas discussões e, com isto, ganham mais poder e autonomia. Com o amadurecimento das idéias nos grupos, entende-se que as discussões levam os bispos a repensarem alguns conceitos como, por exemplo, a noção de ecumenismo: “Alarga-se a noção de ecumenismo: ao lado de partes inteiras dedicadas aos Ortodoxos, aos Anglicanos e aos Protestantes, há toda uma parte consagrada a Israel. Já foi criada a Comissão para os não-Cristãos. Estamos em plena batalha para a inclusão dos Ateus.”¹¹

O pedido de Hélder para que acontecesse a discussão sobre o ecumênico é atendida e Hélder diz: “Foi anunciada, oficialmente, nova vitória do Ecumênico: vão ser discutidos os Esquemas de Proposição que iam ser votados sem nenhuma discussão. E vão ser discutidos antes do Esquema XIII.”¹²

O Papa Paulo VI fará uma celebração dedicada à pobreza: “O Santo Padre já aceitou um dia dedicado à pobreza (apresentada em termos de promoção e desenvolvimento. Ele mesmo irá à Basílica celebrar, neste dia).”¹³

⁹CÂMARA, Hélder. *Circulares Conciliares Volume I – Tomo II*. 7/8 de Outubro de 1964. 30^a Circular Roma para Família Joânica. Recife: CEPE, 2009. p.116.

¹⁰ Idem. p. 116/117.

¹¹ Idem. p. 118.

¹² CÂMARA, Hélder. *Circulares Conciliares Volume I – Tomo II*. 12/13 de Outubro de 1964. 37^a Circular Roma para Família Joânica. Recife: CEPE, 2009. p. 144.

¹³ CÂMARA, Hélder. *Circulares Conciliares Volume I – Tomo II*. 16/17 de Outubro de 1964. 41^a Circular Roma para Família Joânica. Recife: CEPE, 2009. p. 161.

Para Hélder, a Igreja para ser digna de representar o Cristo de quem é continuadora, deve fazer-se “(...) em atitude de diálogo; em espírito ecumênico; em decisão de servir.”¹⁴ Estes eram para Hélder três pilares para que a Igreja pudesse de fato representar o Cristo.

O grupo ecumênico, desde o início do Concílio, esteve muito próximo dos Papas: tanto João XXIII como Paulo VI ouviram com grande respeito as reivindicações vindas do grupo. Segundo Dom Hélder, a proporção que tomará o ecumênico está servindo como um senado:

Grande reunião do Ecumênico. Ainda nos reuniremos, se Deus quiser, na próxima 6^o feira, para aprofundar, a pedido do Santo Padre, o problema do Senado junto a ele. A verdade é que o Ecumênico tem sido um pré-Senado. A princípio, funcionávamos, não direi clandestinidade, mas sem nenhum conhecimento dos Grandes. Um dia, passamos a ter um Cardeal que, depois, foi nomeado Moderador. A partir da metade da 2^o Sessão, os Moderadores passaram a dialogar conosco. Desde o começo, dirigíamos petições ao Santo Padre: e tanto João XXIII como Paulo VI sempre atenderam os nossos apelos.¹⁵

Como podemos ver, o ecumênico estava organizado de forma a direcionar o Papa para algumas discussões. Este servia para Paulo VI como um conselho de consultores. Temos que deixar claro que, antes de ser Papa, Paulo VI também fez parte deste grupo. À luz da proporção que tomará o ecumênico, dom Hélder registra: “O Ecumênico nos dá prévias do Concílio.”¹⁶

A questão da pobreza, presente no discurso de Hélder, vem à tona novamente. Desta vez, ele assim se posiciona: “A partir do Vaticano II e dos encontros do Grupo da Pobreza, é que os Profetas se lançaram ao estudo Cristo-Pobre.”¹⁷ Os teólogos até então não haviam pensado sobre as questões da pobreza, e com as discussões postas no Vaticano II e também no grupo de pobreza, estas questões entraram em evidência. E a partir daí, surgiram estudos sobre a questão do “Cristo Pobre”

A IV sessão do Concílio foi quase toda, até a última hora, tomada pela discussão sobre a questão do ecumenismo; dom Hélder defendeu ferrenhamente esta causa; para ele:

¹⁴ CÂMARA, Hélder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo II. 26/27 de Outubro de 1964. 55^a Circular Roma para Família Giovanina. Recife: CEPE, 2009. p. 214.

¹⁵ CÂMARA, Hélder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo II. 6/7 de Novembro de 1964. 65^a Circular Roma para Família Mecejanense. Recife: CEPE, 2009. p. 248.

¹⁶ Idem.

¹⁷ CÂMARA, Hélder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo II. 29/30 de Setembro de 1964. 19^a Circular Roma para Família Joânica. Recife: CEPE, 2009. p. 73.

Por mim, todos somos Povo de Deus e até diria cristãos. Não saímos todos das mãos do Criador e Pai? Custamos ou não custamos, todos nós, sem exceção de ninguém, o sangue do Cristo? Fomos ou não remidos, todos nós, sem exceção, por nosso Irmão Jesus Cristo? Estamos ou não sob a ação do Espírito Santo que a todos nós quer salvar?¹⁸

Segundo dom Hélder, não existia a necessidade desta distinção entre cristãos e não cristãos, pois para ele todos são filhos do mesmo Pai, o Criador, aquele que deu seu Filho ao mundo para salvar a humanidade de seus pecados.

Ainda segundo dom Hélder: “O ecumênico não deixa de ser um ensaio do sínodo dos bispos.”¹⁹ O sínodo dos bispos, tão sonhado por Hélder Câmara nessa IV sessão, é a união dos bispos junto do Papa, em ocasiões marcadas para discutir questões da Igreja, não para deliberar, não para repensar dogmas e redefinir posições como nos Concílios, mas sim para pensar questões que estão postas em determinados momentos históricos. E dom Hélder continua ainda dizendo da importância do ecumênico; para ele : “É admirável, sobretudo para dois fins: pressentir o que vai acontecer na basílica [...] e pôr em circulação no mundo inteiro algumas idéias validas”²⁰. Aqui podemos observar o quanto para Hélder este grupo era de extrema importância, pois dali surgiam as discussões e as possíveis ideias para as reuniões conciliares, haja vista que o ecumênico contava com um número bastante expressivo de bispos de todo mundo, por isto sua afirmação dizendo que dali se sabia o que iria sair na Basílica durante as reuniões.

Chega o momento de votar o esquema do ecumênico, momento este tão sonhado por dom Hélder e que, a partir de então, se torna realidade durante a terceira sessão do Concílio como ele nos aponta: “O Santo Padre atendeu ao apelo do Ecumênico: não serão votados, sem discussão, Esquemas importantes como Seminários, Missões, Sacerdotes, Igrejas Orientais... Haverá um mínimo de discussão, mas será o suficiente para evitar votação no escuro.”²¹ Depreende-se claramente que o Papa se sensibiliza com as questões postas pelo grupo do ecumênico e não vai deixar que estas passem sem que haja uma discussão mais aprofundada sobre o tema.

¹⁸ CÂMARA, Hélder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo III. 12/13 de Setembro de 1965 3ª Circular, Roma, para família Mecejanense. Recife: CEPE, 2009, p. 8.

¹⁹ CÂMARA, Hélder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo III. 17/18 de Setembro de 1965. 6ª Circular, Roma, para família Mecejanense. Recife: CEPE, 2009, p 23.

²⁰ Idem.

²¹ CÂMARA, Hélder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo II. 26/26 de Setembro de 1964. 15ª Circular Roma para Família Mecejanense e Olinda-Recifense. Recife: CEPE, 2009. p.57.

4.3. A COLEGIALIDADE NO EPISCOPADO

A terceira sessão é iniciada em meio a crises. A votação contra a colegialidade, que já vinha causando grandes discussões tanto no clero Progressista como no clero Conservador, chega ao Papa; segundo o Pe. Peter R Scott, a colegialidade é a aplicação na Igreja dos princípios da democracia, fundados sobre o maçônico lema revolucionário “liberdade, igualdade, fraternidade”. É uma alternativa trazida pelo Concílio Vaticano II às estruturas monárquica e hierárquica instituída por Cristo, como base na responsabilidade pessoal dos sacerdotes, bispos e papas que representam o próprio Cristo.²² Dom Hélder, em uma de suas vigílias, relata:

Deus permitiu que uma vigília, tão cara a meu coração de pai e de irmão, esteja sendo vivida em angústia terrível: abriram-se os dias mais graves e mais críticos que o Vaticano II já enfrentou até hoje. Já eram conhecidas manobras terríveis da minoria (15%?) que não aceita Colegialidade Episcopal como de direito divino. De repente, recebemos aviso seguríssimo de que o Santo Padre está dilacerado interiormente: tem dúvidas sobre o fato da Colegialidade ser de direito divino, teme estar sendo infiel ao primado de Pedro, adere aos que pensam que não é oportuno falar sobre Colegialidade.²³

Portanto inicia-se um processo de crise, sobretudo porque o Santo Padre está confuso. E isto acaba colocando à prova toda discussão e propostas feitas pelos bispos da Ala Progressista. E dom Hélder continua: “A paridade não procede. No caso da Colegialidade já houve votação muito expressiva do Episcopado (mais de 1800 votos); já houve declarações muito encorajadoras do Papa; trata-se da própria razão de ser do Vaticano II, chamado a completar o Vaticano I.”²⁴ É importante perceber que a paridade nos votos não foi aprovada, contudo a votação sobre a colegialidade corre sérios riscos de ser derrubada, sobretudo porque:

Há várias manobras para sabotar a Colegialidade: há Bispos assinando uma petição para que o Cardeal Cushing fale, amanhã, na Basílica (quando a discussão sobre o assunto já está encerrada), endossando o apelo de Mons. Carli. Os Moderadores se verão na contingência de

²² SCOTT, Pe. Peter R. O que é colegialidade?. Fraternidade sacerdotal de São Pio X. Site oficial do priorado Pe. Anchieta. Distrito da América do Sul. Consultado em: 05/06/2012, disponível em: <http://www.fsspx.com.br/exe2/o-que-e-a-colegialidade/>

²³ CÂMARA, Hélder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo II. 19/20 de Setembro de 1964. 9ª Circular Roma para Família Mecejanense e Olinda-Recifense. Recife: CEPE, 2009. p 34.

²⁴ Idem. p. 34/35.

consultar a Assembléia... O apelo do Cardeal de Boston talvez seja submetido pelo Santo Padre à reunião mista do Conselho da Presidência e do Grupo de Moderadores, o que tornará precaríssima a sorte da Colegialidade. Não é impossível e nem mesmo improvável que o Santo Padre, no início dos trabalhos de amanhã, comunique sua decisão de adiar o assunto... De qualquer maneira, caso a matéria seja votada e a Colegialidade vença, ainda é possível que o Santo Padre adie a sanção do assunto.²⁵

Os bispos da Ala Conservadora estão se organizando para a derrubada da votação sobre a colegialidade. E esta manifestação está sendo significativa porque, como já vimos anteriormente, o Papa Paulo VI está em dúvida. Com a tentativa de levar o Papa a refletir sobre a colegialidade, os progressistas decidem “Promover a ida coletiva de 10 Cardeais ao Santo Padre, procurando mostrar que o fim da Colegialidade será a morte do Concílio (numerosos Bispos não verão mais a razão de ser para ficar aqui).”²⁶ Podemos perceber que entre os progressistas, existe um forte poder de organização, visto que organizar 10 cardeais não é uma tarefa fácil.

A luta pela aprovação da colegialidade continua e os bispos progressistas resolvem: “Os trabalhos se multiplicam. Na noite de ontem, improvisamos uma palestra pró-Colegialidade, por um Bispo Venezuelano, membro da Comissão Conciliar de Teologia.”²⁷ Mesmo sabendo que a discussão sobre a colegialidade poderia ir por terra, os bispos ainda estavam atentos.

Como vimos anteriormente, a colegialidade era um assunto tabu para o episcopado; Dom Hélder explica qual o motivo da desconfiança no que diz respeito à colegialidade:

É sempre a Colegialidade Episcopal. A Cúria Romana sente que se a Colegialidade for promulgada tal como foi proposta pela Comissão Mista (de Doutrina e do Secretariado de União das Igrejas) e aprovada larguissimamente pelo Concílio, será o fim da centralização excessiva, decorrente do Vaticano I.²⁸

Se a colegialidade for de fato aprovada, o poder será descentralizado das mãos de somente alguns membros da Cúria, como era de costume. Contudo, este será um impasse que chegará até o fim do Vaticano II, quando a Colegialidade será de fato aprovada.

²⁵ Ibidem. p. 35.

²⁶ Idem. p. 36.

²⁷ CÂMARA, Hélder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo II. 21/22 de Setembro de 1964. 11ª Circular Roma para Família Mecejanense e Olinda-Recifense. Recife: CEPE, 2009. p. 44.

²⁸ CÂMARA, Hélder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo II. 12/13 de Novembro de 1964. 71ª Circular Roma para Família Mecejanense. Recife: CEPE, 2009. p. 270.

4.4. MODIFICAÇÕES LITÚRGICAS

No início da primeira carta escrita na terceira sessão, Hélder dá uma declaração importantíssima que nos leva a crer que as discussões conciliares já estavam sendo colocadas em prática: “Ninguém pôde celebrar em altares no dia de hoje, mas houve missa sobre o mundo.”²⁹ Esta já era mais uma das modificações do Concílio, segundo Marques: “(...) antes, uma missa só poderia ser celebrada em um altar consagrado por um bispo, dentro de uma igreja.”³⁰ Assim, aqui já podemos constatar um avanço litúrgico.

Ao término de uma das votações conciliares do mês de setembro, já no final do mês, próximo à Festa de Nossa Senhora Aparecida, comemorada no dia 12 de outubro, Hélder vai até o Cardeal dom Jaime Câmara, arcebispo do Rio de Janeiro para pedir a autorização para celebrar uma missa concelebrada na festa de Nossa Senhora:

Nosso Cardeal, por exemplo. Quando pedi a Ele permissão pra uma concelebração no dia 12 de outubro (Festa de N. Sra Aparecida), ou melhor, quando levei esta sugestão à Sua Eminência, comentou irritado: “Não me oponho, com a condição de que eu fique de fora”. E explicou a razão de não querer participar: trata-se, na opinião dele, de puro “novidadismo”.³¹

Mesmo após a aprovação da concelebração, ainda existiam bispos que se opunham a tal modificação na liturgia. E dom Hélder continua: “Será possível que Vossa Eminência só descubra o novidadismo na Concelebração?! Eminência, não injurie seus colegas bispos (e inclusive o Santo Padre) que andam concelebrando”.³² Neste trecho, podemos perceber que, mesmo sofrendo algumas oposições, as concelebrações continuam acontecendo, contando também com a adesão de Paulo VI.

A questão do diaconato, já aprovada no Concílio, vem à tona agora na terceira sessão, durante uma das reuniões da CNBB. Segundo dom Hélder: “Houve debate em torno de diáconos (Dom João Mota, a favor; Dom Zacarias, contra): o Plenário, indisfarçavelmente a favor.”³³ Portanto existe resistências de parte do episcopado

²⁹ CÂMARA, Hélder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo III. 11/12 de Setembro de 1964. 1ª Carta, Roma, para família Mecejanas, Recife: CEPE, 2009, p. 1.

³⁰ Idem. p. 1.

³¹ CÂMARA, Hélder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo II. 22/23 de Setembro de 1964. 12ª Circular Roma para Família Mecejanense e Olinda-Recifense. Recife: CEPE, 2009. p. 48.

³² Idem.

³³ CÂMARA, Hélder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo II. 24/25 de Setembro de 1964. 14ª Circular Roma para Família Mecejanense e Olinda-Recifense. Recife: CEPE, 2009. p. 56.

brasileiro. Outra questão que vem à tona na reunião da CNBB é sobre a vestimenta, ficando assim decidido: “Foi apresentado, em definitivo, o affaire “clergyman”³⁴ que, já agora, será encaminhado à Santa Congregação do Concílio (170 contra 30).”³⁵ Os bispos e padres, que antes usavam somente a batina, agora vão usar a *clergyman*.

A questão da inserção dos leigos na Igreja, de certa forma, parece estar resolvida. Conforme dom Eugênio D’Souza, bispo da Índia, “(...) que sugeriu que houvesse aproveitamento de leigos na Cúria Romana nas Nunciaturas Apostólicas. Por que o Santo Padre não daria exemplo de digno aproveitamento de leigos adultos, nomeando-os Embaixadores da Santa Sé?”³⁶ É importante observar o quanto o leigo tem sido inserido na questão pastoral e litúrgica.

Na 32ª circular à família joânica, dom Hélder narra como foi o ensaio da missa concelebrada contando com riqueza de detalhes a experiência dos brasileiros. Ao término, ele diz: “Na 2ª feira, o Ecumênico e o CELAM vêm assistir à Concelebração, pois somos dos raríssimos países a celebrar em vernáculo (na América Latina, só Brasil e Chile) e dos raros a concelebrar.”³⁷ O episcopado brasileiro sai na frente mais uma vez, inovando com a missa em vernáculo, sendo assim modelo para outros países.

A missa concelebrada em louvor à Nossa Senhora Aparecida acontece e para Dom Hélder: “Foi das maiores e mais profundas impressões de minha vida. Noção exata de estar em plena Primavera da Igreja, sonhada pelo Papa João. Claro que a Missa como Missa não pode crescer, tornar-se mais Missa, adquirir mais valor.”³⁸ Para dom Hélder, este era um sonho que se tornava realidade. Esse momento nos remete às discussões que Hélder faz desde o início do Concílio, e ele ainda acrescenta:

Mas assim como a Santa Missa em Vernáculo ganhou, no sentido de tornar-se mais viva, mais ao alcance do povo, mais participada, a concelebração (especialmente, no rito de ontem) é insuperável como sinal de união (e até unidade!) entre o Celebrante Divino, os Concelebrantes e o Povo de Deus, que também participa da Celebração.³⁹

³⁴ Vestimenta utilizada pelos sacerdotes. (Camisa com colarinho específico).

³⁵ CÂMARA, Hélder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo II. 24/25 de Setembro de 1964. 14ª Circular Roma para Família Mecejanense e Olinda-Recifense. Recife: CEPE, 2009. p. 56.

³⁶ CAMARA, Helder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo II. 8/9 de Outubro de 1964. 31ª Circular Roma para Família Joânica. Recife: CEPE, 2009. p.121.

³⁷ CAMARA, Helder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo II. 9/10 de Outubro de 1964. 32ª Circular Roma para Família Joânica. Recife: CEPE, 2009. p.125.

³⁸ CAMARA, Helder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo II. 12/13 de Outubro de 1964. 37ª Circular Roma para Família Joânica. Recife: CEPE, 2009. p.142.

³⁹ Idem.

A união que Hélder propunha passa agora a ganhar lastro no episcopado brasileiro. É ainda nessa missa que Hélder entrega a direção da CNBB.

Mesmo que o latim, como língua oficial da Igreja, tenha sido derrubado desde o início do Concílio, esta era uma resistência dos bispos mais conservadores que ainda pediam que, apesar da língua vernácula, deveria existir textos em latim, como nos mostra Hélder no trecho a seguir: “Comissão de liturgia, que começa a participar do espírito da Cúria, passando a ser, para os Bispos, um peso, ao invés de um Serviço. Por exemplo: exige que os livros litúrgicos editados em vernáculo tragam texto latino. Até quando a Igreja ficará amarrada ao latim?”.⁴⁰ A Igreja, até esse momento, já havia se libertado do latim; isto para Hélder era de extrema importância; para ele, a instituição de uma língua como oficial da Igreja não deveria ser única, universal, mas sim, específica de cada lugar. Por isto, Hélder diz que a comissão de liturgia tornou-se um peso.

Para dom Hélder, o tratamento e as condições humanas não deveriam ser distintas. Os homens deviam ser tratados de forma igual, sem qualquer distinção de castas ou de classes: “Promoção humana é ascensão de cada homem, de cada fração da humanidade, dos grupos que impulsionam a humanidade. Dentro dessa perspectiva, não podemos aceitar a presença de marginalizados por miséria ou por privilégios de classes ou de castas”.⁴¹

4.5. TEMÁTICAS RECORRENTES NAS TERCEIRA E QUARTA SESSÕES.

Mais um passo positivo e que surpreende dom Hélder Câmara, desta vez, vindo do Cardeal Suenens: “Ontem, na Basílica, tive a alegria de ouvir o Pe. Miguel pedir, aberta e corajosamente, um diálogo com os Ateus.”⁴² Pe. Miguel é o nome dado ao Cardeal Suenens. Dom Hélder narra um momento de intervenção do Cardeal Suenens em uma das votações na Basílica que corria risco de ser atropelada pelos conservadores:

⁴⁰ CÂMARA, Hélder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo III. 15/16 de Outubro de 1965 36ª Circular, Roma, para família Mecejanense. Recife: CEPE, 2009, p. 128.

⁴¹ CÂMARA, Hélder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo III. 18/19 de Outubro de 1965 39ª Circular, Roma, para família Mecejanense. Recife: CEPE, 2009, p. 140.

⁴² CÂMARA, Hélder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo II. 21/22 de Outubro de 1964. 48ª Circular, Roma para Família Giovanina. Recife: CEPE, 2009. p. 185.

Ontem, na Basílica, o querido Pe. Miguel teve uma de suas mais felizes intervenções, proporcionando ao Concílio um de seus momentos mais altos. Tudo o que poderíamos sonhar dizer em matéria de limitação de filhos, ele disse. Inclusive, teve a coragem de afirmar – ele, um Cardeal da Santa Igreja, um Moderador do Concílio e em plena Basílica de São Pedro – “não vamos repetir o processo de Galileu!” Ele me avisara, de véspera. Articulamos a Basílica para o aplauso caloroso que sua posição pioneira merecia. Libertou-nos. Mais uma vez, foi líder. Abriu caminho.⁴³

Com uma salva de palmas, a atitude de Suenens foi reconhecida pela maioria dos bispos, mas claro que não agradou a todos, como o Cardeal Ruffini que, segundo dom Hélder, “Não se conteve e deu um murro na mesa.”⁴⁴

Hélder acreditava de fato no diálogo com os ateus e marxistas: Como sei que o diálogo com os ateus e, particularmente, com os marxistas, vai ganhar proporções, dando o avanço estonteante do ateísmo no mundo inteiro, procuro preparar-me para tanto.⁴⁵ Esta seria para Hélder uma próxima luta, a aproximação dos católicos com os ateus e marxistas, mesmo sabendo que, com os marxistas, já estava estabelecido quase um diálogo próximo em vista da criação da ACO. Após algumas leituras sobre os Ateus, Hélder diz: “Vou pensar, seriamente, num diálogo fraterno com Ateus, no Recife. Quantos professores, quantos intelectuais, quantos jovens estão merecendo um gesto de simpatia na linha do que foi feito em Paris!?”⁴⁶ Aqui, dom Hélder já está pensando em implantar uma possibilidade, que surge no Vaticano II, em sua Arquidiocese.

Ainda na terceira sessão, ao término de uma das celebrações pontifícias, uma surpresa: o Papa deposita a tiara pontifícia no altar:

Terminada a Santa Missa, a grande surpresa, que os jornais, certamente, já noticiaram. O Secretário Geral do Concílio, depois de lembrar que a Igreja sempre amou os Pobres, anunciou que o Santo Padre ia depositar, no Altar da Oferenda, sua própria tiara, a ser vendida para os pobres. E a Basílica contemplou, emocionada, num silêncio impressionante, Paulo VI avançar com a tiara nas mãos, jogá-la no Altar e regressar feliz!... Foi um delírio!⁴⁷

⁴³ CÂMARA, Hélder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo II. 29/30 de Outubro de 1964. 57º Circular, Roma para Família Giovanina. Recife: CEPE, 2009. p. 220.

⁴⁴ Idem. p. 221.

⁴⁵ CÂMARA, Hélder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo III. 26/27 de Outubro de 1965 47ª Circular, Roma, para família Mecejanense. Recife: CEPE, 2009, p. 173.

⁴⁶ CÂMARA, Hélder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo III. 26/27 de Outubro de 1965 47ª Circular, Roma, para família Mecejanense. Recife: CEPE, 2009, p. 174.

⁴⁷ CÂMARA, Hélder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo II. 13/14 de Novembro de 1964. 72ª Circular Roma para Família Mecejanense. Recife: CEPE, 2009. p. 274.

Este seria um ato de extremo despojamento do Papa, já que a tiara, extremamente luxuosa e cara, representa na figura do Papa os três poderes. Dom Hélder, a respeito do depósito da tiara, afirma: “Não entra na minha cabeça que Ele dê uma e fique usando as outras, talvez mais ricas e solenes... Importante, no caso, não é o montante da tiara: é o gesto do Papa.”⁴⁸ Para Hélder, o que importava ali não era o ato de dar a tiara aos pobres, e sim, se desfazer daquele símbolo que impunha na figura pontifícia mais luxo e poder. À luz do gesto de Paulo VI, dom Hélder aproveita para dar uma sugestão: “De agora em diante, quem poderá falar em demagogia quando os bispos se desfizeram de anéis e cruzes peitorais?”⁴⁹ Nesse momento, dom Hélder pontua uma possibilidade mais em conformidade com uma Igreja que ele sonhava: mais despojada, mais representativa dos pobres, mais real, e portanto, mais humana.

É na terceira sessão, já quase no seu término, que em uma das reuniões conciliares entra em questão a votação sobre liberdade religiosa, a qual foi vetada pelos conservadores. Em resposta, os progressistas e moderados se organizaram como nos conta Hélder:

Esperamos que Mons. Smedt lesse o Relatório da declaração (mesmo sem ser votada, agora a Declaração, o relatório deveria ser lido) e, então, fizemos o que jamais havíamos feito: aclamamos o Relator 2,3,5,6,8 vezes (como se faz com artistas queridos). Quando os aplausos pareciam chegar ao fim, recomeçavam mais fortes ainda... Foi uma das mais belas e decisivas manifestações de maturidade do Concílio.⁵⁰

As modificações propostas durante o Concílio já estão começando a ser colocadas em prática; a postura de Paulo VI está completamente modificada, sobretudo no que diz respeito à pompa tão criticada por dom Hélder na abertura do Concílio. Paulo VI deixa de lado a tiara e a sede gestatória e sobretudo podemos ver o fim do desfile de cardeais exibindo suas suntuosas vestes e caldas durante a celebração. Dom Hélder continua descrevendo a celebração de abertura:

Ao invés de o Coro da Capela Sistina se exhibir sozinho, funcionou como sustentáculo do canto do Povo. Infelizmente, quanto ao mais, o Santo Padre não pôde se livrar: embora a Basílica estivesse transbordando, o povo mesmo ficou de fora. Lá dentro, havia convidados felizes que obtiveram bilhetes de entrada (tipo nossa irmã Aglaia) ou o Patriciado Romano e o Corpo Diplomático. Paulo VI, embora já me parece um herói

⁴⁸ Idem.

⁴⁹ Ibidem.

⁵⁰ CÂMARA, Hélder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo II. 18/19 de Novembro de 1964. 77ª Circular Roma para Família Mecejanense. Recife: CEPE, 2009. p. 291.

pelo que tem conseguido na sua luta interna para simplificar-se, ainda aparece com uma capa que dá aflição. Supriu o desfile dos Cardeais, com exibição de caudas. Apenas dois Cardeais e dois Bispos, de modo discreto, lhe beijaram a mão. (Por falar em Cardeais, a deliciada manhã era o Cardeal Cardijn: ao encontrar-se comigo, todo metido na púrpura, me disse, baixinho: “É terrível! Queima a pele e a alma da gente”).⁵¹

Aqui, percebe-se com clareza uma crítica presente desde o início do Concílio: o evidente casamento da Igreja Católica com os ricos. Na celebração, estavam presentes somente pessoas que haviam conseguido comprar seus convites e o Corpo Diplomático; o desejo de Hélder era que, nesses momentos, estivesse presente o povo de modo geral. Ele fala também do Coro que antes era cantado sozinho e que agora serve somente como sustento, pois quem canta é a assembléia, deixando já claro uma participação mais ativa da mesma no que diz respeito ao rito litúrgico. Ainda na citação anterior, Hélder fala do beijo na mão do Papa, que era um momento em que todos os cardeais “arrastavam suas caldas sobre a laje de basílica”, eram, agora, somente dois e não mais utilizando roupas pomposas como antes. Na procissão penitencial, Hélder se deslumbrou e, segundo ele, o que faltou na celebração se completou na procissão que ele descreve:

O que faltou à cerimônia da manhã tivemos, à tarde, na inesquecível Procissão de Penitência. Pela 1ª vez, o Santo Padre descobriu uma maneira inteligente de fazer o Povo sentir o Concílio. A Procissão partiu da Basílica da Santa Cruz em Jerusalém para a Basílica de Latrão. Distância de apenas uns 700 metros em linha reta como de Sant’Ana para a Catedral, no Rio, ou Escola de Serviço Social à Matriz de Santo Antônio (no Recife). Multidão mesmo. Salvo engano, muito mais de um milhão. Desfilaram, apenas, Sacerdotes, os Padres Conciliares e o Santo Padre, a pé, carregando uma pesada relíquia do Santo Lenho. Modelo de procissão. Alto-falantes perfeitos comandavam, a uma só voz, em todo o percurso, orações e cantos. Havia um cântico, conhecido do Clero e em parte do Povo, e, então, o Coro de fato dialogava, sustentava o canto popular...(Só que a maneira única, dada à presença de Padres Conciliares do Mundo inteiro, era usar o latim, do começo ao fim).⁵²

Para dom Hélder, o mais importante em todos os momentos era a humanização, a aproximação com a realidade a qual vivia toda a humanidade. Esse momento foi, para ele, um momento impar, em que os padres conciliares, juntos do Papa, se fizeram humanos, saindo a pé, rezando e cantando juntos.

⁵¹ CÂMARA, Hélder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo III. 14/15 de Setembro de 1965 5ª Circular, Roma, para família Mecejanense. Recife: CEPE, 2009, p. 13.

⁵² CÂMARA, Hélder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo III. 14/15 de Setembro de 1965 5ª Circular, Roma, para família Mecejanense. Recife: CEPE, 2009, p. 14.

Já nos últimos dias do Concílio, Hélder consegue perceber que, de fato, o Papa Paulo VI abolira a tiara pontifícia e que, aos poucos, ele estava também abolindo a sede gestatória, e o cortejo de cardeais arrastando suas caldas; aos poucos, os bispos estavam mudando seus hábitos como, nos aponta Hélder no trecho abaixo:

Paulo VI aboliu mesmo a tiara e, praticamente, aboliu a sede gestatória: vê-se que não a tolera. Ontem, por exemplo, nem pensou em usá-la. Vai surgir muito báculo inspirado no bastão simplicíssimo e tão belo que ele criou (não é o caso do Dom, porque Dom José e eu usamos o dele, Dom José: de madeira, belíssimo, lembrando mesmo cajado de Pastor). O Papa liquidou o cortejo de Cardeais, de cauda solta. Diga-se, aliás, que um sopro de simplicidade atinge, de cheio, a área cardinalícia. Há os que andam de cléryman, como um Padre qualquer: como Suenens e Leger. Há quem ande de batinhinha preta e a pé, como Journet (Ainda ontem encontrei-o na Livraria São Paulo e quando lhe disse: “sou brasileiro e da Arquidiocese de uma de suas mais diletas filhas,” ele nem vacilou em responder: “Recife, cidade da Maria de Jesus”).⁵³

E Hélder ainda acrescenta: “Um sopro de simplicidade atinge ou começa a atingir a área episcopal. Na *Domus*, por exemplo: hoje, se contam os Bispos brasileiros que usam chérgyman. Multiplicam-se as correntes simples e as cruzes de madeira.”⁵⁴

Outro assunto que tomou grande proporção na IV sessão do Vaticano II foi a questão do celibato, assunto caro não só a alguns membros da Igreja Católica, que tinham esses assunto como tabu, mas especialmente ao Papa Paulo VI, que, de certa forma, mantinha uma certa restrição quanto ao tema. Surge, por parte de dom Pedro Koop, bispo Lins, a questão que ele traria para a discussão na Basílica, foi chamado pelo Cardeal Lercaro, que, segundo Hélder:

(...), de modo amável, explicou que o assunto não seria discutido, de público, no Concílio. Soube que, para matérias queimantes como celibato e limitação de filhos, o Santo Padre está preferindo um Sínodo que ele já pretende anunciar na Sessão de encerramento do Vaticano II. O que seria uma solução: fazer com que especialistas estudem problemas, de fato, complexos (imagino a confusão que estes assuntos – ainda não devidamente trabalhados pelo tempo e pelo Espírito Santo, no espírito dos Bispos – levantariam na Basílica).⁵⁵

⁵³ CÂMARA, Hélder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo III. 28/29 de Outubro de 1965 49ª Circular, Roma, para família Mecejanense. Recife: CEPE, 2009, p. 176-177.

⁵⁴ CÂMARA, Hélder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo III. 28/29 de Outubro de 1965 49ª Circular, Roma, para família Mecejanense. Recife: CEPE, 2009, p.177.

⁵⁵ CÂMARA, Hélder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo III. 07/08 de Outubro de 1965 28ª Circular, Roma, para família Mecejanense. Recife: CEPE, 2009, p. 97.

A partir desse momento, são várias as ocasiões em que tal temática viria à tona, mas que, de forma truculenta ou tranqüila, seria abafada pela maioria dos bispos.

4.6. QUARTA SESSÃO

Quando Dom Hélder retorna a Roma para a IV sessão do Concílio, a primeira carta que ele escreve direcionada à família Mecejanese, seus amigos de Olinda e Recife, é datada de 10 de setembro de 1965: “Aqui estamos, na *Domus Mariae*, para a IVª e talvez última Sessão do Vaticano II. Os Bispos brasileiros devem ser, desta vez, uns 180, dos quais a maioria se acha nesta Casa de Nossa Senhora.”⁵⁶ A notícia dada por Hélder fala de 180 bispos aproximadamente, mas, segundo Marques, “os bispos brasileiros que estiveram presentes na IV sessão do Concílio até o final eram ao todo 194”.⁵⁷ Contudo, é importante ressaltar que dom Hélder dá, em sua carta, um dado sobre o início da IV sessão do Concílio, enquanto Marques trata de um contexto mais geral da sessão.

Na primeira carta que dom Hélder escreve quando ele vai para a IV sessão do Concílio Vaticano II, datada de 10 de setembro de 1965, afirma: “É a 14ª vez que venho a Roma. Salvo engano, das 14, é a vinda de maior gravidade, tanto para a marcha da Igreja, como para minha vida pessoal.”⁵⁸ À luz da fala do bispo, podemos dizer que Roma era um lugar conhecido por ele, que já havia estado lá por 14 vezes, mas Hélder elege esta ocasião da IV sessão conciliar como sendo a mais importante. Para ele, a importância estava no fato de que aquele era um momento ímpar na história da Igreja Católica, no qual todas as perspectivas criadas por ele e, talvez até mesmo pensadas por ele durante todo Concílio, poderiam ali se concretizar ou não. Ainda na primeira carta, dom Hélder conta que o Papa Paulo VI estava decidido a ir à ONU:

Como já anunciou a Imprensa do Mundo inteiro, Paulo VI está decidido a ir à ONU, levar um apelo de paz. Não seria de espantar se aproveitasse

⁵⁶ CAMARA, Helder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo III. 10/11 de Setembro de 1965 1ª Circular, Roma, para família Mecejanense. Recife: CEPE, 2009, p. 1.

⁵⁷ MARQUES, Luiz Carlos Luz. Observações úteis para entender o concílio. In: Dom Helder Câmara. Circulares Conciliares. Volume I – Tomo III: de 10/11 de setembro de 1965 orgs. Luiz Carlos Luz Marques e Roberto de Araújo Faria – Recife: CEPE, 2009, p.1.

⁵⁸ CAMARA, Helder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo III. 10/11 de Setembro de 1965 1ª Circular, Roma, para família Mecejanense. Recife: CEPE, 2009, p. 1.

a visita para lançar a Encíclica, tão esperada, sobre desenvolvimento (Paz no Mundo supõe justiça. Paz supõe desenvolvimento).⁵⁹

Este ato do Papa era não só para Hélder, mas para toda Igreja Católica e também para os não católicos que acompanhavam o Concílio, um grade passo, passo este que se tornou possível com o Concílio Vaticano II, já que , até então, a Igreja Católica havia se calado às varias realidades vividas pela humanidade. Como nos mostra Hobsbawm em seu texto, as décadas de 60 e 70 compõem momentos de grandes tensões no mundo, haja vista que a Guerra Fria estava em seu auge; podemos dar como exemplo da mesma a "crise dos mísseis cubanos de 1962"⁶⁰. É a partir desses acontecimentos que a Igreja Católica, representada pelo Papa, vai se manifestar. A encíclica à qual dom Hélder alude, segundo Marques, “é a encíclica *Populorum Progressio*, publicada por ocasião da páscoa de 1967”.⁶¹ A encíclica sobre o desenvolvimento dos povos diz, em seu resumo:

O desenvolvimento dos povos, especialmente daqueles que se esforçam por afastar a fome, a miséria, as doenças endêmicas, a ignorância; que procuram uma participação mais ampla nos frutos da civilização, uma valorização mais ativa das suas qualidades humanas; que se orientam com decisão para o seu pleno desenvolvimento, é seguido com atenção pela Igreja. Depois do Concílio Ecumênico Vaticano II, uma renovada conscientização das exigências da mensagem evangélica traz à Igreja a obrigação de se pôr ao serviço dos homens, para os ajudar a aprofundarem todas as dimensões de tão grave problema e para os convencer da urgência de uma ação solidária neste virar decisivo da história da humanidade.⁶²

Esta encíclica tratava diretamente da questão que motivava a ida de Paulo VI à ONU para pedir paz; para dom Hélder, mais que a paz, era preciso clamar por justiça e dignidade das classes menos abastadas da sociedade; por isto, ele diz que seria interessante que o Papa lançasse tal encíclica. É importante ressaltar que a encíclica só tivesse sido lançada em 1967, mas, desde 1965, dom Hélder já sabia da existência da mesma.

⁵⁹ CAMARA, Helder. *Circulares Conciliares Volume I – Tomo III*. 11/12 de Setembro de 1965 2ª Circular, Roma, para família Mecejanense. Recife: CEPE, 2009, p. 5.

⁶⁰ CF.: HOBBSAWM, Eric J. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914 – 1991*. São Paulo – SP. Companhia das Letras, 1965. p.236.

⁶¹ MARQUES, Luiz Carlos Luz. Observações úteis para entender o concílio. In: Dom Hélder Câmara. *Circulares Conciliares. Volume I – Tomo III: de 10/11 de setembro de 1965* orgs. Luiz Carlos Luz Marques e Roberto de Araújo Faria – Recife: CEPE, 2009, p.3.

⁶² PAULUS VI, Papa. Carta Encíclica *Populorum Progressio* de sua Santidade o Papa Paulo VI sobre o Desenvolvimento dos Povos. Aos Bispos, Sacerdotes, Fiéis e a todos os homens de boa vontade.

O Papa estava mesmo comprometido com os assuntos que estavam em pauta no mundo e, portanto, preocupava-se com a situação que estava vivendo a sociedade. Isto leva-o a pedir PAZ no mundo. O desejo de Hélder era que o Papa fosse além. À luz do discurso de Paulo VI, via rádio, assim se expressa: “(...) Como se tem o direito de desejar, joguei a idéia de uma Assembléia Especial do Sínodo dos Bispos para estudar problemas do 3^a Mundo e, mais concretamente ainda, problema da responsabilidade da Igreja em face do desenvolvimento.”⁶³ Dom Hélder ressalta mais uma vez a importância de se preocupar com a situação dos países do terceiro mundo e lança a idéia de a Igreja Católica se reunir para estudar sobre este problema e tomar o mesmo como sua responsabilidade.

Ainda no início da IV^a sessão, enquanto Hélder aguarda a chegada de seus amigos bispos, surgem preocupações: “Como será a IV^a Sessão? Enquanto os amigos não chegarem, enquanto não me encontrar com os irmãos, nem posso avaliar o que nos espera.”⁶⁴ E prossegue com suas reflexões: “Como será a IV^a Sessão? Tempestuosa ou mais fácil do que se imagina?”⁶⁵ Existe, pois, uma preocupação real por parte de Hélder no que diz respeito à possível finalização do Concílio Vaticano II.

A IV^a sessão do Concílio teve sua reabertura no dia 14 de setembro de 1965, nessa reabertura existe, por parte de Hélder, uma grande alegria de conquista, haja vista a postura de Paulo VI durante a celebração; segundo Hélder:

A Reabertura do Concílio, sem ser ideal, já foi bem melhor do que a celeberrima cerimônia de abertura, em tempos do grande e querido Papa João. O Santo Padre – já parece fora de dúvida – abriu mão mesmo da tiara. Como báculo, usa uma cruz que tem a dupla vantagem de ser pobre e modernamente bela... No regresso, deixou de lado a sede gestatória. Mas onde a diferença é de séculos de caminhada é na linha litúrgica. Paulo VI concelebrou com a Presidência (dez Cardeais), os Moderadores (quatro Cardeais) e o Secretário do Concílio (Secretário-Geral e quatro Sub.). Cerimônia belíssima.⁶⁶

Podemos dizer que as inovações e proposições, colocadas nas reuniões conciliares, estão a cada momento mais visíveis na vida da Igreja Católica; a cada

⁶³ CÂMARA, Hélder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo III. 04/05 de Outubro de 1965 25^a Circular, Roma, para família Mecejanense. Recife: CEPE, 2009, p. 85.

⁶⁴ CÂMARA, Hélder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo III. 11/12 de Setembro de 1965 2^a Circular, Roma, para família Mecejanense. Recife: CEPE, 2009, p. 6.

⁶⁵ Idem.

⁶⁶ CÂMARA, Hélder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo III. 14/15 de Setembro de 1965 5^a Circular, Roma, para família Mecejanense. Recife: CEPE, 2009, p. 13.

momento, Paulo VI surpreende os bispos com um ato de inovação e de humanização em suas celebrações.

Quando vem à tona a discussão sobre liberdade religiosa, Hélder tece algumas críticas ferrenhas no que diz respeito aos trâmites e à formatação do esquema; para ele:

Há quem se aflija com este Esquema, nele descobrindo apenas esperteza e maquiavelismo da Igreja. Enquanto se sentiu forte, foi intransigente. Usou e abusou do Santo Ofício. Montou a Inquisição. Armou fogueiras. Queimou vítimas. Agora que se sente fraco, descobre a liberdade de consciência, a liberdade religiosa!...⁶⁷

Os encontros da IVª sessão na Basílica começaram no dia 15 de setembro 1965, conforme consta na carta de dom Hélder à família mecejanense, escrita na madrugada do dia 15 para o dia 16 de setembro de 1965.⁶⁸ Naquele mesmo dia aconteceu também a 1ª assembléia de estudos da CNBB.

As questões conciliares continuavam sendo postas e discutidas ferrenhamente, sobretudo no que diz respeito à continuação de práticas conservadoras ainda preservadas na Igreja Católica, particularmente nas grandes basílicas romanas. Dom Hélder descreve um texto que será publicado na imprensa, escrito por seu amigo Pe. Miguel, que fala contra o uso das caudas ainda utilizadas pelos Cardeais nas Basílicas.

O Pe. Miguel, agora, por exemplo, quando tem loucuras maiores para dizer, não o faz na Basílica, mas pela imprensa. Mostrou-me uma declaração que vai correr mundo. Começa, muito sério, com Santo Tomás: os seres não devem ser multiplicados sem causa suficiente. Ora, por que os Cardeais usavam cauda?... Historicamente se sabe que era para cobrir os cavalos, quando viajavam. E conclui, dizendo: como, hoje, os Cardeais andam de carro, de duas uma – ou cortemos as caudas dos Cardeais – ou... se dê um cavalo a cada Cardeal. Não há cauda que resista a um ridículo destes...⁶⁹

Nota-se na fala de Hélder que existe uma possível aproximação do movimento comunista com a Igreja, como veremos no trecho a seguir: “O comunismo está seguindo, Sessão, do Vaticano II. Moine chega mesmo a tentar previsões sobre a Sessão final...

⁶⁷ Idem. p. 14.

⁶⁸ CÂMARA, Hélder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo III. 15/16 de Setembro de 1965. 6ª Circular, Roma, para família Mecejanense. Recife: CEPE, 2009, p. 17.

⁶⁹ CÂMARA, Hélder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo III. 27/28 de Setembro de 1965 18ª Circular, Roma, para família Mecejanense. Recife: CEPE, 2009, p. 58.

Começa a impressionar-se com a ACO da França.”⁷⁰ O movimento comunista, embora tenha diversas críticas à Instituição Igreja Católica, começa a estabelecer uma possível aproximação e o que lhe facilitara o diálogo é a formação da ACO (Ação Católica Operária), movimento que envolvia a classe operária católica e que, de certa forma, havia chamado a atenção dos comunistas.

Existia entre a Igreja Católica e o movimento comunista uma grande divergência de pensamento. Foi dirigido ao Papa Paulo VI um pedido para que o mesmo escrevesse um documento fazendo uma nova condenação ao comunismo. Diante de tal pedido, Paulo VI responde:

Penso ao contrário, em fazer um apelo aos Comunistas do Mundo inteiro... Que eles tenham um encontro pessoal com o Cristo. Terão a surpresa de verificar que não precisam abandonar Deus para defender tudo o que há de justo nas reivindicações deles. Que é evangélica e cristã a sede de justiça que eles têm...⁷¹

Portanto, podemos ver que Paulo VI realmente estava tomado por uma visão diferente de Igreja, que só foi possível com o advento do Concílio Vaticano II. E dom Hélder ainda acrescenta:

A massa comunista olhará, com respeito e simpatia, a Religião se a vir decidida a não servir de cobertura a injustiças absurdas que se cometem em nome do direito de propriedade e da iniciativa privada. A massa comunista terá surpresa agradabilíssima no dia em que souber que é evangélica a sede de justiça que a leva a querer ver, quanto antes, o fim do absurdo de 2/3 da humanidade mergulharem, sempre mais, no subdesenvolvimento e na fome. Se alguns líderes comunistas se estremarem no materialismo, se radicalizarem no ódio, se crisparem no ateísmo militante, todos os homens de boa vontade terão outra estrela brilhando-lhes diante dos olhos: “a estrela que, um dia, em Belém, anunciou o nascimento do Salvador dos homens”.⁷²

Antes do término do Concílio, dom Hélder escreveu uma carta ao Papa Paulo VI, dando a ele idéias para a cerimônia de encerramento, fazendo ao mesmo algumas sugestões sobre estratégias para a continuidade do mesmo:

⁷⁰ CÂMARA, Hélder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo III. 04/05 de Outubro de 1965 25ª Circular, Roma, para família Mecejanense. Recife: CEPE, 2009, p. 86.

⁷¹ CÂMARA, Hélder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo III. 13/14 de Novembro de 1965 65ª Circular, Roma, para família Mecejanense. Recife: CEPE, 2009, p. 243.

⁷² CÂMARA, Hélder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo III. 14/15 de Novembro de 1965 66ª Circular, Roma, para família Mecejanense. Recife: CEPE, 2009, p. 247.

A questão da organização do Sínodo dos Bispos e que este salvaguarde a possibilidade de os cardeais poderem em assembleia escolher o Papa, que Paulo VI organize uma comissão para discutir questões como celibato eclesiástico e a limitação de filho, assembleia especial para discutir a questão da Igreja em face do desenvolvimento, o abandono do Vaticano (visto que este na visão popular é símbolo de riqueza), e a supressão dos Embaixadores junto à Santa Sé e dos Núncios (visto que o Papa não quer ser Senhor Temporal)⁷³.

Aqui, podemos observar que são propostas que partem diretamente do pensamento de Hélder e que, por sua vez, serão ou não acatadas pelo Papa.

Quando vem para discussão a questão da limitação de filhos, um problema! O Papa está preso a questões que são dogmas para a Igreja. E os bispos defendem ferrenhamente que a Igreja se pronuncie:

Chegou ao ponto crucial: limitação de filhos. O Santo Padre levou uns 10 minutos alegando que vários médicos falam ou escrevem a ele chamando a atenção para os estragos causados pelas “pílulas”. O Pe. Miguel lembrou que o importante não é amarrar a Igreja a qualquer solução técnica: o importante é não fechar a porta, é não criar crises de consciência, impondo cargas impossíveis de carregar...⁷⁴

É importante ressaltarmos aqui que o interesse dos bispos era que a Igreja não fizesse nenhum documento que punisse as pessoas quanto ao uso dos anticoncepcionais, e, sim, que estas tivessem o livre arbítrio, já que o não uso dos anticoncepcionais estava levando a população a um número altíssimo, a formação de famílias imensas e com isto o aumento do número da população pobre.

Nas últimas sessões do Concílio, foi escrito um documento sobre a liberdade religiosa, documento este que envolvia os não católicos; o final deste documento dizia:

“Fraternidade universal, excluindo qualquer discriminação”. “Nós não podemos invocar a Deus, Pai de todos os homens, se nos recusamos a comportarmo-nos, fraternalmente, com alguns homens criados à imagem de Deus. A relação do homem para com Deus-Pai, e a relação do homem para com os outros homens, seus irmãos, estão ligados entre si que a Sagrada Escritura diz: Quem não ama, não conhece a Deus.”⁷⁵

⁷³ CÂMARA, Hélder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo III. 8/9 de Outubro de 1965. 29ª Circular, Roma, para família Mecejanense. Recife: CEPE, 2009, p 100 e 101.

⁷⁴ CÂMARA, Hélder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo III. 23/24 de Outubro de 1965 44ª Circular, Roma, para família Mecejanense. Recife: CEPE, 2009, p. 161.

⁷⁵ CÂMARA, Hélder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo III. 02/03 de Novembro de 1965 54ª Circular, Roma, para família Mecejanense. Recife: CEPE, 2009, p. 196.

Com o Concílio Vaticano II, a Igreja Católica, de modo geral, conseguiu dar um salto no que diz respeito às religiões de origem não cristã; os adeptos de tais religiões são considerados todos irmãos.

Dom Hélder faz um balanço positivo do Concílio Vaticano II, que, para ele, já deveria ter acontecido desde a reforma protestante. Segundo Hélder, o Concílio veio para fazer uma renovação na Igreja:

Somos duas vezes mais felizes (e responsáveis) do que a Igreja do Concílio de Trento: nos tempos de Lutero, faltou um Papa João, que convocasse o Concílio... O Concílio de Trento não só é todo anti-protestante, mas deu nascimento a quatro séculos de Igreja do anti, o que secou, de modo tristíssimo, a teologia... O Vaticano II, na expressão do Papa João, não é antinada. Não nasceu para condenar. Nasceu para reformar a própria Igreja.⁷⁶

E ele continua fazendo uma prece, pedindo que a Igreja Católica, à luz desse concílio: “(...) se torne servidora, ao invés de Senhora, pobre em lugar de rica; que dialogue, compreenda, estimule, oriente, ao invés de suspeitar, perseguir, condenar... e queimar (em fogueira, mesmo).”⁷⁷

Nas vésperas de terminar o Vaticano II, Hélder escreve uma carta ao Papa Paulo VI, dando-lhe sugestões para as sessões de encerramento do Concílio, dentre estas sugestões, as registradas abaixo:

(...) na véspera do encerramento, uma Vigília Bíblica com os Observadores Cristãos e não Católicos. (...) na antevéspera do encerramento, Vigília de preces bíblicas (Antigo Testamento) com Rabinos; em dias anteriores: Vigília com Muçulmanos, com Budistas, com Hinduístas; e abrindo a série: diálogo fraterno do Papa com alguns dos maiores Ateus de nossos dias. Maiores como valor cultural e moral.⁷⁸

Podemos notar que nas sugestões está presente, em sua maioria, a aproximação dos católicos com os não católicos; esses momentos eram primordiais para Hélder, haja vista que o mesmo tinha um grande carinho pelos observadores não católicos.

4.7. A POSSIBILIDADE DO CONCÍLIO VATICANO III

⁷⁶ CÂMARA, Hélder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo III. 03/04 de Novembro de 1965 55ª Circular, Roma, para família Mecejanense. Recife: CEPE, 2009, p. 200.

⁷⁷ Idem.

⁷⁸ CÂMARA, Helder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo III. 05/06 de Novembro de 1965 57ª Circular, Roma, para família Mecejanense. Recife: CEPE, 2009, p. 210.

Hélder apresenta em suas cartas uma idéia fixa sobre um futuro Concílio Vaticano III; no trecho a seguir, ele faz propostas para a realização do mesmo: “Para preparar-nos para o Vaticano III, pretendemos, com a graça divina - promover cursos de atualização pastoral, à luz do Concílio, para Bispos, Padres, Religiosas e Leigos.”⁷⁹ Como disse Dom Hélder: “A Providência me levou pela mão para Recife, capital do Nordeste em desenvolvimento. Reparem que acúmulo de circunstâncias exige que eu passe da teoria à prática.”⁸⁰ Luiz Carlos Luz Marques acrescenta:

Nunca será demais destacar a visão de Dom Hélder, sua capacidade de prever e organizar-se para o futuro. Enquanto muitos bispos, do mundo inteiro, chegaram ao Concílio, em 1962, sem saber exatamente o que os esperava e saíram dele, em 1965, sem saber colocar em prática as decisões recém-tomadas, Dom Helder, desde o início, tinha para isso um preciso programa, que colocou imediatamente em ação. É de sua autoria o primeiro projeto concreto de atuação do Concílio, enviado durante o mês de janeiro de 1963 a bispos do mundo inteiro, há pouco mais de um mês do encerramento do 1º Período, intitulado Troca de idéias com os irmãos no episcopado (Arquivo da Biblioteca do INP, Brasília, nº 09130)⁸¹

Pela fala de Marques, percebe-se que Hélder estava de fato ligado ao Concílio e fazendo deste uma ponte entre as discussões ali presentes e as possibilidades de articular as mesmas em sua Arquidiocese.

Em entrevista concedida a uma revista jesuíta, Dom Hélder relata: “Fascinante foi o encontro (das 21 às 23 h) com os Jesuítas de 13 países, à frente das maiores Revistas da Companhia. Demos um balanço do Concílio (da maneira mais realística e ao mesmo tempo caridosa e construtiva) e articulamos planos para o Vaticano III.”⁸² Outra vez, Dom Hélder faz alusão ao Vaticano III.

Novamente, dom Hélder volta a falar sobre o possível Concílio Vaticano III, tratando da possibilidade de existência de uma teologia voltada para os assuntos da pobreza: “Ajuda-a na abertura de portas : que nenhuma seja fechada por Ela, mas se abram todos os diálogos e irrompa hora nova e única para os teólogos, encarregados não só de

⁷⁹ CÂMARA, Hélder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo II. 3 de Outubro 1964. 24ª Circular Roma para Família Joânica. Recife: CEPE, 2009. p. 96.

⁸⁰ Idem.

⁸¹ MARQUES, Luiz Carlos Luz. In. CAMARA, Hélder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo II. 3/4 de Outubro de 1964. 25ª Circular, Roma, para família Joânica. Recife: CEPE, 2009, p. 97.

⁸² CÂMARA, Hélder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo II. 29/30 de Outubro de 1964 57ª Circular, Roma, para família Giovanina. Recife: CEPE, 2009, p. 222.

aprofundar o Vaticano II, mas de preparar o Vaticano III.”⁸³ A partir de agora, à luz da fala de dom Hélder sobre um possível Vaticano III, podemos dizer que este seria um assunto que já estava em pauta para ser exposto a outros bispos. Embora até o momento outras fontes não nos tenham revelado esta possibilidade. Em outra carta, ele continua: “No Vaticano III, chegaremos à Diaconisas.”⁸⁴

Mais uma vez, dom Hélder faz alusão ao Concílio Vaticano III, desta vez para falar da questão da linguagem utilizada durante as reuniões conciliares; ele dá o exemplo do Cardeal Cardijn na ocasião em que o mesmo profere uma fala durante uma das reuniões conciliares em latim: “Como vêem, para ajudar o Concílio não preciso falar na Basílica. Ontem, tive pena de Cardijn: foi falar em latim e em 10 minutos, foi um desastre. No Vaticano III, será diferente. O latim já terá sido piedosamente enterrado.”⁸⁵ Na fala de Hélder é possível notar uma grande convicção na possibilidade de existência do Vaticano III, e aqui também a luta do bispo para combater o latim como língua oficial da Igreja Católica. Para ele, o latim não contemplava a todos e era importante que a Igreja fosse para todos. Escolher uma língua oficial para Igreja seria, portanto, fazer opção por um único grupo: “os que sabiam falar e entender de forma clara o latim”.

A idéia da existência de um possível Concílio Vaticano III também era compartilhada por outros amigos de dom Hélder, como por exemplo, o Cardeal Suenens; em certo trecho Hélder, narra a fala do Cardeal quando ele alude à inexperiência dos bispos quando do início do Concílio e o quão estão prontos para um novo e possível Vaticano III:

Entre os especiais motivos de ação de graças, devemos incluir o Concílio. Foi o que nos lembrou na tarde de ontem, o Cardeal Suenens, em palestra esplêndida na *Domus Mariae*. Rimos a valer quando ele recordou, segundo a palavra do Papa João, como todos nós éramos noviços em Concílio... E comentou: “Termina o nosso Noviciado. Estamos preparados para o Vaticano III”.⁸⁶

Por ocasião do quase fim do Concílio Vaticano II, dom Hélder foi convidado a conceder uma entrevista às onze maiores revistas da Companhia Jesuíta. Durante a

⁸³ CÂMARA, Hélder. *Circulares Conciliares Volume I – Tomo II*. 28/29 de Setembro de 1964. 18ª Circular Roma para Família Joânica. Recife: CEPE, 2009. p. 70.

⁸⁴ CÂMARA, Hélder. *Circulares Conciliares Volume I – Tomo II*. 29/30 de Setembro de 1964. 19ª Circular Roma para Família Joânica. Recife: CEPE, 2009. p. 72.

⁸⁵ CÂMARA, Hélder. *Circulares Conciliares Volume I – Tomo III*. 20/21 de Setembro de 1965 11ª Circular, Roma, para família Mecejanense. Recife: CEPE, 2009, p. 33.

⁸⁶ CÂMARA, Hélder. *Circulares Conciliares Volume I – Tomo III*. 09/10 de Outubro de 1965 30ª Circular, Roma, para família Mecejanense. Recife: CEPE, 2009, p. 106.

conversa, algumas perguntas deram mais Ibope, como por exemplo: “Por que o Senhor considera possível a existência do Vaticano III?”; “O que entrevê para dez anos que na aceleração histórica valem um século?”. Dom Hélder, com clareza faz uma exposição de suas idéias aos jornalistas jesuítas, dizendo:

Em 10 anos, o homem terá: desembarcado pelo espaço afora, com todas as surpresas que daí podem vir; e, como não creio em Deus ciumento, com medo de sombra, com receio do poder que entrega ao co-criador, creio que o homem criará artificialmente a vida, atingirá a ressurreição dos mortos (claro que com limites e desgastes). Haverá, então, tal estado de pânico – sobretudo criado pelos que se atrevem a traçar limites à generosidade de Deus na comunicação de seus poderes – o ateísmo receberá impulso tão forte, que só mesmo reunindo o Vaticano III.⁸⁷

Hélder era capaz de fazer uma leitura amplificada do que significava para ele a evolução humana e o que isto implicaria para Igreja daqui a dez anos e ainda vai além, tentando mostrar que, com estas tentativas de extinguir a mão divina, pode-se dar margem a um levante muito grande dos ateus. Mas, para uma possível existência do Concílio Vaticano III, dom Hélder ainda tem mais planos e, durante sua conversa com os jornalistas e teólogos doutores jesuítas, ele lança uma pergunta surpreendendo todos os que ali estavam: “Se vocês me chamam Profeta, aceitam que são Doutores: me digam, por favor – vocês descobrem algum argumento de fato decisivo que barre à mulher o acesso ao sacerdócio ou se trata de preconceito masculino que o Vaticano III poderá derrubar?”⁸⁸ A pergunta fez com que todos se calassem, visto que, até o momento, nenhum daqueles homens ali presentes haviam pensando na possibilidade de existir o sacerdócio feminino e dom Hélder fica surpreso com o fato de nenhum deles imaginarem tal possibilidade.

Outra temática que foi discutida na IV^a sessão do Concílio Vaticano II, foi o uso dos anticoncepcionais pelos casais, o que era ali chamado de controle de natalidade; os bispos e padres, em especial aqueles que compunham o quadro dos países subdesenvolvidos, eram a favor do controle de natalidade; como este era para Igreja Católica um assunto tabu, o Papa Paulo VI temia por dar um passo em falso, mesmo que, de certa forma, o Clero Católico, quase no seu todo, já estivesse orientando de forma clara os seus casais, como nos aponta Hélder: “Não adianta o Santo Padre e os Bispos se iludirem: nosso Clero, na prática, já resolveu o assunto... Está deixando em paz os esposos

⁸⁷ CÂMARA, Hélder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo III. 13/14 de Outubro de 1965 34^a Circular, Roma, para família Mecejanense. Recife: CEPE, 2009, p. 121-122.

⁸⁸ Idem.

e até orientando os mais escrupulosos. Em áreas de miséria, começa, também, um trabalho de esclarecimento.”⁸⁹ Dom Hélder, sempre fiel ao Papa, e também adepto da causa, diz: “Por que, então, não alertar Paulo VI para o que está ocorrendo de verdade? Por mim, o bombardearia de cartas de Bispos, informando lealmente: nossos Padres, premiados pela realidade, já avançaram e não recuam mais.”⁹⁰

O desejo de Hélder era que o Papa somente se conscientizasse de que não havia mais como reverter essa situação e que ele, como representante da Igreja, deveria se manifestar a favor, uma vez que os Padres já estavam avançados e não voltariam atrás.

Aqui podemos dizer que, para o arcebispo dom Hélder Pessoa Câmara, seria de extrema importância o acontecimento de outro Concílio, o que ele chamou de Vaticano III. Esse seria, para Hélder, um momento de consolidação de todas as possíveis propostas que não foram bem discutidas no Vaticano II. Contudo o Concílio Vaticano II tem seu encerramento oficial no dia 08 de dezembro de 1965.

⁸⁹ CAMARA, Helder. Circulares Conciliares Volume I – Tomo III. 24/25 de Setembro de 1965 15ª Circular, Roma, para família Mecejanense. Recife: CEPE, 2009, p. 46.

⁹⁰ Idem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos no primeiro capítulo deste trabalho, Hélder Câmara, desde seu tempo como seminarista, já se manifestava escrevendo textos, como foi o caso dos textos por ele escritos para combater as posições da sua professora marxista. Após se tornar padre, ainda no Nordeste, Hélder entra no movimento integralista, uma vertente política que hoje consideramos de direita, trabalhando, assim, em vários movimentos na área da educação e em campanhas políticas como a Liga Eleitoral Católica. Em função de sua ampla participação política, padre Hélder torna-se uma referência para o movimento operário, ainda no Nordeste; quando vai para o Rio de Janeiro, ele permanece na mesma linha. Entretanto, ali, de início, é proibido de participar de qualquer manifestação política, mas, com o tempo, recebe a permissão para ingressar no mesmo movimento do qual fizera parte em Fortaleza. Quando Hélder se torna bispo em 1952, começa a desenvolver trabalhos nas favelas, em busca de uma vida digna para os pobres.

Temos um divisor de águas na vida de Hélder Pessoa Câmara: o homem que até então era militante integralista começa a desenvolver trabalhos nas favelas do Rio de Janeiro. Naquele momento, Dom Hélder foi taxado de comunista, de bispo vermelho, dentre outros nomes que faziam alusão ao bispo de esquerda. Foi nesse momento que Hélder sofreu várias retaliações por parte da Igreja Católica e também do Estado. Contudo, a leitura que fazemos aqui sobre as opções políticas de Hélder é a seguinte: no momento histórico em que o mesmo vivia existiam duas opções, ou o integralismo ou o comunismo. Sabemos que, por razões ideológicas, um padre católico ainda recém ordenado não seria comunista. Mas, como Hélder via a importância de estar inserido na política para lutar por seus ideais, ele toma como bandeira o integralismo, momento em que ele pôde se inserir na educação e nos movimentos operários. Portanto, não acreditamos que Hélder tenha sido comunista, conforme a leitura de alguns pesquisadores; vemos nas atitudes do mesmo que ele conseguiu criar uma terceira opção, que era a de um capitalismo cristão, que pensava as condições do pobre junto à sociedade, mas que, ao mesmo tempo, não ganhava uma característica comunista.

Hélder Câmara era capaz de fazer leituras que estavam além de seu tempo; quando ele propõe a criação da CNBB e, posteriormente, a criação do CELAM, ele está

pensando na futura organização de um Episcopado que poderia ganhar forças e se articular para mudar a situação na qual viviam os pobres na América Latina. Contudo, ele organiza, primeiramente, uma Conferência para o Episcopado brasileiro, já que este era o que contava com o maior número de bispos em toda a América Latina e, depois, com a experiência positiva da CNBB, ele propõe a criação de uma Conferência em nível Continental, haja vista que, juntos, os bispos latino-americanos poderiam compor um Episcopado com maior número de bispos no mundo, ganhando força em suas propostas.

Como vimos no decorrer deste estudo, o que levou a Igreja no século XVI a convocar o Concílio de Trento foi, especificamente, a questão da Reforma Protestante. Naquele momento, era de fundamental importância que a Igreja Católica pensasse novas formas de se reafirmar em meio à sociedade moderna. Tal Concílio torna-se dogmático. Já o Vaticano II é convocado em meio a um contexto histórico conhecido como “Guerra Fria”, no qual o mundo havia passado por um período de grandes dificuldades, e que tem seu término em 1945, com o fim da Segunda Guerra. Até então, a Igreja não se manifestava sobre as condições subumanas por que passava a população, sobretudo nos países subdesenvolvidos; é em 1961, durante a Guerra Fria, que a Igreja Católica vai se posicionar em meio a tantos desconcertos da população. O Concílio Vaticano II vai refletir, de forma geral, o lugar da Igreja em meio à sociedade, tornado-se assim não um Concílio dogmático, como foi Trento, mas um Concílio de diretrizes e reflexões sobre os novos rumos a serem tomados pela Igreja Católica.

Com o Vaticano II, é possível depreender que houve um rompimento com a estrutura hierarquizada da Igreja Católica, a qual abolia, de modo geral, a participação dos leigos. Contudo, podemos perceber, a partir do Concílio citado, o início de uma aproximação latente da antiga hierarquia católica com os leigos que, a partir de então, começam a fazer parte dessa hierarquia, podendo, assim, participar da pastoral e até mesmo dos sacramentos, como é o caso do Diácono Permanente, uma nova adaptação da Igreja.

Quando Hélder vai para o Vaticano II, ele leva consigo seus ideais. Uma das primeiras proposições do bispo foi no que diz respeito à pobreza. Durante o Vaticano II, Hélder se articulou com bispos para juntos pensarem as questões relacionadas à pobreza na qual se encontrava a população dos países subdesenvolvidos. Ele cria o Grupo da Pobreza, contando, de início, com bispos dos países do terceiro mundo como os bispos da África, Ásia e América Latina. É a partir desse grupo que surgem proposições norteadoras acerca

de uma Igreja pobre, voltada para as populações que estavam vivendo em condições subumanas. Dom Hélder Câmara era muito radical no que diz respeito às questões da pobreza; sendo assim, ele propõe idéias que perpassam as possibilidades de realização por parte da Igreja. Um exemplo é a idéia de entregar o Vaticano aos pobres. A respeito do radicalismo de Dom Hélder, retomaremos ao final das considerações.

O Ecumenismo foi outra questão que também veio à tona no Concílio e Dom Hélder foi um dos responsáveis pelas discussões. Hélder cria também um grupo denominado Ecumênico. Nesse grupo, eram discutidas questões que estavam voltadas para a recepção da Igreja aos não católicos. Durante o Concílio, foi comum a presença dos não católicos, mas, nas cartas de Hélder, também temos relatos da presença de cristãos não católicos. A discussão sobre o Grupo Ecumênico transcendia a possibilidade de diálogo com os cristãos não católicos e pensava-se na possibilidade de diálogo com os não cristãos, e também com os ateus. Para Hélder, essa era um questão primordial pois no Brasil havia e hoje ainda mais, uma grande quantidade de religiões não cristãs como é o caso das religiões de matrizes africanas. Essas se encontravam nos bairros onde estavam aglomeradas as classes menos abastadas da sociedade, onde Dom Hélder atuava, tanto no Rio de Janeiro como em Recife. Portanto, seria importante um diálogo mais próximo com as religiões não cristãs. Dom Hélder sustentava o discurso do Ecumenismo, dizendo que o Cristo não era somente dos católicos e sim de todos.

Com a aprovação das idéias propostas pelo Grupo Ecumênico, temos algumas repostas que ainda hoje podem ser observadas na ação da Igreja. Podemos ver hoje um diálogo próximo com os não católicos, como é o caso da Semana da Unidade dos Cristãos, ou as missas voltadas para cultura africana, que buscam envolver a cultura do povo de origem não cristã, ou seja, o das religiões de matriz africana, Candomblé, Umbanda, dentre outros.

As Questões de Liturgia também compuseram os debates do Concílio Vaticano II e foram de grande importância para a aproximação da Igreja com o mundo, uma vez que, a partir de então, a Igreja Católica pôde se tornar universal. Podemos dizer que as modificações litúrgicas foram as mais importantes dentre todas do Concílio Vaticano II, haja vista que estas englobam, até certo ponto, as modificações propostas pelo Grupo de Pobreza e pelo Grupo Ecumênico. Quando pensamos na proposta de os bispos utilizarem roupas menos pomposas, isto está diretamente ligado às discussões feitas no Grupo de Pobreza. A proposta de as missas poderem ser celebradas à luz da realidade vivida em cada

lugar nos remete ao Ecumenismo, já que, a partir de então, pode-se celebrar as missas congas, afro, etc. Podemos afirmar que é dentro das discussões e modificações litúrgicas que vamos encontrar os maiores avanços do Vaticano II, como por exemplo, a Igreja Universal, observando-se como premissa desta universalização a abolição da língua vernácula, tornando se, assim, mais próxima de seus fiéis; a partir de então, as celebrações passariam a ser feitas nas línguas originais de cada país e não em uma língua específica imposta por Roma, como era o caso do latim. A aproximação dos padres com os leigos e, assim, sucessivamente, também nos remete às Questões de Liturgia. Contudo, é a partir das reuniões conciliares, que tiveram como tema as questões litúrgicas, que a Igreja começa a caminhar para uma possível aproximação com seus fiéis e uma possível quebra dos paradigmas de uma Igreja conservadora que começava a ir por terra e dar lugar a uma Igreja mais próxima da realidade.

Dom Hélder Câmara propõe, no início da década de 1950, a criação das Conferências do Episcopado brasileiro e latino-americano. Contudo, uma das grandes questões que geraram discussões ferrenhas durante o Vaticano II foi a colegialidade dos bispos. Com a colegialidade aprovada, as Conferências ganharam maior poder de discussão e tomada de decisões. Estava ai a grande preocupação por parte da maioria do Episcopado europeu e, também, de forma geral, dos bispos conservadores. A colegialidade dos bispos foi aprovada; portanto, o Pós-Concílio trouxe para a realidade da Igreja latino-americana outra visão sobre as questões da pobreza. Temos então duas grandes Conferências na América Latina: a Conferência de Medellín, em 1968, quando do surgimento da Teologia da Libertação, a qual nortearia a atuação da Igreja Católica na América Latina, e também a Conferência de Puebla, em 1979, quando o Episcopado latino-americano é chamado a rever algumas questões no que diz respeito à Teologia da Libertação.

Quando da criação da TDL, a visão de Igreja na América Latina vai se transformar, visto que as discussões serão voltadas para a questão da pobreza e das injustiças sociais. A partir daí, teremos a criação de vários movimentos, como por exemplo, as Comunidades Eclesiais de Base, a Pastoral da Terra, Pastoral Rural, entre outros. A década de 1970 marcou a história da Igreja, tanto no Brasil quanto em toda a América Latina, momento em que os padres e bispos se unem ao povo para lutar contra a injustiça social que aqui se fazia presente. É importante ressaltar que, quando falamos em padres e bispos, deixamos claro que nem todos eram adeptos de tais movimentos, visto

que, durante as discussões, ocorreu a divisão no Episcopado entre conservadores, moderados e progressistas. Esta divisão ficará bem mais visível a partir do momento em que a mesma mudará os rumos que a Igreja estava tomando até então. Contudo, esse período é marcado pela atuação dos bispos das alas progressista e moderada, que eram representadas por bispos como o próprio Hélder Câmara, Pedro Casaldáliga, Paulo Evaristo Arns, Tomás Balduino, dentre outros, e também padres como Frei Betto e Leonardo Boff. Dentre esses, muitos sofreram perseguições políticas por suas opções sociais e capacidade de articulação no meio do povo.

Dom Hélder encerra o Concílio Vaticano II propondo a possibilidade, e talvez a necessidade, do Vaticano III. Este seria para ele um momento em que a Igreja colocaria para discussão as questões que ainda não haviam sido resolvidas no Vaticano II, e também amadureceria melhor as questões que já estavam sendo colocadas em prática pela Igreja no Pós Concílio Vaticano II. Contudo, vimos que o pós Concílio foi para a América Latina um experiência positiva do ponto de vista da ala progressista. Temos, durante toda a década de 1970, um momento de auge para a Igreja idealizada por Hélder.

Enquanto Hélder propõe um outro Concílio para aprofundamento das idéias conciliares, ocorrem, em 1978, a morte de Paulo VI e a eleição de João Paulo II, que tem como um dos objetivos de seu Pontificado o fim do comunismo e das práticas que se assemelhavam ao mesmo. João Paulo II foi Papa durante 26 anos, sendo considerado um dos maiores líderes políticos do século XX. Contudo, sendo da ala moderada, ele recebe de Paulo VI uma Igreja completamente reestruturada, que estava começando a caminhar para uma abertura ainda maior, sobretudo na América Latina, que já estava se organizando e criando suas próprias estratégias de trabalho como é o caso da formação de uma Teologia Latino Americana, a TDL.

Para os conservadores e moderados, o que estava ocorrendo na América Latina era um risco para a Igreja Católica, visto que a partir de então os leigos estavam tornando-se mais autônomos perante os padres e, portanto, não existia a necessidade de um padre para que acontecesse um momento de oração ou reuniões dentro de uma comunidade. As CEBs surgem nesse momento, trazendo para dentro da Igreja os pobres que até então se encontravam excluídos, pregando um Deus libertador e não aquele opressor. De certa forma, a TDL rompia com toda a estrutura hierarquizada posta pela Igreja Católica e que ainda no Pós Concílio estava preservada.

O fim da TDL na América Latina começa com a Conferência de Puebla em 1979, quando João Paulo II faz sua primeira viagem apostólica com destino ao México, encontrando lá a maioria dos bispos latino-americanos. A primeira investida de João Paulo II foi sobre a TDL, visto que na visão deste Papa ela poderia ser um risco para a hierarquia da Igreja na América Latina. Contudo, nas mãos de João Paulo II, a Igreja Católica toma novos rumos, tendo como uma das alternativas de combate à TDL, a implantação da Renovação Carismática que surge no Brasil em fins da década de 1980, tendo sua origem nos EUA.

A partir desta pesquisa, surgiu uma questão que não conseguimos contemplar na mesma: reconhecemos a grande importância e influência que Dom Hélder Câmara teve não só no Concílio Vaticano II, mas também no Brasil e na América Latina de forma geral. Assim, Hélder se destacou tanto por suas idéias quanto pelas amizades que fez ou que já havia feito, como é o caso de sua amizade com o Cardeal Montini que, posteriormente, seria eleito Papa. Hélder continua sendo amigo de Paulo VI e até recebe o Pálio das suas mãos, enquanto os outros 40 arcebispos receberam-no das mãos do Cardeal Otaviani. Sendo assim, a questão é a seguinte: qual seria o motivo que levou Hélder Pessoa Câmara a permanecer como Arcebispo e não chegar ao Cardinalato? Seria a entrega do Pálio um prêmio de consolação ao bispo? O que levou Paulo VI a fazer de Eugenio Sales, Cardeal do Rio de Janeiro, e não Hélder Câmara, seu amigo pessoal? Tudo isto nos leva a entender que os ideais de Hélder Câmara ultrapassavam o campo das possibilidades vistas pela Igreja e que ele poderia vir a ser, então, um problema para a mesma, tornando-se Cardeal. E com sua liderança e carisma, quem sabe um futuro Papa...e é nessa reflexão tão controversa que indagamos: afinal, até que ponto a Igreja, enquanto Instituição de liderança e modelo para os povos, mudou de fato suas concepções ditas progressistas ou tradicionalistas e assumiu um posicionamento tão sonhado por Dom Hélder Câmara? Contudo, esta questão seria objeto para uma outra pesquisa, que ficará como sugestão para outros estudiosos interessados pelo assunto, ou quem sabe, por nós mesmo em oportunidades futuras.

BIBLIOGRAFIA

- ANDERSON, Perry. Linhagens do estado absolutista. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- ANGELO, Vitor Amorim de. Guerrilha do Araguaia: Luta Armada no Campo. Consultada em 05/07/2011. Disponível em: <http://educacao.uol.com.br/historia-brasil/guerrilha-araguaia.jhtm>.
- ARAÚJO, Edvaldo M. Dom Hélder Câmara. Profeta-Peregrino da justiça e da paz. Pensamento teológico e antropológico. Aparecida -SP: Idéias e Letras, 2012.
- ARNS, Dom Paulo Evaristo. Brasil Nunca Mais. Petrópolis: Vozes, 1986.
- BALDISSERA, Adelina. CEBS poder, nova sociedade. São Paulo-SP. Editora Paulinas 1987.
- BARBOSA, Fabiane Machado. *Comunidades eclesiais de base na história social da Igreja Cariacica (1973-1989)*. Dissertação (Mestrado em História). Vitória, Universidade Federal do Espírito Santo, 2007.
- BARBOSA, José Dílson de Almeida. *As Comunidades Eclesiais de Base – CEBS: nas décadas de oitenta e noventa em Cuiabá–MT*. Cuiabá – MT. 2008.
- BENSEN, José A. História da Igreja. O Concílio do Vaticano I e a Centralização da Igreja. Jornal “Missão Jovem”. Disponível em: <http://www.pime.org.br/missaojovem/mjhistdaiigrejavaticano.htm> consultado em: 23/01/2011.
- BEOZZO, Pe. José Oscar. In: CÂMARA, Hélder, Circulares conciliares: 13/14 de outubro de 1962 a março de 1964/ Dom Hélder Câmara. Org. MARQUES, Luiz Carlos Luz. FARIA, Roberto de Araújo. Recife – PE: CEPE, 2009.
- BETTO, Frei. CEBS Rumo a Nova Sociedade. O 5º encontro intereclesial das Comunidades Eclesiais de Base Canindé, julho de 1983. Edições Paulinas. São Paulo 1983.
- BETTO, Frei. O que é Comunidade Eclesial de Base. São Paulo. Ed. Abril. Cultura. Brasiliense. 1985. (Coleção Primeiros Passos).
- BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. Dicionário de Política. V. 2. 9.ed. Brasília: UNB, 1995.
- BOFF, Leonardo. Igreja: carisma e poder. Petrópolis: Vozes, 1981, p. 185.
- BOFF, Leonardo. Teologia do cativo e da libertação. Petrópolis – RJ : Editora Vozes, 1980.
- BORGES, Vavy Pacheco. Grandezas e misérias da biografia. In: PINSKY, Carla Bassanezi. Fontes históricas. São Paulo: Contexto, 2005.

BRITO, Lucelmo Lacerda de. Medellín e Puebla: Epicentro do confronto entre progressistas e conservadores na América Latina. Revista Espaço Acadêmico, n 111 Agosto de 2010.

BROUCKER, José de. As noites de um profeta: Dom Hélder Câmara no Vaticano II: leitura das circulares conciliares de Dom Hélder Câmara (1962 – 1965). São Paulo: Paulus, 2008.

CÂMARA, Dom Hélder. O deserto é fértil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

CASTRO, Marcos de. Dom Hélder, o bispo da esperança. Rio de Janeiro: Edição Graal, 1978.

CATÃO, C. A. Francisco. O Que é Teologia da Libertação. Editora brasiliense. São Paulo. 3ª ed 1989.

CAVA, Ralph Della. A igreja e a abertura 1974 – 1985. In: STEPAN, Alfred. Democratizando o Brasil. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

CHAUVEAU, Agnés; TÉTART, Philippe. Questões para a história do presente. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

CIRANO, Marcos. Os caminhos de Dom Hélder: Perseguições e censuras. Recife: Guararapes, 1983.

CLAUDINO, Assis. O Monstro Sagrado e o Amarelinho Comunista: Gilberto Freyre, Dom Hélder e a Revolução de 64. Recife: Opção, 1985.

COLLINSON, Patrick. A Reforma. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

COODINA, Victor. Para Compreender a Eclesiologia a partir da América Latina. São Paulo. Edições Paulinas, 1993 (coleção Libertação e Teologia)

COPPI, Pe. Paulo de. Por uma Igreja Toda Missionária: Breve curso de missiologia. São Paulo: Paulus, 1994.

CUNHA, Antonio Afonso da, Monsenhor. Nossos Pais no Contaram: História da Igreja em Uberlândia, 1918-1989. Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Uberlândia-MG. 1989.

DEL PRIORI, Mary. O livro de ouro da história do Brasil: do descobrimento à globalização. Rio de Janeiro: Ediouro.

DELUMEAU, Jean. História do Medo no Ocidente 1300 – 1800: Uma cidade sitiada. São Paulo – SP: Companhia das Letras, 1989.

DELUMEAU, Jean. O Pecado e o Medo: A culpabilização no Ocidente (século 13 – 18) Volume I. Bauru – SP: Edusc, 2003.

DELUMEAU, Jean. O Pecado e o Medo: A culpabilização no Ocidente (século 13 – 18) Volume II. Bauru – SP: Edusc, 2003.

DUSSEL, Enrique D. Caminhos de Libertação Latino-Americana: Interpretação histórico-teológica Tomo I. São Paulo: Paulinas, 1984.

FALCÃO, D. Manuel *Franco*. Enciclopédia Católica Popular. Editora *Paulinas*, 2004.

FARIA, Sheila de Castro. A Colônia em Movimento: Fortuna e Família no Cotidiano Colonial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

FEBVRE, Lucien. Combates pela história. 2ª Edição. Lisboa. Editora Presença. 1985.

FERNANDES, Luiz Gonzaga. Gênese, dinâmica e perspectiva da CEBs no Brasil, Vozes, Petrópolis. 1982.

FERREIRA, Laís Mônica Reis. Educação e Assistência Social: As estratégias de inserção da Ação Integralista Brasileira nas camadas populares da Bahia em O imparcial. Salvador BA: Dissertação Mestrado, 2006.

FERREIRA, Marieta Moraes; AMADO, Janaina. Entrevistas: Abordagem e Uso da História Oral. Fundação Getulio Vargas, Rio de Janeiro, 1994.

GOHN, Maria da Glória. História dos Movimentos e Lutas Sociais: a construção da cidadania dos brasileiros. 6ª Edição. São Paulo. Edições Loyola, 2011.

GOMES, Ângela de Castro. Em família: a correspondência de Oliveira Lima e Gilberto Freyre. Campinas – SP: Mercado de Letras, 2005.

GUTIÉRREZ, Gustavo. A força histórica dos pobres. Petrópolis: Vozes, 1981.

HAUSER, Arnold. História social da arte e da literatura. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

HOBBSAWM, Eric J. Era dos Extremos: o breve século XX: 1914 – 1991. São Paulo – SP. Companhia das Letras, 1995.

HOUTART, François. La Iglesia Latinoamericana En La Hora Del Concilio. Friburgo y Bogotá: Oficina Internacional de Investigaciones Sociales de PERES, 1962.

JOUTARD, Philippe. História Oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos. In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta Moraes. Uso e abuso da História Oral. 4ª Edição. Rio de Janeiro. FGV, 2001.

KLUG, João. Lutero e a Reforma Religiosa. São Paulo: FTD, 1998.

LEÃO, Jordana Gonçalves. Fragmentos de um diário: a correspondência pessoal de Hélder Pessoa Câmara (1944 – 1952). Dissertação: Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2010.

LEVILLAIN. Philippe. “O Concílio Vaticano II (1962-1965)”. In: CORBIN, Alain (org.). *História do Cristianismo*. SP: Martins Fontes, 2009.

LIBANIO, João Batista. Concílio Vaticano II: Em busca de uma primeira compreensão. São Paulo: Loyola, 2005.

LUIZETTO, Flávio. Reformas Religiosas. São Paulo: Contexto, 1989.

LUSTOSA, Oscar F. A Igreja católica no Brasil República. Cem anos de compromisso (1889-1989). São Paulo: Paulinas, 1991.

MALATIAN, Teresa. Cartas: Narrador, registro e arquivo. IN: PINSKY, Carla Bassanezi. LUCA, Tânia Regina. O historiador e suas fontes. São Paulo – SP: Contexto, 2009.

MARQUES, Luiz Carlos Luz. IL Carteggio Conciliare di Mons. Helder Pessoa Camara (1962-1965). Tese de Doutorado em História Religiosa defendida na Universidade de Bolonha – Itália, 1998.

MARQUES, Luiz Carlos Luz. Observações úteis para entender o concílio. In: Dom Helder Câmara. Circulares Conciliares. Volume I – Tomo I: de 13/14 de Outubro de 1962 a Março de 1964/ orgs. Luiz Carlos Luz Marques e Roberto de Araújo Faria – Recife: CEPE, 2009.

MARX, Karl. A assim chamada acumulação primitiva. In: _____. O capital. São Paulo: Abril Cultural, 1984, vol. I, t. 2.

MAURÍCIO, Ivan. Dom Carlos Coelho: Série arcebispos de Olinda e Recife, 5º arcebispo. O Jornal do Nordeste. 05-09-2009. Consultado em: 23-05-2011. Disponível em: http://www.onordeste.com/blogs/index.php?titulo=Blog+Ivan+Maur%C3%ADcio+-+DOM+CARLOS+COELHO¬id=3786&id_user=1

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Vozes da Marcha pela Terra. Loyola, Terra. São Paulo 1998.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Manual de História Oral. Loyola, São Pulo, 1996.

MESCHIATTI, José Eduardo. Trabalhadores da vinha: estudo sobre a formação do clero. O seminário católico antes e depois do Concílio Vaticano II. Campinas, SP 2007. Tese de Doutorado.

MONDIN, B. Os teólogos da libertação. São Paulo: Paulinas, 1980.

PERALIAS, Isabel Ortega. Participação e autonomia das mulheres nas Comunidades Eclesiais de Base. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Goiânia, Universidade Federal de Goiás, 2005. 2005.

PILETTI, Nelson. PRAXEDES, Walter. Dom Hélder Câmara: o profeta da paz. São Paulo: Contexto, 2008.

RÉMOND, René. “O cristianismo e as ideologias do século XX. In: CORBIN, Alain (org.). *História do Cristianismo*. SP: Martins Fontes, 2009.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. Gênero Patriarcado e Violência. São Paulo – SP: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SCOTT, Pe. Peter R. O que é colegialidade?. Fraternidade sacerdotal de São Pio X. Site oficial do priorado Pe. Anchieta. Distrito da América do Sul. Consultado em: 05/06/2012, disponível em: <http://www.fsspx.com.br/exe2/o-que-e-a-colegialidade/>

SERBIN, Keneth P. *Diálogo na Sombra: Bispos e Militares, Diálogos e justiça social na ditadura*. Companhia das Letras. São Paulo – SP. 2001.

SEVCENCO, Nicolau. *O Renascimento*. São Paulo – SP: Atual, 1994.

SHERER, Dom Odilo Pedro. *Plano Pastoral da CNBB. Apresentação da Edição 2004*.

SILVA, Ana Amélia. *Religião e Razão Comunicativa: As Comunidades Eclesiais de Base no Contexto da Redemocratização*. USP, 2002. Dissertação de Mestrado.

SKIDMORE, Thomas. *Brasil de Castelo a Tancredo, 1964-1985*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1988.

THOMPSON, Paul. *A Voz do Passado. História Oral*. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1992.

VEIGA, Alfredo César da. *Teologia da Libertação: Nascimento, expansão, recuo e sobrevivência da imagem do excluído dos anos 1970 à época atual*. São Paulo, SP, 2009. Tese de Doutorado.

VEIGA, Luiz Maria. *A Reforma Protestante*. São Paulo: Ática, 1990.

WEINSTEIN, Barbara. *(Re) formação da classe trabalhadora no Brasil (1920-1964)*. São Paulo: Cortez; Bragança Paulista: EDUSF, 2000.

FONTES

CÂMARA, Hélder, *Circulares conciliares: 13/14 de outubro de 1962 a março de 1964/ Dom Hélder Câmara*. Org. MARQUES, Luiz Carlos Luz. FARIA, Roberto de Araújo. Recife – PE: CEPE, 2009. (Coleção obras completas de Dom Hélder Câmara. V. I T.I).

CÂMARA, Hélder, *Circulares conciliares: 12 de setembro a 22/23 de novembro de 1964/ Dom Hélder Câmara*. Org. MARQUES, Luiz Carlos Luz. FARIA, Roberto de Araújo. Recife – PE: CEPE, 2009. (Coleção obras completas de Dom Hélder Câmara. V. I T.II).

CÂMARA, Hélder, *Circulares conciliares: 13/14 de setembro a 8 de dezembro de 1965/ Dom Hélder Câmara*. Org. MARQUES, Luiz Carlos Luz. FARIA, Roberto de Araújo. Recife – PE: CEPE, 2009. (Coleção obras completas de Dom Hélder Câmara. V. I T.III).

João Paulo II. *Discurso inaugural no seminário palafoxiano de Puebla de Los Angeles, México*.

PAULUS VI, Papa. *Carta Encíclica Populorum Progressio de sua Santidade o Papa Paulo VI sobre o Desenvolvimento dos Povos. Aos Bispos, Sacerdotes, Fiéis e a todos os homens de boa vontade*.

Autorizo a reprodução deste trabalho.

Dourados, 31 de agosto de 2012.

Luiz Ricardo Prado